

TERESINHA MINUZZO

ANDARILHOS DO BEM ALIMENTAR:

O TRABALHO, A DEVOÇÃO E O LAZER.

Este exemplar corresponde à redação final da Dissertação defendida por Teresinha Minuzzo e aprovada pela Comissão Julgadora em 21 de junho de 1995.

Data: 5/2/96

Assinatura: Al Em hus

**ANDARILHOS DO BEM ALIMENTAR:
O TRABALHO, A DEVOÇÃO E O
LAZER.**

Trabalho apresentado pela mestranda
TERESINHA MINUZZO à Banca Examinadora do
Exame de Tese de Mestrado, para a
obtenção do título de mestre em Educação
Física, na área de concentração Estudos
do Lazer.

Orientador: Profa.Dra.Heloisa Turini Bruhns,
do Departamento Estudos do Lazer - FEF -
UNICAMP.

CAMPINAS - FEF - UNICAMP

1995

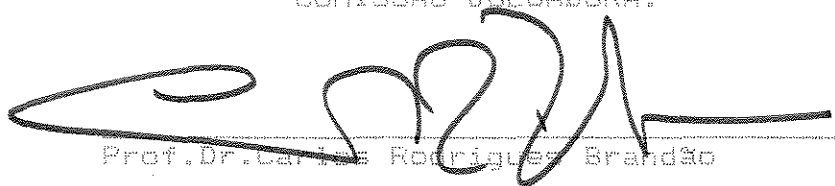
UNIDADE	BC
N.º CHAMADA:	UNICAMP
	M668a
V.	E.
DIÁRIO P.	26964
P.	667/96
	U ☒ X
PREÇO	R\$ 11,00
DATA	12/3/96
N.º CPD	

CM-00084808-3

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA - FEF - UNICAMP

M668a	Minuzzo, Teresinha Andarilhos do bem alimentar: o trabalho, a devoção e o lazer / Teresinha Minuzzo. - - Campinas, SP : [s. n.], 1995. Orientador: Heloisa Turini Bruhns Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física. 1. Educação Física. 2. Lazer. 3. Turismo. 4. Antropologia. 5. Ecologia. 6. *Trilha. 7. *Caminhadas. 8. *Romaria. I. Bruhns, Heloisa Turini. II. Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física. III. Título.
-------	---

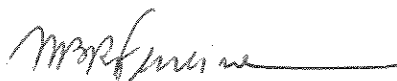
COMISSÃO JULGADORA:



Prof. Dr. Carlos Rodrigues Brandão



Profa. Dra. Heloisa Turini Bruhns



Profa. Dra. Maria Beatriz Rocha Ferreira

DATA

Campinas novembro 1995

HOMENAGEM

DEDICO AO SECULO DA FOME ONDE OS CAMPOS ESTAO SENDO
PRESERVADOS SEM CAMPONESES E SEM ALIMENTO PARA OS QUE NELES
HABITAM.

AGRADECIMENTOS

... aos meus pais pela herança dos estudos;

... aos meus nove irmãos pela tolerância e aceitação como sou;

...sem falar na facilitação da Martinha, Regina, Carlão cuidando de minha casa e dos cães durante minhas permanências em campo;

...a mãe Neta e pai Vilé, que estavam sempre ali nas despedidas e chegadas do campo;

...Toninho pelas infinitas explicações do computador e por pastorear a minha casa durante as ausências;

...Rita pelas longos momentos dedicados às leituras dos textos e ao incentivo para que eu não desistisse;

...e ao Prof.Dr. Carlos Rodrigues Brandão por acreditar e me dar a chance de poder estudar e levar algo para Área de Educação Física;

...Prof.Dr.Marcio D'Olne Campos por nossas longas discussões e desentendimento, que me fez discernir sobre a qualidade das relações humanas;

...a Profa. Dra.Heloisa Turini Bruhns por ter me auxiliado no primeiro passo e no término de uma etapa desta caminhada, onde eu aprendi muita coisa sobre a vida, sobre o OUTRO, através do OUTRO;

...as pessoas que vivem nas cidades onde pesquisei, que me fizeram pesquisadora;

...a Dona Lurdes, pelas longas conversas, café e pão de Cristo, pela companhia;

...ao Walter, pela contribuição do material histórico;

...Miltinho, Amilton, Meio Quilo, Hélio e todos os colegas de São Francisco, Joanópolis e Monte Verde pelas explicações;

...funcionários das prefeituras de Monte Verde, Joanópolis e São Francisco Xavier;

...Dr.Charles e João Verona por facilitar minhas estadias em São Francisco Xavier e Joanópolis;

...ao Cláudio, pelas as cervejas e as andanças solitárias pelas noites a dentro, e porque não;

... a Nicinha pelo aconchego e comida deliciosa;

... a Nilza pela dedicação as transcrições de fitas e correções de alguns textos;

...a Guta pela rapidez e dedicação as transcrições de fitas, sempre bem humorada, e tão mal remunerada;

...a Andréia, Simone, Elisângela, Paula, Gloria, Luciana e Zeca pelos auxílios nos trabalhos manuais, braçais e domésticos;

...aos colegas do HOSANA;

...a Lúcia (NEPAM) por me incentivar e acreditar que podia seguir a minha trilha, além das leituras e sugestões dadas ao estudo;

...aos funcionários do OBONU - Observatório a Olho Nú: Sonia Luzia, Ulisses, Teka, Fátima e Jô;

...aos funcionários da FEF;

...ao Prof.Dr.Nelson Carvalho Marcellino pelas conversas e orientações nas horas difíceis;

...ao Prof. Dr.João Batista Freire e Prof.Dr.Wagner Moreira Wei;

...a Profa.Dra.Beatriz Ferreira

...Amigos: Carlos -Edna - Eliana - Maria Elina - Nuremar - Rosa - Sonia Clareto - Tatá - Tereza Luchiarí;

...Colegas do curso de mestrado FEF pelo apoio, por acreditar, pelas críticas e sugestões e pelas alegrias;

...a FAPESP, CAPES e FAEP, pelo auxílio financeiro, que sem este seria um tanto inviável a realização deste trabalho;

...Dr.Crispim Campos, Dr. Heitor e Dra.Amélia por auxiliarme a cuidar do meu ego, por me fazer vivenciar a dor e fazer descobrir e aceitar quem sou, e a relação da dissertação com o meu Ser;

...Dona Tereza e D.Meire (Paulinia) pela compreensão e facilitação do meu compromisso;

... aos jovens e companheira de trabalho, Luiza, do Projeto Sol;

... e a todos aqueles que não mencionei o nome, e aqueles que diretamente ou indiretamente contribuíram com este estudo;

o meu sincero agradecimento.

RESUMO

O estudo consiste numa reflexão a respeito do significado do ato de caminhar, permitindo abordar a caminhada numa época contemporânea, detectando as representações dos indivíduos que caminham por trilhas brasileiras.

Foram escolhidos três tipos de atores: trilheiros, roceiros e romeiros; pertencentes a dois grupos sociais: urbanos e roceiros. Dentre os últimos encontram-se os romeiros. Os trilheiros encontram-se entre o urbano.

O que se tem em comum entre os atores é a utilização do caminhar para realizar suas atividades: ir trabalhar na roça, praticar a romaria e caminhar em ambientes naturais.

O cenário do estudo foi o ponto de encontro onde os três sujeitos realizam suas atividades, ou seja, as trilhas que se interligam na Serra da Mantiqueira, especificamente nos distritos de: Monte Verde (MG), Joanópolis (SP) e São Francisco Xavier (SP).

A metodologia adotada foi a Observação Participante, utilizando-se de instrumentos e procedimentos da Área da Antropologia, muitas vezes recaindo numa abordagem antropológica.

Da apresentação do trabalho constar: a história da abertura e utilização das trilhas brasileiras, a relação corpo-ambiente natural, a descrição geográfico-histórico-

sócio-econômico-cultural da região escolhida, os personagens do estudo e o olhar do pesquisador.

A realização da pesquisa permitiu chegar a algumas considerações (conclusões). O uso de uma mesma atividade humana difere em significado, em tempos e espaços diversos, existindo a representação individual e coletiva de acordo com o grupo social (de) onde a atividade se manifesta. É possível assim colocar que o ato de caminhar entre os roceiros se dá pelo trabalho, entre os romeiros pela devoção e entre os trilheiros pela busca de si e o lazer.

ABSTRACT

The study is a reflection about the meaning of the walking act which has permitted to approach the walking contemporarily, and detect the representations of individuals who walk along the Brazilian treks.

Three kinds of actors of two social groups were chosen: urbanes and planters. Among the planter actors there were also the pilgrims. Among the urban actors, the trekkers, who named themselves, were closer.

What is common between these actors is the way they use the walking to accomplish their activities: to go to the tract of recently cleaned land to work, to practice the pilgrimage and walk in natural environment.

The scenery of the study was the place of encounter where the three individuals realize their activities, the treks which come across in Mantiqueira Mountain specifically in the district of Monte Verde (MG), Joanópolis (SP) and São Francisco Xavier (SP).

The methodology adopted was the Participant Observation, using instruments and proceedings of the Anthropology, in many times the own anthropologic approach.

The presentation of the work is composed of: the history of the opening and use of the Brazilian treks; the relation body-natural environment; the geographical-historical-social-economical-cultural description of the region that was chosen; the character of the study and the

view of the researcher.

The accomplishment of the research has permitted some considerations (inferences). The use of the same human activity has different meanings, in several times and spaces, and there is an individual and collective representation according to the social group (from) where the activity is manifested. It is possible to say that the act of walking among the planters occurs by the work, among the pilgrims by the devotion and among the trekkers by the search of themselves and leisure.

S U M A R I O

INTRODUÇÃO	1
CAPITULO I- A TRAJETÓRIA DO PESQUISADOR	7
CAPITULO II- O CAMINHO QUE A TRILHA TOMOU	14
CAPITULO III- CORPO E AMBIENTE NATURAL	34
1 - O ritual da caminhada pela vida.....	43
2 - Sinais e pistas no ambiente.....	45
3 - Os pés nas trilhas.....	50
4 - Máximo e mínimo esforço	54
CAPITULO IV- O CENARIO	
1 - A região estudada: a situação na Serra.....	61
2 - Cruzando as histórias	64
3 - A presença do verde: por entre monta- nhas e rios	71
4 - Configuração rural/urbana: semelhanças e diferenças	78
CAPITULO V- OS CAMINHOS PERCORRIDOS: as trilhas do tra- balho, da devoção e do lazer	
1 - Preparação e execução	100
2 - O tempo de caminhar.....	118
3 - O espaço do caminhar	121
4 - Sobre observações dos grupos	124
5 - O corpo no caminhar: transportando diferenças	128
6 - Relação dos elementos: tempo/espaço/ corpo/ambiente	135
7 - Por entre significados	138
8 - Por entre olhares	147
CAPITULO VI- O OLHAR DO PESQUISADOR	
1 - Sobre conceitos.....	149
2 - Espaço/espacialidade.....	156
3 - Sobre trilhas e trilhar	161
4 - Tempo/temporalidade.....	165
5 - Corporeidade.....	171
5.1-O corpo caminhante transformando-se.....	171
5.2-For entre sinais	176

REFERENCIA BIBLIOGRAFICA

INTRODUÇÃO

Partindo da idéia inicial de estudar *TRILHAS* e o *ATO DE CAMINHAR*, buscamos o contato com dois grupos sociais, o *ROCEIRO* e *URBANO*, para com a finalidade de, compreendermos formas distintas de utilização das *TRILHAS* e do mesmo *ATO (DE CAMINHAR)*.

E nada melhor como cenário, como o ambiente natural; um ponto comum de encontro, onde acontece a mesma ação e encontram-se vários atores sociais.

O que nos parece importante nas relações entre caminhar, ambiente e grupos sociais, não é vê-los como "punhados de areia" retirados de uma grande planície. De acordo com PIRSIG (1984): *nem só analisarmos a paisagem da planície, nem só analisarmos o montinho de areia. Mas analisarmos os Grãos de areia sem perder de vista a planície de onde foi retirado.*

Assim, apresentamos a relação *CORPO-CAMINHAR-CAMINHANTE-AMBIENTE*, em um contexto histórico: desde os primeiros desbravadores das terras brasileiras, o pensamento da época e sua transformação, a construção e utilização das trilhas, tendo o indivíduo como sujeito que percebe e constrói conhecimentos, seus símbolos e seus caminhos.

Lançamo-nos na exploração e recuperação da compreensão do ato de caminhar, que não é o de colocar um pé na frente do outro. E, ao longo deste trabalho, nos dedicamos ainda, à construção de um referencial, que nos

permitisse abordar a caminhada em nossa época contemporânea, detectando as representações dos indivíduos que caminham por trilhas brasileiras.

No capítulo sobre a História dos caminhos/trilhas no Brasil, *O CAMINHO QUE A TRILHA TOMOU*, abordamos os diversos grupos sociais em épocas e espaços diversos, como o índio e o bandeirante; os ciclos econômicos até as construções das grandes rodovias; enfocando a utilização das trilhas para fins diversos.

Além de acreditarmos que tudo tem e é história, o intuito desta abordagem tem várias justificativas, tais como uma postura comprometida com o processo histórico; a CONTEXTUALIZAÇÃO do assunto abordado que significa relatar sua transformação ao longo do tempo e do espaço; o CONHECIMENTO e o REGISTRO do assunto, além da AMPLIAÇÃO DO UNIVERSO CULTURAL do indivíduo que poderá ser TRANSMITIDO a outros tantos indivíduos interessados no seu próprio contexto social em que há a CONTINUA TRANSMISSÃO para além do tempo. O compromisso do registro de um conhecimento para que não nos deixemos cair num país sem história.

A construção / o uso de trilhas pelos índios (a partir dos primeiros registros em que se baseia o conhecimento que temos a respeito deles), foi para subsistência; os bandeirantes o fizeram para fins exploratórios e militares, conforme contado por eles próprios; já os camponeses da época da colonização e o sertanejo recorreram a estas para a subsistência e a troca

de mercadoria. Na fase dos ciclos econômicos utilizavam-se inclusive de tropas de muarees. No momento em que inicia-se o desuso de trilhas pela substituição de estradas de ferro e de rodagem, seguido pelo processo de industrialização, chegamos a um ponto culminante da narrativa que propicia a discussão: Permanência dos camponeses no campo; mudança de forma e meio de comercialização; mudança no uso do espaço e do tempo.

Fazemos então, a tentativa do RESGATE HISTÓRICO até épocas em que pouco se falou do assunto, buscando "emendar" a história que faltou contar, no tempo até a época CONTEMPORÂNEA, onde se encontra a demanda de INTERESSES por "TRILHAS".

A história conta a vida e a contextualiza, coloca no seu devido espaço/tempo o modo de vida de um grupo social ou de indivíduos, através de atividades exercidas por estes. Com esse procedimento é possível notar que o uso de uma mesma atividade difere em significado/sentido, em tempos e espaços diversos.

Das fases anteriores até agora, pouco se ouviu falar ou se estudou a respeito. Parece que deu-se uma quebra nos registros da continuidade do processo espaço/tempo/corpo. E atualmente, talvez em função do esgotamento desse tempo, desse espaço, o corpo continua a se manifestar, mas de uma forma bem diversa do que ocorria então.

Verificamos assim, que as aberturas de

caminhos/trilhas estão diretamente ligados ao ambiente natural e à atividade de andar a pé, ou melhor, ao ato de caminhar, que é um dos aspectos desse estudo, não como uma atividade dada, ingênua e atual; não como um ato dissociado do contexto sócio-econômico-cultural de onde ela parte e é vivido por grupos ou indivíduos.

Nesta tentativa de "juntar à história", restringimo-nos, à região da Serra da Mantiqueira, em três municípios que se interligam por trilhas até hoje utilizadas por diversos atores sociais, que são: Joanópolis(SP), São Francisco Xavier (SP) e Monte Verde (MG), cada um com características peculiares, que serão descritas em seu contexto geográfico-histórico-sócio-econômico-cultural, reunindo os três aspectos principais de nosso estudo TRILHA/CORPO/AMBIENTE. Desse modo, dedicamos um capítulo à DESCRIÇÃO DA REGIÃO ESTUDADA, por considerá-la de extrema importância, pois além de caracterizar o ambiente físico, social e cultural, é nele que o grupo pesquisado está presente, tanto os que vivem, quanto os OUTROS indivíduos que também buscam este espaço, devido às características atrativas apresentadas pelo local.

Para a realização de tal descrição, valemo-nos de dados da pesquisa de campo; da observação do pesquisador; de consultas a documentos em órgãos e entidades públicos e privados; da pesquisa bibliográfica a respeito da região e seus atores e dos termos-chaves usados tanto pelo pesquisador deste estudo, quanto pelos atores sociais

pesquisados.

Cabe esclarecer que o próprio IBGE alegou impossibilidade de aproveitamento de dados por não terem sido editados os resultados do último censo (1991) de algumas regiões, na fase da consulta, como o caso do município de Monte Verde.

Quanto ao cerne de todo esse processo, O CORPO se manifestando no AMBIENTE vivido, pontuamos a fase do ecológico - corpo e ambiente aliados em nome da sobrevivência do HOMEM NO PLANETA, na sua relação com a vida.

A partir deste enfoque o próximo passo foi abordar o *CORPO E AMBIENTE NATURAL*, onde fizemos um resgate relatando detalhes de posição e postura corporal, percepção, esforço físico, associando corpo/ambiente de diferentes atores e grupos sociais dando ênfase ao que foi abordado em campo, constituindo-se em aspectos e categorias próprios da atualidade da área da Educação Física.

A metodologia, (*O CAMINHO TRILHADO*), adotada em campo, foi a Observação Participante; utilizando-se de instrumentos e procedimentos da área da Antropologia e muitas vezes recaindo na abordagem antropológica, face ao esforço para registrar o que era observado para o entendimento da questão. Esta foi seguida por um trabalho de consulta, reflexão e organização da bibliografia, a respeito do tema, das categorias, dos termos e conceitos desconhecidos pelo pesquisador, que foram surgindo no

decorrer de todo o estudo.

OS PERSONAGENS DO ESTUDO foram cuidadosamente escolhidos. Estes caracterizam formas diferentes de utilização de uma mesma atividade, "provocando" representações diversas, porque vividas diferentemente. Assim, configuraram-se os grupos que chamamos de *ROCEIROS*, *ROMEIROS* E "*TRILHEIROS*". Sendo os roceiros e romeiros moradores e, os "trilheiros" residentes fora da região estudada.

Finalmente, no capítulo *DO OLHAR DO PESQUISADOR*, há o momento relatado, a apresentação de um outro "olhar", o interpretado, considerando as inter, intra e transrelações dos dados de todo o material coletado e estudado. Ainda, neste são apresentadas as incógnitas que o pesquisador deixa e leva consigo, mais do que as certezas. Tornou-se difícil abordar a manifestação de uma atividade num modo de vida diferente do pesquisador.

Esperamos ter despertado a atenção para os termos abordados: conceito, sujeitos, uso, motivos, construções, o outro caminhar fora do seu espaço, olhares, significados e local.

Realizar este estudo foi provocar a reflexão e o respeito pelos diversos grupos sociais envolvidos, sem menosprezar nenhum e assim, provocar o ser crítico em nós, quanto a nossa relação com o mundo /ambiente que nos rodeia e do qual somos parte.

CAPITULO I

A TRAJETÓRIA DO PESQUISADOR

Inspirei-me por MORIN, 1977, defendendo "o que aprende a aprender é o método", e longe de traçar caminhos lineares, onde o regresso para o início não é um círculo vicioso, considero que : **Caminante no hay camino, hace ao caminar.** E ainda, guiei-me pela discussão realizada por LAPLANTINE (1991)¹, afirmando que "só pode ser considerada como antropologia uma abordagem integrativa que objective levar em consideração as múltiplas dimensões do ser humano em sociedade" (p.16). Neste aspecto foi identificada a abordagem do estudo, num esforço levando em consideração o que era observado, relacionado ao entendimento da questão.

Considerando-se ainda a afirmação de STRAUSS apud LAPLANTINE (1991) sobre a etnografia, a etnologia e a antropologia, constituírem os três momentos de uma mesma abordagem, no caso, antropológica, e que este é UM MODO DE CONHECIMENTO², optei por esse caminho de investigação. O

1 Esta obra foi selecionada por apresentar o assunto para pessoas não familiarizadas e graduadas em Antropologia. Neste aspecto além de me sentir à vontade, esclareceu e assegurou-me de muitos dos procedimentos adotados e identificados com a minha necessidade de abordar o tema de estudo; considerando inclusive que a minha formação não é Antropológica. E ainda, defendo que a Área de Educação Física poderia se enveredar também por estes caminhos, que só vem a nos auxiliar na busca e na abordagem de nosso objeto de estudo.

2 etnografia-coleta direta minuciosa do fenômeno observado; etnologia - consiste no primeiro nível de abstração analisando o material colhido e fazer aparecer a lógica específica da sociedade escolhida; antropologia - consiste no nível seguinte da inteligibilidade, construir modelos que

autor apresenta características dos "sistemas simbólicos", tratando o objeto do ponto de vista do "Sentido", o que significa determinado comportamento, ou "da Dinâmica", quando considera a história, ou "Estrutural e Sistemica", quando é apontado o objeto de estudo como parte de uma cultura que é construída e não dada.

Concordamos ainda com LAPLANTINE, quando este aponta aspectos importantes neste jeito de "olhar": a observação direta. O estranhamento - o que nós tomamos por natural é de fato cultural nas manifestações que consideramos "evidentes" no cotidiano. O conhecimento de outras culturas nos faz reconhecer que somos uma cultura possível entre tantas. Considerar a UNIDADE do homem dentro dos diversos modos de vida e formas de organizações sociais, mostra-nos que o que nós tomamos como comportamentos inatos, como por exemplo, a maneira de andar, de se vestir, de comer, de comemorar os eventos, manejar objetos, nos emocionar, entre outros, são escolhas e seleções CULTURAIS.

Os dados de campo, na tentativa de uma etnografia, foi a própria fonte da pesquisa. As análises e interpretações dos mesmos foram orientando o estudo, no sentido do aprofundamento da região, dos termos, dos conceitos, do modo de vida, do significado, encontrado no tema como um todo.

Tomo aqui em consideração as palavras de BRANDÃO (1987):

permitam comparar as sociedades entre si.

"...em todos os mundos sociais todas as instituições da vida estão interligadas de tal sorte e de tal maneira se aplicam através da posição que ocupam e da função que exercem no interior da vida social total, que somente uma apreensão pessoal e demorada de tudo possibilita a explicação científica 'daquela sociedade'. Porque, também, o primeiro fio de lógica do pesquisador deve ser não o seu, o de sua ciência, mas o da própria cultura que investiga, tal como a expressam os próprios sujeitos que a vivem..."(p.12).

As estadas no local de pesquisa se caracterizaram pela OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE, constituindo-se no tempo social do próprio pesquisador, ocorridas de forma intermitente. A minha frequência na área de estudo, dava-se por dois finais de semana por mês, às vezes prolongando para dias da semana, e em todos os feriados durante um (1) ano, entre setembro de 1993 a setembro de 1994. No caso da ida à roça, esta aconteceu durante os dias da semana. As caminhadas com turistas, ocorreram nos feriados e finais de semana. Nas Romarias durante a semana, prolongando-se até o final de semana.

Este procedimento é parte integrante do método de pesquisa. Além de observar, permitiu o envolvimento afetivo do próprio pesquisador, não só com os sujeitos andarilhos, mas com a causa da sobrevivência campesina, bem como com as transformações de um modo de vida citadino. Observação Participante é quando "mergulho na vida do outro" BRANDÃO(1987). Este processo possibilitou a compreensão de uma série de conceitos, terminologias, atitudes, pensamentos e do modo de vida dos grupos sociais.

Para tanto participei de diversas atividades junto aos grupos sociais estudados como: caminhadas pelas trilhas da região, romaria, idas à roça, festas comemorativas nas cidades, festas típicas dos locais, acompanhamento do trabalho de conservação das trilhas e estradas, reuniões administrativas junto à prefeitura e grupos culturais e ecológicos organizados na região, visitas a locais significativos para a população e em casas de diversos moradores, eventos ocorridos na cidade, entre outras.

Nas caminhadas com os turistas muitas vezes me coloquei, ou melhor, me senti como um deles, me envolvendo nas situações apresentadas. Conversávamos a respeito de nossas vidas, dos nossos pontos de vistas, de nossas sensações; tomávamos lanche juntos e fotografávamos. Ocorreu entrosamento intenso com alguns membros dos grupos, resultando em convites posteriores para participar de outras caminhadas.

As idas à roça foram acompanhadas de reflexão sempre me observando na relação com os membros do grupo e na própria atividade, além da preocupação com fatores que me conduziram a estar ali. Muitas vezes me identifiquei com aquele modo de vida e em outras ocorreu certo estranhamento.

Nas romarias, meu envolvimento se deu mais ao nível do sofrimento do que na causa. Tentava compreender o que ocorria a minha volta, mais do que me identificar com aquela manifestação.

Nestas três situações minha participação foi muito

intensa, estando presente certa tensão. Já nas festas, a tensão não estava tão presente.

Os instrumentos utilizados foram: caderno de campo, onde o máximo possível foi anotado e relatado, gravações em fita cassete e transcrições das mesmas, registros fotográficos, diálogos, no sentido de esclarecimentos dos dados observados e incompreendidos, o que proporcionou melhor entendimento sobre o modo de elaboração do pensamento do OUTRO, enquanto grupo e indivíduo.

Este trabalho constituiu-se aproximadamente em vinte e cinco (25) horas de fitas cassetes gravadas e transcritas, cento e cinquenta (150) informantes contatados, noventa e cinco (95) informantes tabulados.

O procedimento adotado em relação aos diálogos e observações, seguiu um roteiro inicial norteador, baseado no que interessava diretamente ao estudo, o qual suscitou o surgimento de novas questões.

Este roteiro variou de acordo com a natureza própria dos grupos sociais consultados. Algumas questões como: "olhares" um para o OUTRO, "atitudes diante da natureza", sensação do corpo em determinada atividade, conceitos e terminologias, foram colocadas para todos os atores sociais.

O simples ato de conversar, dialogar constitui-se numa interferência. Conduz a pessoa entrevistada num pensar sobre a indagação feita.

Confirmando esta afirmação, notei reações surpreendentes durante os diálogos por parte dos entrevistados desse estudo. Por exemplo, quando era indagado a respeito do "caminhar", os moradores apresentavam uma expressão de indignação e pensativa. Eles demoravam para responder ou diziam que no momento não sabiam responder. No prolongamento do diálogo, iam se colocando, pensando a respeito da pergunta. Uma entrevistada, Dona Rita disse assim: "...é volte outra vez aqui, que quando tô na lida da roça, as coisas vem matutando na cabeça, e vó me lembrando, aí quando a senhora vortá aqui eu posso contá melhor...".

Outra surpresa se deu em relação a alguns "trilheiros". Suas falas demonstraram que as indagações realizadas conduziram a um pensar sobre suas atuações e na atenção enquanto caminhantes, ou seja, no corpo, no significado ecológico, na limpeza ambiental, dentre outras coisas. Um deles, Artur, colocou: "... é o nosso papo, meu, mexeu muito comigo, não só o mesmo depois disso...".

Após a transcrição de todos os diálogos, com o intuito de verificar o pensamento de cada "categoria social", foi feita uma tentativa de separação por assunto. Tarefa complexa, que não foi concluída, pois os aspectos são muito interligados, inter-relacionados, dificultando tal separação. De qualquer forma, para organizar a apresentação dos conteúdos, levando-se em consideração os aspectos anteriormente mencionados, adotei alguns itens como: história das trilhas locais, história dos locais,

romaria/promessa, materiais transportados nas caminhadas, sensação do corpo no caminhar, conceitos de natureza, meio ambiente, ar livre, trilha, caminho etc.. Relação do corpo e ambiente, entre outras. Todos estes itens foram agrupados de acordo com as categorias sociais: roceiros, romeiros e "trilheiros".

Os personagens/sujeitos da pesquisa pertencem a dois grupos sociais principais, os roceiros e os urbanos. Dentre os roceiros foram pesquisados duas "categorias sociais", os que vão para a roça trabalhar e os que participaram de romarias à Aparecida do Norte.

As pessoas contatadas foram indicadas pela própria população local, a qual foi traçando comigo uma trajetória a ser percorrida.

Os personagens urbanos denominam-se de "trilheiros".

Os grupos apresentam algo em comum: utilizam-se do caminhar embora com significados distintos, percorrendo as mesmas trilhas.

CAPITULO II

O CAMINHO QUE A TRILHA TOMOU

De trilhas e caminhos: desvendando os caminhos e (des)caminhos da trilhas.

As trilhas têm estreita ligação com a natureza; elas são construídas entre vegetação rasteira ou até em imensas florestas.

Houve um redimensionamento em relação ao uso das trilhas envolvendo nestas, populações que dela fazem uso ou mesmo os que vivem próximo ao local onde elas se localizam.

Tanto a construção como o redimensionamento do uso das trilhas relacionam-se diretamente com o processo histórico-social.

De acordo com a literatura consultada, alguns momentos históricos referendam: caminhos, formas de ocupação e dominação, com relatos que nos remetem ao ambiente local; às paisagens, tipos de vegetação e de solo; às relações do homem com a natureza, enquanto remédio, proteção, exploração, dentre outros.

Os primeiros a realizarem tal construção foram os índios. O que se sabe da **antiguidade** destes, já que eram agrafos, provém de registros no ambiente natural, de relatos do seu passado, sendo que por parte dos letrados ficaram os registros impressos nos diários de colonizadores e viajantes europeus que viajaram pelas terras brasileiras.

Estes habitantes nativos do Brasil, construíram trilhas nas matas destinadas à sua sobrevivência, servindo-se dos caminhos para a coleta de alimentos e a caça de animais, como também coleta de material para manufatura de utensílios. Neste caso, as trilhas construídas no ambiente da natureza destruíam uma pequena quantidade de espécies, pois eram veredas estreitas em sua largura, onde cabia apenas um homem. Pela descrição dos diários deixados pelos viajantes naturalistas e mesmo pelos bandeirantes, os espaços na mata permitiam a passagem de uma pessoa de frente, onde caminhavam um atrás do outro; talvez daí o conhecido termo "fila indiana" ¹. Este sistema causava uma destruição mínima das espécies vegetais, embora pareça que a preocupação fosse com a segurança. "A marcha em fileira simples, (...) seria inevitável nessas primitivas veredas (...) o costume, tradicional entre os naturais do país, tinha a vantagem de proporcionar maior segurança ao viajante..."(HOLANDA,1975, p.24)

Parece provável que algumas trilhas indígenas fossem mais que picadas nas matas, que os índios utilizavam-na continuamente chegando a semear gramíneas ao longo do caminho impedindo o desenvolvimento de algum tipo de vegetação, para evitar a obstrução do caminho. (HOLANDA, 1976, p.21)

Além disso, HOLANDA (1975) fornece outros dados

¹ talvez daí o termo usado pelos profissionais de Educação Física.

para caracterizar o caminhar em trilhas dos índios. Descreve que os galhos eram cortados à mão, de espaço a espaço. Uma sequência de tais galhos, em qualquer floresta, podia significar uma pista; onde houvesse arvoredos grossos, estes eram assinalados a golpes de machado nos troncos; em campos extensos, como um exemplo de extrema sutileza, pois só a um olhar muito exercitado seria perceptível o sinal. Quando não praticados tais sistemas, costumavam guiar-se pelo sol durante o dia, pela sombra que o polegar deixa na mão ou, durante a noite pela observação das estrelas e constelações; isto parecia ser uma tarefa fácil aos índios. Ainda, segundo o autor, citando um cronista, dois tupinambás degredados da Bahia para o Rio de Janeiro e levados por mar, conseguiram, depois de fugir, retornar por terra ao seu local de origem, caminhando mais de trezentas léguas através da mata e de parcialidades hostis.

Os nativos eram conhecedores de todo o processo de existência das plantas e dos animais com os quais coabitavam, sabendo portanto o momento certo para tirar uma árvore de um determinado lugar, devido à idade avançada da mesma; matar um animal que não fosse fêmea, por respeitar o período de procriação, e evitar sacrificar um filhote por causa da função mantenedora dentro de sua espécie. Assim, o índio fazia parte de uma cadeia de seres, sem desequilibrar o elo com o todo.

Em se tratando das distâncias, há trilhas de diversos comprimentos desde as mais próximas das moradias

indígenas até as que cortam o continente sul-americano, ligando o litoral do Oceano Atlântico ao do Pacífico, como forma de comunicação entre povos indígenas.

"Desses índios sabemos, por mais de uma referência, principalmente das atas da Câmara paulistana, que eram andantes e sem pouso certo. Muito caminho pisado mais tarde pelas bandeiras foi aberto e trilhado inicialmente por eles, e assim terão contribuído para marcar de modo definitivo a fisionomia da terra onde vagaram. De sua prática nos terrenos montanhosos, que cortam o vale do Paraíba, valeram-se os colonos, primeiro quando necessitaram de escravos - pois os índios iam buscá-los à serra, sempre que lhes encomendavam - e finalmente quando precisaram de guias nos caminhos do sertão." (HOLANDA, 1975, p.33).²

Até aqui a trilha é o meio e o local de sobrevivência desses povos.

Com a chegada dos colonizadores, no início do séc.XVI, ocorreram grandes deslocamentos, intensificando a ampliação em número, largura e comprimento das antigas trilhas para fins de penetração, exploração e povoamento do país, marcando o início da instalação de vilarejos.

"Quando os nossos primeiros colonizadores tiveram de penetrar na ignota e acidentada vastidão do território brasileiro, à procura do ouro e das riquezas que adivinhavam existir no seu solo e subsolo, viram-se na contingência de abrir as primeiras picadas para a passagem das suas montarias. E assim, iam ficando caminhos de penetração, que perduraram mais de três longos séculos..." (SILVA, 1934, p.211)

Há uma suspeita de que os índios tenham se aproveitado das trilhas dos bichos, assim como os desbravadores paulistas se aproveitaram das trilhas indígenas.

"... como o branco e o mameluco se aproveitaram não raro das veredas dos índios, há motivos para pensar que estes, por sua vez, foram, em muitos casos, simples sucessores dos animais selvagens, do tapir especialmente, cujos carreiros ao longo de rios e riachos, ou em direção a nascentes de águas daquelas populações. Hábitos a que o europeu e seu descendente tiveram de acomodar-se com frequência nas viagens terrestres e que muitos sertanejos ainda conservam." (HOLANDA, 1975, p.34)

Do início do século XVII até o início do século XVIII, os desbravadores, que eram homens contratados pelo poder público para pacificar índios que apresentavam resistência, e para prestar serviços de ligação de rios e caminhos para a penetração no sertão do país, utilizavam-se das trilhas indígenas, locomovendo-se a pé; diga-se que este modo de locomoção foi característico da expansão bandeirante. "Para o sertanista branco ou mameluco, o incipiente sistema de viagem que aqui encontrou foi um auxiliar tão prestimoso e necessário quanto o fora para o indígena." (HOLANDA, 1975, p.15)

Durante o século do movimento bandeirante a população invadia os sertões, a prear índios, buscar seu remédio para a peste que assolava a vila. Nestes momentos a vila ficava vazia e a Câmara vivia em conflitos com os moradores. (BELMONTE, s.d, p.243)

Houve duas formas distintas de bandeirantismo do ponto de vista de alguns estudiosos: o colonizador e o pesquisador.

"O bandeirismo colonizador tinha caráter eminentemente militar, prear índios para a lavoura. O pesquisador, composto de rompedores-de-sertão, ia em busca de metais e pedras preciosas. Tinham, porém, essas instituições regime de subsistência..." (VIEIRA,s/d,p.45)

Devido a inadaptação do índio na lavoura e a sua incapacidade para a vida agrária, utilizou-se da mão-de-obra escrava negra. A partir disto, o índio não foi mais usado como presa, mas como componente humano de defesa e orientação no mundo natural e o negro passa a ser o meio de garantia da sobrevivência do grupo móvel.

Os bandeirantes ou sertanistas em contato com os índios, aprenderam a lidar com o ambiente natural, a maneira indígena de se locomover na mata e inclusive muitas técnicas de sobrevivência."Essa destreza (...) herdaram-na os velhos sertanistas e guardam-na até hoje nossos roceiros (...) práticas inventadas pelo gentio para marcar os caminhos (...) ainda frequente entre gente do interior." (HOLANDA,1975,p.17)

A relação com a trilha era de exploração e dominação ambiental.

O alargamento das trilhas na mata, em muitos lugares, deu-se com a utilização de sistema de transporte por meio de tropas de muaras³, iniciados no séc.XVII e que
3 este sistema de transporte necessitava contar com serviços

prolongou-se até o séc.XIX. Esse sistema era constituído tipicamente de homens e de uma extrema organização. A tropa de carga era um grupo de burros ou mulas amansados e preparados para transporte de carga. O lote era a estrutura de uma tropa, podendo ser composta de um número variável de animais; o lote oficial era de sete bestas. A disposição dos muares obedecia uma determinada ordem, sendo enfeitados e vestidos de acordo com a função, tanto os animais como os homens. A maneira de deslocar variava com a função de cada um. Por exemplo, o menino madrinheiro montava na égua, e era o guia da tropa, caminhava uns dez metros adiante, a besta madrinheira levava no pescoço uma correia com um cinferro ou caneco, sendo a função deste sino manter toda tropa sempre em volta de si; o tocador seguia a pé e descalço.

Este sistema foi utilizado por alguns anos com a finalidade de carregar ouro, produtos agrícolas, etc.. Dentro deste sistema consideravam-se dois aspectos: "...Caminhada, era o percurso vendido cada dia; Viagem, era o cômputo das caminhadas, isto é, toda a distância percorrida entre os pontos de partida e de chegada." (GOUART, 1961, p.101). "Começava não raro, às 2 ou 3 horas da madrugada...e a marcha oficial da tropa são 3 léguas. De 3 a 3 1/2, não pode passar disso" (MAIA, 1981, p.67) De passo a passo seguia-se a tropa por

de vários homens, desde o madrinheiro, o tocador e o arreador, até trabalhos de artesãos como: o cangalheiro, o seleiro, o trançador, o jacazeiro, o funileiro, o ferreiro e o ferrador.

entre rios, ladeiras e morros. Nada a detinha. Passavam por caminhos os mais difíceis. "Eventualmente ainda auxiliava uma tropa que cruzasse (...) eram todos aliados (...) mas por volta das 2 ou 3 horas da tarde, as 3 léguas já estavam vencidas e surgia um pouso em algum rancho"(MAIA,1981,p.68).

Aqui percebe-se a trilha como espaço do trabalho.

Outra forma de utilização das tropas de muaras foi para as romarias. "Anualmente se organizavam tropas de romaria à Aparecida do Norte. Aconteciam sempre depois das colheitas de abril e maio, durante a vagante, ou seja, nos meses frios, pois novas plantações somente se fariam a partir de setembro"(MAIA, 1981,p.20). Neste caso não seguiam a ordem e o esquema das tropas regulares. Misturavam-se também animais de carga, além de mulheres e crianças.

Esse alargamento se deu pela quantidade de material que os animais carregavam em seu lombo, nas laterais do seu corpo, que iam arrancando plantas etc., além da grande quantidade de animais que passava ao mesmo tempo, como também o longo período de utilização desse transporte. Isso é constatado em HOLANDA(1975):

"O primeiro progresso real sobre as velhas trilhas indígenas só foi definitivamente alcançado com a introdução em grande escala dos animais de transporte (...) com as primeiras tropas de muaras. Quebrando e varrendo a galharia por entre brechas espessas, as brucacas ou surrões que pendiam a cada lado do animal serviam para ampliar as passagens (...) mais tarde a introdução dos veículos de roda para jornadas mais extensas."(p.24)

O tropeiro era um homem que prestava vários serviços: correio, emissário, intermediário de negócios, portador de bilhetes, receitas, recados, aviador de encomendas. GOULART(1961) citando ZAMELLA diz que este era o "verdadeiro traço de união entre centros urbanos afastados..."(p.107)

As pessoas que se utilizavam destes serviços, defendiam a idéia de construção de boas estradas para o transporte de muares, pois até o correio entre Rio e as Minas era efetuado por homens a pé, que faziam caminhos mais curtos pelas florestas, chegavam mais rápido que os cavaleiros por estradas, devido às condições precárias das trilhas.

Essa dificuldade aumentava muito o preço do transporte. O sal transportado, p.ex., chegava a custar sete vezes mais na região de Minas do que no Rio, pois era extraído nas regiões litorâneas.

As tropas de muares foram fortemente desestruturadas a partir da necessidade do homem buscar novas soluções para o transporte, abrindo novos caminhos. Em função da necessidade de fixação do homem nas atividades agrícolas, utilizando-se da mão-de-obra na lavoura, na formação dos vilarejos e principalmente nos ciclos econômicos, já não havia mais grandes deslocamentos, numa prática nômade como na época dos bandeirantes e de tropas de muares.

Com a fixação do homem no campo, forma-se assim,

uma vida social, combinando traços culturais indígenas e portugueses, obedecendo ao ritmo nômade do bandeirante e conservando as características de uma economia permeada pelas práticas de presa e coleta. Essas práticas dependiam da mobilidade dos indivíduos e grupos.(CANDIDO,1971). Criava-se a partir daí uma economia de subsistência para os grupos que fixavam-se em locais propícios para tal modo de vida.

"A sociedade caipira tradicional elaborou técnicas que permitiam estabilizar as relações do grupo com o meio (...) mediante o conhecimento satisfatório dos recursos naturais, a sua exploração sistemática e o estabelecimento de uma dieta compatível com o mínimo vital - tudo relacionado a uma vida social de tipo fechado, com base na economia de subsistência."(CANDIDO,1971,p.36)

A economia de subsistência é baseada na produção de todo material e instrumentos necessários para a sobrevivência, produção de alimentos e utensílios, não necessitando e não dependendo da produção externa ao grupo. Por exemplo: cultivam o milho e fazem a pamonha; cultivam o algodão e confeccionam as roupas; manufaturam a colher de pau, a gamela, os instrumentos para a lavoura. Isto pode ser observado no relato de CANDIDO,1971: "...antigamente, a 'gente do sítio' fazia tudo e raramente ia ao comércio comprar sal (...) faziam o fio de algodão (...) andavam geralmente descalço, e o único calçado era a precata(alpargata), feita igualmente em casa."(p.38-39)

Com esta sedentarização do homem, foi necessária a

reorganização dos hábitos e a redefinição de valores sociais, momento crítico da história paulista do século XVIII. Parece que aqui se configuram os traços fundamentais da cultura caipira. As camadas superiores puderam afazender-se graças à cana-de-açúcar e ao braço negro; as demais contribuíram como desocupados e aventureiros por causa da "desbandeirização", para a massa de agregados, posseiros, desbravadores, que se estabilizaram em sítios.

(CANDIDO, 1971)

Por volta do séc. XVIII, época dos ciclos econômicos, ocorreram vastos desmatamentos para plantio de cana e café, entre os Estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais, onde foram formando vilarejos, povoados, por onde passavam estradas não-pavimentadas. Nessa época as estradas começam a tornar-se muito importantes. Foram construídas ou ampliadas estradas entre grandes centros urbanos para rodagem de transportes, escoamento de produtos agrícolas, interferindo assim na forma de utilização das antigas trilhas.

Recomeça a partir daí uma nova redefinição do espaço. Algumas trilhas são destruídas,; outras ficam no desuso chegando a desaparecer, outras continuam a ter a função do acesso, à roça, a moradias, a locais de caça, coleta e cachoeiras.

Nessa época "...entre 1797 e 1802, o caminho de Santos, principal escoadouro da capitania, ainda não era carroçável, mesmo em lugares planos, posto que em muitas

partes já fosse pavimentado"(HOLANDA,1975,p.24).

Entre os caminhos da zona de plantio de produtos agrícolas e o Porto de Santos, houve muitos saques e desvios de mercadorias. Começa-se então a cogitar sobre a construção de estradas terrestres, nestas trajetórias, em nome da segurança. É o início das construções de estradas de ferro entre Rio de Janeiro e São Paulo, rompendo com os caminhos utilizados por tropas de muares, com o intuito de garantir a chegada das mercadorias aos portos. As locomotivas dos trans pertenciam aos proprietários de grandes produções agrícolas, os quais alegavam além de segurança, menores gastos com o transporte de seus produtos.

"Só em 1725, - escreve Paulo Dutra da Silva - depois de muito ouro engulido pelas ondas vorazes entre Rio e os portos de Santos e Parati, e devorado pelos piratas (...) o Capitão General de São Paulo, Rodrigo Cesar de Menezes, comunicou a D.João V que resolvêra tornar efetivas as comunicações terrestres entre S.Paulo e Rio de Janeiro por entendê-las 'convenientes á segurança da real fazenda, principalmente para a remessa dos quintos de ouro que iam para o Rio, evitando-lhe o risco que lhe podia seguir no transporte de Santos áquela cidade por causa dos naufragios e ataques dos Piratas'..."(SILVA, 1934, p.167-168)

Ao mesmo tempo se inicia a ampliação e pavimentação de estradas de terra já existentes. Nesta fase das construções de estradas, ocorreram conflitos entre proprietários e autoridades. Essas estradas passariam por terras dos jesuitas, os quais não concordaram, havendo

resistência inclusive por parte dos moradores próximos à região onde se encontravam, no caso, a região de Parati. Mas com ordens expressas das autoridades da época, concluíram a realização do caminho através de suas terras.

A estrada de terra que ligou Rio de Janeiro a São Paulo, iniciou-se em 1725 e foi concluída trinta anos depois, embora tenha sido inaugurada oficialmente no século seguinte.

Assim como Saint Hilaire em 1750, concomitante ao ciclo do açúcar, no séc. XVIII, acentua-se a presença de viajantes naturalistas como: Spix e Martius, os quais participaram de expedições científicas, excursionando pelo Brasil, (considerado mal conhecido pelo resto do mundo), com a incumbência de coletar dados e materiais a respeito do reino animal, (incluindo o homem e sua cultura), do reino vegetal e toda sua extensão. Para tal tarefa utilizavam-se de trilhas já existentes. Nos diários deixados por eles, encontramos a seguinte citação:

"...subimos pelo morro, tomando ua trilha entre arbustos pela qual as mulas trazem o minério para a fábrica..."(p.141); ou ainda "...a picada ficou tão estreita, que a custo passava uma mula atrás da outra(...) a vereda nos levou por labirintos meandros, a profundos abismos(...). Após uma caminhada de duas léguas descemos finalmente um vale fértil..."(.192-193).

A frequência desses pesquisadores se estende para o século seguinte, deixando diários de tais viagens. Descrevem e relatam sobre paisagens, serras, rios, tipo de

vegetação, vida econômica e social que encontravam na época de suas viagens. Eles utilizavam-se de índios como guias e ajudantes carregadores nas estradas e trilhas existentes e muito utilizadas. SPIX e MARTIUS usam o termo "estradas trilhadas" ao se referirem às vias de ligações entre cidades, ou melhor, entre províncias.

Esses naturalistas, procedentes de vários países europeus, realizaram suas excursões pelo Brasil numa época em que a relação do Homem com a Natureza vinha sendo questionada em seus países de origem.

A respeito da concepção que o Homem tinha de si em relação ao mundo animal, vegetal e natural podemos citar como exemplo, entre outros países, a Inglaterra⁴. O Homem tinha predomínio sobre o mundo animal e vegetal, além do que a Terra não cultivada significava homens incultos. Isto sob a "influência das palavras de Gênesis".

Durante muitos séculos na Inglaterra, a aristocracia tinha nas bases rurais uma agricultura altamente capitalizada, que era o fundamento de suas riquezas. Seus membros tinham um forte apego aos esportes campestres, eram bons conhecedores de história natural e ideavam uma paisagem rural que fornecesse tanto lucro como recreação.

Entre os séculos XVI e XVIII surge uma profunda transformação neste modo de conceber o Homem e o mundo

⁴ Estamos tomando como referência os dados da Inglaterra desenvolvidos por THOMAS (1988)

natural. Começa a preocupação com o Homem em relação às outras espécies, o interesse pelo ambiente natural. Surgem as discussões em torno das extinções de animais, devastação de florestas e animais selvagens ameaçados.

Esta transformação ocorre entre homens e mulheres, em todas as camadas sociais, nos aspectos aos quais percebiam e classificavam o mundo natural. Os dogmas desde muito estabelecidos sobre o lugar do homem na natureza foram descartados, novas sensibilidades em relação aos animais, plantas e à paisagem surgiram. O relacionamento com as outras espécies foram redefinidos e o direito a explorar essas espécies em benefício próprio se viu fortemente contestado.

Esses fatores produziram um grande interesse pelo mundo natural como também dúvidas e ansiedades.

No século XVIII, com seus espaços tomados por fábricas e em meio a todas as transformações que estavam ocorrendo, os moradores das cidades começam a formar pequenos jardins, criar animais de estimação e a passar férias longe de suas casas. Já no século XX foi possível observar a devoção pelas atividades rurais, o amor pela natureza selvagem, o apelo à beleza natural, o lamento da destruição da Inglaterra rural e a proclamação à importância do cenário da natureza para a vida espiritual.

Os viajantes europeus que excursionaram por outros países, no caso o Brasil, acabam por trazer e deixar também suas influências, as quais ocorrem de forma recíproca.

"O século XVIII é rico de novas sensibilidades, lembra Keith Thomas. O princípio de que toda a Terra é a morada dos homens e tudo o que existe nela deve ser desfrutado, comprado, utilizado, dominado, civilizado, em última instância, prevalecerá nos séculos seguintes e parte disto atravessa as nossas próprias vidas". (BRANDÃO, 1993)

Ainda no **sec.XVIII** no Brasil, são abertos muitos caminhos de acesso entre cidades portos e interior do país. Como relata SILVA(1934):

"...Outros caminhos, a partir da vila de Angra, foram tentados; abertas as picadas pela serra de Itaguai, (...) para o mato dentro até o distrito de S.João Marcos (1730 a 1740), principiou a cultura das terras, e fácil foi aos novos colonos a descoberta de caminhos porque procuraram a comunicação mais próxima do mar." (p.167)

Até o início do século XIX, o caminho que ligava a província de São Paulo à cidade de Santos, não era completamente pavimentado, e o Porto de Santos já era um dos principais portos de escoamento de produtos do país.

Segue-se no **séc.XIX** o ciclo do café. Esses ciclos econômicos fomentaram o desenvolvimento de portos no litoral, dos quais um dos principais escoadores do café até meados deste século era o Porto de Ubatuba (MUSSOLINI,1980,p.223).

"Antes mesmo de 1902, podia-se notar o declínio da cultura do café e da cana-de-açúcar, quando em meados do **séc.XIX**, importantes vias de acesso foram construídas e/ou inauguradas entre Santos, São Paulo e Rio de Janeiro com o deslocamento de populações litorâneas para o interior do Estado. (CAMPOS,1982,p.23)

A intensificação de construções de estradas de rodagem se deu no século XX, verificando-se desde ampliações destas como ramificações e interligações de rodovias de grande proporções em largura e extensão. Para tanto, houve desmatamento e desapropriação de terras de cultivo, de pequenos e grandes produtores agrícolas. Tal atitude veio modificar a caracterização das antigas trilhas, quanto a seu uso, bem como o modo de vida de populações viventes próximas a elas.

"...o sistema rodoviário federal, também, não deixará de imprimir novo ritmo ao progresso do Brasil, acelerando consideravelmente a sua marcha"(SILVA, 1934, p.205)

"Atacados desde logo os serviços de construção, em 5 de maio de 1928 foi inaugurada oficialmente a atual Estrada Rio-S.Paulo (...) era possível ir de uma a outra das grandes e formosas cidades, rodando, comodamente, por essa larga superfície contínua, de rampas suaves e curvas amplas, que o homem, corrigindo a natureza, abatendo escarpas e elevando vales profundos, sobrepoz às primitivas irregularidades do solo, montanhas e alagados, ainda visíveis, aqui e acolá, para testemunho de todas as dificuldades vencidas."(SILVA, 1934, p.194)

SILVA,(1934) nos relata que a "...primeira viagem de automóvel entre Rio de Janeiro e S.Paulo, realizada, em 1908 (...) durou 37 dias" (p.180-181), sendo que o funcionário do correio realizava em menos tempo a pé, reduzindo a distância por valer-se de trilhas e picadas na mata.

"Há quem considere as rodovias pela circulação que nelas existe; outros as consideram como obra de engenharia e pelos materiais que entram em sua construção; e há quem nelas veja apenas o número de quilômetros que alcançam. Quanto a mim (...) vejo as estradas como a vida e animação de minha terra, e apraz-me considera-las em seu valor humano. Sobre os caminhos que temos construído e estamos construindo correm os ideais, os pensamentos e as ilusões de um povo inteiro. Sobre nossas rodovias passam as grandes tradições de nossa terra."(JAMES ROLPH SON, citado em SILVA,1934)

Atualmente não se constroem trilhas de modo sistemático, pois há muitas estradas pavimentadas dando acesso a vários pontos do país. Algumas poucas trilhas permaneceram com sua utilização, outras transformaram seu uso ou mesmo tornaram-se estradas. Com as estradas, muitas trilhas tornaram-se atalhos e até caminhos entre estradas.

Por volta de 1970 houve expansão das estradas de rodagem, construção de grandes rodovias, algumas até cortando trilhas já existentes e muito utilizadas por populações próximas a elas. Outras trilhas perderam a utilização original para uma outra surgida através da presença dos turistas. São pessoas que apreciam andar a pé em trilhas de regiões ainda pouco habitadas.

As estradas mais conhecidas e importantes do país atualmente como: Via Anchieta, Via Dutra, Anhanguera, Rio-Santos e Fernão Dias foram ou cortam antigos caminhos e trilhas. Podemos citar um exemplo: a "Trilha do Corisco", na região entre Ubatuba e Parati, foi "cortada" pela Rodovia Rio-Santos. Esta trilha era o meio de acesso entre as

populações caçaras dos dois extremos, na qual realizavam o comércio e trocas de mercadorias como o sal, pela pinga e peixe.

Na região em que se realiza o presente estudo, há dois grandes eixos rodoviários: Via D. Pedro I, que foi construída por volta de 1970, interligando as rodovias Anhanguera e Dutra, ligando São Paulo ao interior e a outros Estados, e a Via Fernão Dias ligando São Paulo a Belo Horizonte, facilitando o acesso, a penetração, circulação e permanência de turistas e outros.

A Via Fernão Dias corta a região da Serra da Mantiqueira, localizada a nordeste do Estado de São Paulo, abrangendo os municípios paulistas de Joanópolis, São Francisco Xavier, Bragança Paulista, Piracaia e do lado sul mineiro, os municípios de Extrema, Camanducaia, Monte Verde, onde vivem populações roceiras que preservam ainda uma relação de subsistência com produtos agropastoris, e que se utilizam de trilhas e caminhos, onde seu hábito de locomoção é o caminhar a pé.

É uma região de relevo montanhoso, produtora de águas, onde se encontra o sistema Cantareira. Dessas águas foram construídos reservatórios responsáveis pelo sistema de abastecimento da região campineira e parte da Metropolitana. Esta região possui diversas trilhas entre florestas e matas naturais, dando acesso a municípios e a pontos panorâmicos. É amparada pela legislação enquanto APA (Área de Proteção Ambiental), com processo atual de ocupação

caracterizacão por uma expansão de chácaras de recreio e de reflorestamento, tornando-se desse modo, de interesse turístico.

O presente estudo foi realizado nesse contexto contemporâneo da Serra da Mantiqueira, com caminhantes da população mineira (incluindo aqui os romeiros) e de turistas. Mais especificamente na microrregião que compreende os municípios de Joanópolis, São Francisco Xavier e Monte Verde.

CAPÍTULO III

CORPO E AMBIENTE NATURAL

Desde seus primórdios, o homem estabeleceu uma forma e fonte de conhecimento e autoconhecimento. A relação corpo/ambiente foi uma das principais fontes. Por meio desta relação, foi possível encontrar formas de aprender a ler o ambiente, alfabetizar-se, construir conhecimentos e comunicá-los, inscritos em processos históricos particulares.¹

é impossível discursar sobre um corpo unicamente biológico, mecanizado, existindo independente de emoções, sem uma história e cultura. Torna-se necessário, falar **de quem é o corpo de que se fala, onde se encontra, como vive e porque se manifesta de determinada maneira.**

Para caracterizar a relação corpo/trilha/ambiente iniciamos pelo índio, pois foi este que estabeleceu uma relação mais íntima com o seu ambiente. A partir do resgate dessa relação, pensamos em levantar e ilustrar a discussão sobre as colocações iniciais deste estudo.

1 Sabemos também que inspirado em seu próprio corpo o Homem concebeu as relações entre os astros, as estações, as coisas, os animais e os deuses; reconhecemos no nosso corpo e no das pessoas que conosco se relacionam um dos diversos indicadores da nossa posição social e o manipulamos cuidadosamente em função desse atributo. Vemos, no nosso próprio dia-a-dia, o corpo se tornando cada vez mais carregado de conotações: liberado física e sexualmente na publicidade, na moda, nos filmes e romances; cultivado higiênica, dialética e terapêuticamente; objeto de obsessão de juventude, elegância e cuidados. (RODRIGUES, 1975, p45-46)

Os índios, como originários do continente brasileiro, embora em pequena quantidade, ainda resistem em nossa civilização. Iniciadores das trilhas no país, eles passaram sua vivência e conhecimentos para aqueles que aqui chegaram, permaneceram, bem como para os seus sucessores. Estes povos até hoje têm uma relação direta com o corpo e seu ambiente. O homem branco que aqui chegou aprendeu muito com os povos indígenas, embora em nossa época, não possamos dizer a mesma coisa.

O índio teve que aprender a lidar com o ambiente natural dentro das condições ambientais onde vivia desde a infância. Para isso, ele tornou aguçadíssimo seu sentido, inclusive na escuridão e na mata. Enxerga segundo suas necessidades e suas utilidades.

Os índios viviam em constante mobilidade: caçando, pescando, rastreando abelhas, o que lhes permitia desenvolver a capacidade sensório-perceptiva a níveis superiores, adquirir e realizar proezas, estimular e desenvolver a sensibilidade e o sentido espacial. Essa atividade de locomoção, aliada à percepção e aos aguçados sentidos, faz com que tivessem domínio do ambiente. Esse domínio não era no sentido de domesticação da natureza, mas no de conhecer e compreender o ambiente e dele desfrutar.

Relatando as atribuições de capacidade dos índios, HOLANDA(1975) cita que:

"...se em terreno limpo não consegue enxergar facilmente, a ponto de haver quem lhes atribua certa atrofia dos órgãos visuais, e se muitos, sobretudo os maiores de trinta anos, não podem tirar bichos-de-pé, porque a vista não os ajuda, a verdade é que realizam prodígios na escuridão e no emaranhado das matas, acompanhando a grande distância a caça cobigada, seguindo abelhas no vôo ou descobrindo tocas e esconderijos de animais(...) Nas suas excursões costuma identificar as plantas trincando uma folha; pelo gosto sabe dizer a que espécie pertence e determinar-lhe o préstimo e serventia(...) pelo olfato a aproximação de uma cobra..."(p.19)

Entre estes moradores da floresta

"...é uma questão de vida ou de morte o saber em a qualquer momento tirar deduções precisas do aspecto do céu, do lado ensombrado das árvores, do vôo das aves, do passo dos animais e, sobretudo, dispor de uma acuidade de sentidos que ultrapassa qualquer raciocínio(...) uma observação segura ensina ao caçador o meio de alcançar diretamente a presa, cortando caminho".(HOLANDA,1975, p.78)

A marca deixada no ambiente, como o chão pisado, demonstra o modo de viver do grupo social que depende deste ambiente para realizar a vida social. Por uma observação mais detalhada é possível verificar do que desviam, e constroem (curvas, trajetórias, acidentes geográficos).

Hoje há algumas trilhas que foram trajeto de tropa de muares, e que agora estão estreitas novamente. Neste aspecto é interessante imaginar um passado com o ambiente, diferente do que se apresenta atualmente.

A pouca largura desses caminhos se adaptava particularmente ao sistema de marcha característico dos

índios, "fila índia"². Eles caminhavam em fileira nas picadas das matas, costume usual hoje, entre os caipiras. Esta prática de caminhar em fileira tinha a vantagem de proporcionar maior segurança ao viajante.³

Esta forma enfileirada de caminhar, nos parece ter o sentido de impedir a dispersão. Andando espalhados poderiam se perder.

A intrusão cada vez maior de métodos europeus provocou aos poucos o desaparecimento de tais práticas e habilidades, próprias de sociedades e de épocas em que o ambiente natural e a forma de sua utilização era fonte de subsistência, como por exemplo, a caça e a coleta de alimentos. Essa europeização parece acentuar-se, a partir dos meados do século XIX, quando a arte de caçar passa a ser considerada, não raro, como exercício aventuroso e galante, recreio de gente ociosa. Como argumenta HOLANDA (1975):

"Entre nossos indígenas e sertanejos, os laços que unem o homem ao mundo ambiente são bem mais estreitos do que tudo quanto pode alcançar nossa imaginação. A própria arte com que sabem copiar os movimentos, os gestos, as vozes dos animais da selva, não significa, neles, uma simples mímica; é antes o fruto de uma comunhão assídua com a vida íntima da natureza.

Dessa harmonia entre o homem e seu meio selvagem nasce uma inventiva fértil e pronta, uma imaginação sempre alerta, uma atenção quase divinatória, que para o civilizado parece atingir os limites do miraculoso." (p.77)

A sociedade caipira elaborou técnicas que

2 HOLANDA, 1976, p.21

3 HOLANDA, 1975.

permitiam a estabilidade do grupo com o meio, ajustando a fusão entre a herança portuguesa e a do primitivo habitante da terra, e em contato com a atividade nômade e predatória do bandeirantismo, que pode ser compreendida como processo de invasão ecológica, formas de ocupação do solo auxiliando na determinação de relações inter e intragrupais.⁴

Consideramos aqui que este grupo social utiliza seu corpo desde a semeadura e caça, fabrico de instrumentos adequados para a fabricação de utensílios de materiais de própria natureza tanto para semear como para caçar, até a transformação do plantio em alimento cozido, encontrados atualmente em menor proporção. É comum ouvirmos que os caipiras são rudes e brancos, traduzidos na apresentação dos seus corpos, segundo padrões citadinos.

O homem fixo na terra, o roceiro, após o bandeirantismo, por volta da época dos ciclos econômicos da cana-de-açúcar e café, usava seu corpo como instrumento e meio de subsistência para prover o alimento, recurso vital.

A reorganização social demanda um equilíbrio entre necessidades e recursos do meio físico, buscando soluções adequadas por parte do grupo social. Pode-se dizer que essas necessidades, em princípio, são primárias, naturais, tornando-se sociais. Esta sociedade está estreitamente vinculada ao meio natural, pois é dele que todos dependem. Na construção da relação necessidade/meio físico, criam-se técnicas e modos de operação desse meio, constituindo-se a

cultura do grupo social.

"...Há com efeito para cada cultura uma técnica de viver de que a alimentação faz parte(...) ela se torna o centro de um dos mais vastos complexos culturais, abrangendo atos, normas, símbolos, representações. A obtenção da comida percorre, do esforço físico ao rito..."(CANDIDO,1971,p.29).

A alimentação é um dos vínculos entre a vida social e o meio natural. O corpo é o intermediário dessa relação, é a fonte de necessidade, é o instrumento de caça e coleta alimentar, é o que alimenta e é alimentado, é o que produz, é produzido e reproduzido. "A alimentação ilustra o caráter de sequência ininterrupta, de continuidade, que há nas relações do grupo com o meio."(CANDIDO,1971,p.28)

O sal foi um dos grandes motivadores dos deslocamentos a pé, do homem da roça para os vilarejos "...um dos fatores principais de sociabilidade intergrupai, levando os indivíduos e agrupamentos(...) a contactos periódicos com os centros de população."(CANDIDO,1971,p.54)

A caça também faz parte da dieta caipira, necessitando para isto, de longas caminhadas pela mata. "Nela se desenvolvia a extraordinária capacidade de ajustamento ao meio, herdada do índio: conhecimento minucioso dos hábitos dos animais, técnicas precisas de captura e morte."(CANDIDO,1971,p.55)

Através de estudos do hábito alimentar pode-se explicar a vida social de um determinado grupo social. A "arte" da caça por exemplo nos povos antigos requer

conhecimento de magia, religião, técnica.

"...não é uma atividade puramente técnica, como se tornou para o homem moderno. Os sentimentos que ela mobiliza são de natureza muito diversa, não parecendo nada com a excitação esportiva, o gosto pelo perigo e a perseguição". (CANDIDO, 1971, p.29)*

Em torno do alimento se estrutura a vida social, sendo este um elemento integrador do indivíduo.

O corpo como instrumento religioso, da crença, é a manifestação do divino e do profano. Corpo que festeja a colheita, brinca com o santo. Como demonstra CANDIDO (1971), há uma

"...estreita ligação das representações religiosas com a vida agrícola, promessas para ter êxito na colheita e curar males. Magia, medicina simpática, invocação divina, exploração da fauna e da flora, conhecimentos agrícolas fundem-se deste modo num sistema que abrange, na mesma continuidade, o campo, a mata, a semente, o ar, o bicho, a água e o próprio céu. Dobrado sobre si mesmo pela economia de subsistência(...) o homem aparece àle próprio como segmento de um vasto meio, ao mesmo tempo natural, social e sobrenatural." (p.174-175).

O "equilíbrio ecológico", se estabeleceu devido, à não-urbanização, conseqüentemente foram mantidas a abundância de caça e pesca, terras férteis, pouca densidade demográfica, pela atividade do roceiro que manteve preservadas até hoje áreas de matas e florestas. Quando um local se tornava improdutivo, ele partia para outro, possibilitando a reconstituição. Atualmente, a preservação

expressa-se através de uma legislação que protege a área do desmatamento, da caça e outras depredações.

A preservação torna possível a utilização das matas e florestas com seus rios, cachoeiras, trilhas com fins de recreio e refúgio por visitantes.

Com as necessidades sendo satisfeitas através da criação de novas técnicas, o distanciamento do homem com o mundo natural foi se acentuando, as condições artificiais de sobrevivência foram provocando o decréscimo da capacidade dos sentidos, pois muitos deles caíram no desuso ou foram substituídos por objetos que realizavam determinada função e tarefa pelo indivíduo. Por exemplo, a bússola diminuiu a necessidade da percepção da distância, a invenção do binóculo diminuiu a necessidade de acuidade visual.

A experiência cotidiana do conhecimento, desemboca novos conhecimentos estabelecendo um aprendizado. Quando entramos num ambiente pela primeira vez, precisamos encontrar indicações, informações, rebuscar noções e conceitos sobre ele; vamos tateando, lendo o ambiente procurando identificar algo conhecido. Ao contrário, se convivemos neste ambiente quase que cotidianamente, temos condições de identificar detalhes e formar novas idéias. Práticas e experiências vão se tornando hábito e fazendo parte de uma convivência.

Nossas matas e florestas, de modo geral, estão praticamente definidas, exploradas, demarcadas e conhecidas em seu interior, garantindo por causa disto a segurança e a

despreocupação por parte de quem caminha. De certa forma, não somos colocados em desafios para novas descobertas, novas problematizações. A leitura realizada pelos nativos do mundo que os cerca, é uma questão de unidade, na qual eles incluem as sensações do corpo.

Devemos estabelecer relações entre o saber do passado e o atual. No conhecimento da caça e coleta de alimentos, o corpo era um instrumento de descoberta. Atualmente, o corpo é utilizado para um outro aprendizado, mais mecânico e mais sedentário, valendo-se de máquinas e aparelhos para esse conhecimento.

O sistema social industrial criando instrumentos, objetos e técnicas, controlando o corpo, esgotando recursos e espaços até então naturais, definindo o uso do tempo do homem, fez com que criasse a necessidade do tempo livre, hora de lazer, recreio, descanso, fuga do seu espaço habitual, entre outras.

Há um relato muito oportuno para ilustrar tal situação feito por PIRSIG(1984):

"... se a gente passa as férias viajando de moto, vê as coisas de um jeito completamente diferente do que de carro, quando a gente está sempre confinado, e como já estamos acostumados, nem notamos que tudo que vemos pela janela não passa de mais um programa de televisão (...). na motocicleta, não há limites. Fica-se inteiramente em contacto com a paisagem. A gente FAZ PARTE da cena, não fica mais assistindo, e a sensação de estar presente é esmagadora(...). A gente nunca se desliga daquilo que está acontecendo." (p.12).

As visões, as percepções no contato com a natureza, modificam-se a partir do meio e dos instrumentos utilizados para percorrer o ambiente natural. Se a visão, ou a percepção diferem para quem vai de carro ou moto, mais diversa ainda é para quem anda a cavalo e a pé. Cada modo permite leituras diferenciadas do mesmo ambiente, pois interagem de formas diversas.

O desenvolvimento industrial ao alterar os ritmos humanos contribuiu para o esgotamento emocional do homem urbano.

1 - O RITUAL DA CAMINHADA PELA VIDA

A concretização de uma caminhada pressupõe uma organização pessoal e/ou grupal, onde há os preparativos de como ir, o que levar, quando ir, para que ir, a disposição emocional. A organização do grupo ocorre em torno do consenso dos membros que irão caminhar.

Em algumas bibliografias sobre alguns grupos sociais, os relatos constituem a cultura e a época onde ocorreram a preparação:

"Em relação à proteção corporal contra determinados perigos e incômodos do ambiente como bichos voadores, sol, e tipo de solo os índios utilizavam-se de elementos do ambiente para resolver tais incômodos. As tintas de que se untam os conservavam tão bem protegidos contra a ação actínica do sol como se estivessem vestidos com tecidos espessos, além disso, a pintura completa do corpo com o

vermelho do urucu ou o preto do jenipapo era defesa contra as perseguições dos mosquitos, "...assim como as roupas o são para vós..."(HOLANDA,1975,p.113).

Nos primórdios do séc.XVII os bandeirantes se preocuparam com seus pertences levando consigo vários objetos, muitos dos quais eram cadastrados como bens pessoais que deixariam como herança, caso morressem na selva. Era como se eles levassem sua vida, sua história e cultura. Levavam objetos como: espingarda, gibão de armas, pólvora, camisas, cercoulas, bombachas de algodão, toalhas, lençol, rede, cobertor, almofadinhas, capote, chapéu, machados, foice, facão, navalhas, pedra de afiar, uma forma de munição com candieiro, alfinetes, colheres de prata, molhos de fumo, um bolinho de cêra, entre tantos outros.⁴

Numa caminhada longa, como no caso dos bandeirantes, sem data precisa para retorno, é curioso verificar o que se torna indispensável: "...Se nem todos podem levar tão terríficos arsenais, pouquíssimos dispensem objetos e utensílios de imediata utilidade, como pratos de estanho, colheres, caldeirões, redes, tipoias com seus cadilhos(...) anzois, cabegas de sal..." (BELMONTE,s.d., p.248), é possível encontrar também broquel de aço e escudos.

Os bandeirantes levavam entre outras coisas: uma caixa de botica, um estojo de lancetas, um estojo de cirurgia, muitos levavam livros e não deixavam o seu tinteiro, tabaqueiro com bocala de prata, levavam seu naipe

é BELMONTE, s/d., p.247.

para um truque no arraial. (BELMONTE, s.d.).

Os viajantes europeus que aqui estiveram, os quais se utilizaram de trilhas para suas observações ambientais, levavam consigo índios, ajudantes e mulas com cangalhas carregadas de comidas doadas ou compradas em vendas que encontravam pelo caminho, além de roupas, papéis, livros, dentre outras coisas.

Nos objetos levados nas caminhadas estão uma característica dos valores sociais e culturais do grupo ou indivíduo caminhante.

2 - SINAIS E PISTAS NO AMBIENTE

Em qualquer ambiente onde nos encontramos, são necessários alguns elementos para podermos nos situar e orientar os nossos sentidos. Esses elementos podem ser indicadores de direções, distância, objeto, quantidade, forma, tornando-se códigos, sinais e pistas com a função de comunicação entre os usuários,

"Um sistema de sinalização convencional nada seria, porém, sem o socorro de um espírito de observação permanentemente desperto e como só se desenvolve ao contato prolongado com a vida nas selvas. Essa espécie de rústico alfabeto, unicamente acessível a indivíduos educados na existência andeja do sertanista, requer qualidades pessoais que dificilmente se improvisam. É possível, talvez, ter idéia da segurança com que os índios se guiavam pelos astros ou rastros, conhecendo a perícia de nosso caboclo no distinguir ou identificar os menores vestígios da passagem de animais nos carreiros. Um

exame superficial das pegadas de um homem ou bicho basta-lhe muitas vezes para tirar as deduções mais precisas sobre sua origem, sua direção e a época em que foram produzidas". (HOLANDA, 1975, p.17)

Sem instrumentos precisos modernos, o nativo teve condições de determinar esses elementos. Esse aprendizado elementar que se fazia entre os componentes hoje é feito pelo ensino escolar.

HOLANDA(1975) cita uma passagem de Thomas Whiffen referindo-se a um índio percorrendo uma certa floresta, declarando o seguinte:

"...após rápido exame das árvores e do solo, que quando o sol se achara em determinada posição - isto é, aproximadamente meia hora antes - tinham passado sete homens carregando uma anta, morta em sítio apartado(...) O peso demonstrado pela aparência das pegadas dos sete homens indicava que o animal seria anta. Que eram sete, provavam-no iniludivelmente os mesmos rastros. O modo de impressão dos dedos dos pés na terra permitia, além disso, verificar que estariam cansados da longa marcha..."(p.78)

"... Onde houvesse arvoredo grosso, os caminhos eram comumente assinalados a golpes de machado nos troncos mais robustos(...) Essa destreza com que sabiam conduzir-se os naturais da terra, mesmo em sítios invicos, herdaram-na os velhos sertanistas e guardam-na até hoje nossos roceiros(...) Outros processos, o das cruzeiras de madeira chantadas na veredas que saem das estradas gerais, a advertir o caminhante de que poucos passos depois encontrará um teto onde repouse...". (HOLANDA, 1975, p.16-17)

Os códigos criados pelos membros de determinado grupo social, tornam-se uma linguagem inteligível e

compreendida pelos mesmos membros do grupo, podendo ser abstraídos e transmitidos para outros que chegam, os quais podem igualmente transmiti-los. Neste sentido estabelece-se a comunicação entre novos grupos e pessoas.

"Alguns mapas e textos do século XVII apresentam-nos a vila de São Paulo como centro de amplo sistema de estradas expandindo-se aos sertão e à costa(...) As estreitas veredas e atalhos que estes tinham aberto para uso próprio, nada acrescentariam aqueles de considerável, ao menos durante os primeiros tempos. Para o sertanista branco ou mameluco, o incipiente sistema de viagem que aqui encontrou foi um auxiliar tão prestimoso e necessário quanto o fora para o indígena(...) Eram de várias espécies tênues e rudimentares caminhos de índios.(...) galhos cortados a mão de espaço a espaço. Uma sequência de tais galhos, em qualquer floresta, podia significar uma pista".
(HOLANDA, 1975, p.15)

A questão da exploração do homem pelo homem vem de muito tempo, desde a colonização. No caso da colonização, temos os bandeirantes aproveitando-se de índios e negros, de sua percepção, habilidade de locomoção, força física e resistência.⁷

"Em lugar de ser simples escravo das suas aptidões naturais, dos cinco sentidos, que tinha excepcionalmente apurados, o índio tornava-se, assim, o senhor de um admirável instrumento para triunfar

⁷ Esta exploração me faz lembrar o filme *MAD MAX - Beyond the thunderdome*, do diretor *GEORGE MILLER* - Austrália, 1985, com versão para o português *MAD MAX III: Além da cúpula do trovão*. Havia um lutador que se apresentava esperto, astuto, forte e grande. Quando em uma luta com outro lutador, foi descoberto. Nada mais era do que um anão esperto e inteligente, montado nos ombros de um grande homem forte com deficiência mental, vestidos como se fosse um só.

sobre as condições mais penosas e hostis. Podia disciplinar metodicamente muitas daquelas aptidões; criar e recriar mil e um recursos adequados a cada situação nova, sujeitar-se, onde fossem necessários, a comportamentos que lhe garantissem meios de subsistência. Dentro dos limites que lhe permitia sua técnica, dentro do sistema de avanços e recuos, de liberdades e submissões em que se agitava, também podia desenvolver ao máximo um poder inventivo orientado para o bem do grupo, como se deve esperar de homens para quem o viver era antes e acima de tudo um conviver." (HOLANDA, 1975, p.22)⁸

Outro meio de sinalização muito conhecido e demonstrado em filmes de caubóis e índios, ocorre através de sons de tambores e das fumaças de fogueiras. "É conhecido o troceno ou tambor de aviso, além desse, o processo de sinalização por meio de fogueiras e rolos de fumaça, usado até hoje pelas nossas populações rurais". (HOLANDA, 1975, p.22-23)⁹

Devido a preocupação com outras pessoas que porventura pudessem se utilizar do mesmo caminho, alguns sinais eram deixados.

"...Viajantes que percorreram os rios do

8 grifos meus.

9 "Para o antropólogo é natural tudo o que não depende da tradição social, tudo o que não é comportamento aprendido, tudo o que transcende o domínio das normas, dos hábitos, dos costumes(...) portanto, não é peculiar a nenhum grupo social humano particular. Por oposição, entende por Cultura tudo o que é particular a determinada sociedade e depende de suas regras. Ao nível do indígena, a categoria de "Natureza" é um fato cultural; o "cultural confunde-se com o culturalmente definido como natural(...) Desde que construída socialmente, a idéia de Natureza é variável culturalmente(...) Mas não são apenas as categorias de Natureza e Cultura que variam socialmente: a relação entre elas também varia segundo as culturas...." (RODRIGUES, 1975).

Brasil Central atestam como, para indicar que determinado local é abundante em determinada casta de peixes, os índios usam às vezes o sistema de desenhar nas areias da margem a figura desse peixe. Quem venha depois e esteja a par do processo não correrá o risco de enganar-se..."(HOLANDA,1975)

Nem todo galho quebrado poderia ser um sinal. SAINT HILAIRE (1974) ¹², se enganou ao atravessar a Serra de Ibitipoca, pensando que um galho de pinheiro fôra colocado propositalmente por José, um de seus companheiros. Porém este galho provavelmente fôra projetado pelo vento numa encruzilhada. Esta interpretação enganosa desviou-o muito do caminho que deveria ter seguido.

Nestes mesmos caminhos havia uma cruz de madeira que indicava o limite entre a Capitania de Minas e a de S.Paulo. Isto também se constituia num sinal. (SAINT HILAIRE,1974)

Há sinais mais geográficos como montanhas, morros que auxiliam na distinção de localização. Ainda SAINT HILAIRE (1974) consegue se situar em que região se encontrava quando descreveu o relevo: "...é de se notar que descemos hoje muito mais do que subimos ontem, o que prova que a região de Minas que acabamos de percorrer é muito mais alta do que aquela onde estamos atualmente." Outro sinal no seu ponto de vista são as plantações: "...haveríamos de encontrar na diferença das produções, pois o café e a cana não dão bem do outro lado da serra e são plantas que deste

¹⁰ viajante europeu que excursionou pelo Brasil entre 1779-1853, estudando fauna e flora brasileira.

lado se cultivam com o maior êxito."(p.69)

Defender-se e proteger-se foi também defender e proteger o grupo social onde vivia. E para tal criaram mecanismos de defesa com recursos ambientais e corporais interligados. Relação corpo e ambiente sempre foi co-existente. Isto pode ser observado na citação de HOLANDA (1975): "...o rastro ficava impresso em sentido inverso ao da marcha(...)o uso das alpergatas destinadas a disfarçar o rumo das marchas..."(p.29)

3 - OS PÉS NAS TRILHAS

O caminhar foi durante três séculos aproximadamente, um meio ou modo de locomoção no Brasil. Com a chegada da era automobilística, há menos de um século, o ato de caminhar deixou de ser importante. Atualmente está-se retomando a importância de tal ato. O retorno a esta atividade além de primitiva é primordial ao ser humano, uma vez que foi através do ato de andar que se aprendeu o mundo, embora hoje tenhamos outros meios de aprendê-lo.

"E assim como o branco e o mameluco se aproveitaram não raro das veredas dos índios, há motivo para pensar que estes, por sua vez, foram, em muitos casos, simples sucessores dos animais selvagens, do tapir especialmente, cujos carreiros ao longo de rios e riachos, ou em direção a nascentes de águas daquelas populações. Hábitos a que o europeu e seu

descendente tiveram de acomodar-se com frequência nas viagens terrestres e que muitos sertanejos ainda conservam. (HOLANDA, 1975, p.35)

O corpo passa por uma série de modificações durante uma caminhada e isto já foi observado em várias bibliografias que descrevem numa riqueza de detalhes, o corpo dos índios no momento da caminhada e que o homem branco aprendeu para poder sobreviver ao ambiente onde se encontrava.

O conhecimento por parte dos índios, sobre as condições ambientais e o respeito a elas, favorecia a descoberta quanto à maneira de se portar diante de situações novas. Neste caso, nota-se o grau de consciência a respeito do seu corpo, no seu modo de caminhar. Eles em tempos passados, conseguiam perceber a relação corpo/ambiente. HOLANDA(1975), cita:

"Das intermináveis marchas a que se habituavam desde meninos, provém, segundo todas as aparências, os pés alargados e disformes(...) que persiste com grande frequência em nossos caboclos de hoje: "descalço, pés chatos e esparramados, dedos cabeçudos, longos, em garra, fincados no chão(...) os próprios índios atribuem por vezes a deformação dos pés achatados aos modos de vida que lhes são impostos ou às condições do terreno que pisam..."(p.31).

O caminhar proporcionava o hábito da observação, experiência e conhecimento.

O andar descalço entre os índios e com os quais os paulistas também aderiram, foi prática comum em épocas passadas.

"A falta de meios de defesa eficazes contra a séria ameaça representada por certos insetos nocivos ao homem(...)já lembrada, do bicho-de-pé, que seria facilmente evitada, não fosse a aversão ao uso de calçados, ainda frequente em nossos meios rurais(...) Já ao tempo de Anchieta, dizia-se dos colonos portugueses que, apenas desembarcados, não se pejavam, mesmo os ricos e honrosos e também muitos sacerdotes, de andar de pés descalços, ao modo do gentio da terra(...) Para os que tinham desaprendido o uso dos sapatos, era bem mais cômodo padecer a extração dos parasitas do que cuidar em evitá-los. Tanto mais quanto esse padecimento se convertia, com o hábito, em puro prazer. Muitos, efetivamente, acostumavam-se a suportá-lo e até a desejá-lo, por causa do excitante arrepio e do torpor acre e voluptuoso que comunicava aos membros. Uma simples cautela higiênica transforma-se, assim, em acalento e regalo para os sentidos(...) Nos primeiros anos do século XVIII, refere uma testemunha(...) era costume corrente, entre os paulistas de todas as classes sociais, mandar lavar os pés, todos os dias, à hora de se recolherem para dormir, e, depois de deitados, fazer com que alguém os esgaravatassem com uma tesoura ou um alfinete, a fim de extrair os parasitas.(...)se vai passando o tempo com tal deleite pelo costume, que chega o sono, como se estivessem acalentando com o mayor mimo; e se alguma noite passa por fortuna, ou por desgraça, que se falte a esta cerimonia, com dificuldade se adormece". (HOLANDA, 1975, p.120-121).¹¹

11 Aqui há o submeter-se a uma situação para tirar proveito afetivo, as carícias.

Neste sentido, torna-se interessante também a descrição das observações sobre a forma dos índios caminharem. Andavam descalços, com a ponta dos dedos para frente, muitas vezes coberto de folhas para despistar a direção tomada. A observação dos índios, no seu jeito de andar, conduziu os colonizadores a uma busca por formas menos desconfortáveis e dolorosas de caminhar, coisa que os índios pareciam não sofrer.

A percepção aguçada, aliada ao hábito de caminhar, desenvolveu no homem nativo ou homem da floresta, a noção de peso e volume e conhecimentos sobre outras culturas presentes no seu espaço pela observação da impressão deixada pelos pés, decorrente do modo de caminhar.

"A própria diferença no modo de marchar reflete-se naturalmente na impressão dos rastros, o que permite, pela simples observação destes, determinar se o caminhante teria sido índio ou branco. Além disso, quando o rastro se imprime, não com as pontas dos pés para fora, como ocorre no caso dos brancos, nem para a frente, mas para dentro, é indicio de que foi deixado por pessoa que transportava carga pesada(...) Nas trilhas largamente usadas ela já se torna mais difícil, pois o índio, e às vezes o sertanejo mestiço(...) costumam não só seguir os passos de quem os antecedeu, como ainda pisar exatamente sobre as marcas já deixadas no solo."(HOLANDA,1975,p.36)¹²

Algumas lendas são conhecidas a respeito do homem e ambiente natural como o saci pererê, curupira, e outros.

¹² Holanda citando observações feitas na América espanhola.

"Não é preciso ir buscar explicações nas lendas para "a anomalia dos pés às avessas, que no ermo das florestas pode preservar de perseguições, deve parecer uma espécie de privilégio sobrenatural entre povos andeijos e assustadigos.

Entre algumas tribos de índios, o emprego de ucos de sandálias ou alpargatas nem sempre estaria ligado, entretanto, à necessidade de proteção para os pés(...) as usam só quando não querem ser seguidos em viagem, cobrem as plantas dos pés com um atado de folhas, cujas extremidades são reviradas para cima(...) e o rastro ficava impresso em sentido inverso ao da marcha".(HOLANDA,1975,p.29)

O que antes se fazia por hábito, hoje se faz por treinamento ou culto ao corpo. No passado o próprio ambiente e a necessidade de sobrevivência exercitavam o corpo. Atualmente, constroem-se exercícios antes do caminhar, com o objetivo de alcançar resistência e performance para tal ato.

4 - MAXIMO E MINIMO ESFORÇO

Quando se fala em mínimo e máximo esforço atribui-se extremos de limites, na utilização da energia em determinada atividade, considerando economia ou gasto da energia. Este aspecto nos chama atenção em determinadas atitudes, épocas e atividades, relacionado a concepção de espaço e tempo, condição climática e geográfica, significado do caminhar e do próprio corpo.

"O caminhar em fila imposto pela exiguidade das trilhas, principalmente no espesso da selva tropical, parece relacionar-se, além disso, às razões de ordem fisiológica que G.Friederici estudou entre índios norte-americanos, mas que parecem aplicar-se de modo geral aos de todo o continente. É que, enquanto os brancos, por disposição natural ou educação, costumam caminhar voltando para fora a extremidade de cada pé, o índio caminha de ordinário com os pés para a frente. Na sua marcha, nota ainda Friederici, a planta e os dedos do pé aplicam-se inteiramente sobre o solo, porque todo o peso do indivíduo recai sobre o conjunto de maneira uniforme, ao passo que entre os brancos o polegar suporta uma parcela de peso desproporcionalmente maior. Com seu sistema peculiar, os índios não só economizam trabalho, pois a ponta do pé encontra naturalmente menos superfície de resistência nos galhos e macegas, mas também, devido à distribuição mais proporcional do peso do corpo, nenhuma junta desenvolve mais trabalho do que outras, nenhuma parte sofre maior cansaço, e assim(...) tornam-se possíveis percursos mais extensos..." (HOLANDA, 1975, p.35)⁴³

"Muitas vezes tenho ficado surpreso ao ver os zig-zags descritos por um caminho através de um prado perfeitamente plano. É ainda mais surpreendente quando se pensa que um caminho não é traçado pelo capricho de um só pedestre. Poder-se-ia acreditar que na maior parte os passantes são dotados de excentricidades idênticas, pois traçaram caminhos tão extranhamente sinuosos. A causa disso está, entretanto, nas sugestões vindas da terra, e às quais os nossos pés respondem inconscientemente. Os que não permanecem ignorantes desse gênero de comunicações ajustam seus músculos, com grande presteza, ao menor desses avisos. Assim se preservam da intromissão dos

espinhos, mesmo quando passam sobre estes, e, sem o menor desconforto, andam **descalços em um caminho pedregoso.**" (SILVA,1934,p.153)¹⁴

Nesta citação anterior fica bem ilustrado como a vida social (o caminho) imprime uma cultura (quando vários pés pisam o mesmo chão) afetando o aspecto corporal, numa interação com o ambiente natural.

SAINT HILAIRE(1974) dentre seus vários relatos de viagens, descreve o tempo e a geografia local por onde passava, assim:

"O tempo estava magnífico, escolhemos para passar em uma espécie de desfiladeiro de onde vêem-se montanhas de todos os lados que foi necessário subi-las foi sem grandes problemas, mas quando foi necessário descer tornou-se medonho, caminhos estreitos e profundos, cobertos de pedras arredondadas que rolam sob os pés dos muars. Algumas vezes são obrigados a saltos bastante altos. Desceu a montanha a pé e isto não sem cansaço".(p.68)

Nas construções das estradas pavimentadas para meios de transportes motorizados utilizaram-se os antigos caminhos. A ampliação das estradas prolongou caminhos e acelerou o contato entre populações. Enquanto prolonga-se caminhos, acessa-se lugares.

14 grifos meus. "Analogamente, já um engenheiro brasileiro observara que, nos serviços de reconhecimento, nas montanhas, é útil 'acompanhar as veredas por onde segue o gado, porque os animais, por instinto, procuram os caminhos de menor declive, de menor distância e de menor tropeço', e tais são, em última análise, os objetivos do engenheiro ao estudar o traçado mais conveniente a uma via de comunicação terrestre. (SILVA,1934,p.153)

Os valores sociais e culturais de uma época estão presentes nos motivos da construção de estradas: "...poder construir-se economicamente; servir maior área do território (...) bem situado para defesa terrestre (...) beleza panorâmica (...) grandes melhoramentos..."(SILVA, 1934, p.188).

As novas construções são justificadas por índices¹⁵ que levam em consideração aspectos como: melhoria para as populações, aproveitamento da mão-de-obra local, maior número de empregos; melhor trânsito, fluxo, acesso, e etc.. Os prejuízos ambientais, sejam eles sociais ou naturais, poderiam também ser melhor considerados.

Os aspectos econômicos influenciam de forma mais marcante nas decisões. Basta observar os motivos das grandes construções de estradas: comunicação entre grandes centros urbanos, expansão turística, facilidade de transporte de mercadorias, desenvolvimento local entre outros.

"Tratando-se de uma estrada que, além do seu caráter estratégico, está destinada a pôr em comunicação dois grandes centros como o Rio e São Paulo(...) o critério do menor percurso(...)impõe-se mais pela economia da conservação da

15 LAGO e PADUA, 1985 cita: "PND (PRODUTO NACIONAL BRUTO)...Esse índice registra apenas a criação positiva de produção econômica, não levando em conta sua natureza social ou seus efeitos sobre o ambiente. Assim, por exemplo, a derrubada comercial de uma floresta, ou a exploração até o esgotamento de um poço de petróleo, são contabilizados (...) apenas como criação positiva de riqueza, sem que se desconte a perda definitiva de bens naturais de valor incalculável". (p.46-47)

estrada..." (SILVA, 1934, p.192).¹⁶

Devemos considerar aqui, a **concepção de homem e natureza** presente na atualidade, conduzindo muitos a uma visão de natureza **como errada para poder corrigi-la**. Antes, concebia-se uma natureza a qual necessitava ser dominada para servir ao homem. Agora, é preciso corrigi-la. O seguinte relato ilustra o que estamos discutindo:

"...era possível ir de uma a outra das grandes e formosas cidades, rodando, comodamente, por essa larga superfície contínua, de rampas suaves e curvas amplas, que o homem, **corrigindo a natureza**, abatendo escarpas e elevando vales profundos, sobrepoz às primitivas irregularidades do solo, montanhas e alagados, ainda visíveis, aqui e acolá, para testemunho de todas as dificuldades vencidas"(SILVA, 1934, p.192-194)¹⁷

Este relato, se bem observado, refere-se a uma fase de expansão das estradas de rodagem. Atualmente o que se observa nas principais rodovias brasileiras em determinados horários e períodos temporais, é um intenso fluxo de automóveis, consumindo tempo, energia física e de combustão, interagindo, interferindo no ambiente social, natural e cultural.

16 já no final deste trabalho, foi possível presenciar a possibilidade, aliás em concorrência, da privatização de uma das maiores e importantes rodovias do país, a Via Dutra que liga dois grandes centros urbanos, São Paulo e Rio de Janeiro, por motivos de restauração e manutenção desta estrada, isto ligado diretamente às condições econômicas.

17 grifo meu.

Para esclarecer melhor o que estamos discutindo, a abordagem de RODRIGUES(1975) explica muito bem a questão: "...a Natureza é regida por uma ordem. Parte do Homem, o cérebro humano é parte da Natureza e está submetido a suas leis. A Cultura é produto dessas leis: um modo - dentre outros - de operação do aparelho cerebral. é parte da Natureza e uma de suas formas de manifestação(...)A Cultura instaura o que chamamos Natureza do Homem e tem a ver com as condições orgânicas e sociais que dialeticamente relacionadas lhe estão na base. Não há comportamento humano fora da cultura, ou resultante de qualquer abstração que se faça desta(...) a Cultura se constitui como um sistema de representações..."(p.19).

Podemos considerar que a manifestação e a relação que se tem do corpo manifestando-se no ambiente natural, está diretamente vinculada à cultura dos grupos sociais aos quais pertencem os indivíduos, como ao tempo e espaço em que ocorrem tais relações.

Considerando que a Cultura estabelece contrastes e diferenças, constituídos de sentido para o ser humano; que a sociedade estabelece atributos e regras do que é como o homem deve ser, podemos concluir sobre a presença de uma construção social relacionada tanto ao corpo como à natureza.

RODRIGUES(1975) reconhece na educação a função de inculcar nos indivíduos atributos como ideal intelectual, afetivo, moral ou físico, implementando no espírito e fixando no físico algumas similitudes essenciais indetificadoras e possibilitadoras de comunicação entre seus membros. Prossegue afirmando que ao realizar este

trabalho, a Cultura dita normas em relação ao corpo, que lhe apresentarão tão natural quanto a sucessão das estações ou o movimento do nascer e do pôr-do-sol. Sabemos que inspirados no próprio corpo, o homem estabeleceu relações com astros, objetos, animais, estações e deuses. Com esta abordagem, o autor confirma a inter-relação do corpo, do ambiente, do social e da cultura.

Através de uma atividade, dentro de um determinado grupo social, expressa-se alguma coisa, uma idéia ou um estado. Nesta expressão está o simbólico significando algo, que tentaremos buscar, na atividade caminhar de alguns grupos sociais.



CAPITULO IV

O CENARIO

1 - A REGIAO ESTUDADA¹: A situação na Serra

"Navegando rios desconhecidos, abrindo caminhos na mata primitiva, construindo toscas moradias, nas primeiras décadas do séc. XVIII, pessoas vindas de outras localidades, foram dando início a pequenos lugarejos. Tarefa árdua esta, sem dúvida, mas a necessidade de expandir-se economicamente e o interesse despertado pelo potencial agrícola, ou seja, terras férteis e água boa e em quantidade, foram motivos consideravelmente forte para esses pioneiros, promovedores do crescimento dessas povoações que com o passar dos anos transformaram-se nas cidades dessa área composta dos seguintes municípios: Amparo, Bragança Paulista, Campinas, Jaguariúna, Joanópolis, Monte Alegre do Sul, Morungaba, Nazaré Paulista, Pedra Bela, Pedreira, Pinhalzinho, Piracaia, Santo Antonio de Posse, Serra Negra e Socorro." (LECTA, p.32)

O Estado de São Paulo engloba áreas individualizadas, marcadas pelas particularidades constatadas na organização do espaço regional, a partir das condições apresentadas pelo quadro natural e daqueles que se manifestam no decorrer de sua evolução econômica, social e cultural. As mesorregiões geográficas constituem o macroespaço estadual e foram identificadas a partir da

¹ Os dados das descrições dos municípios foram tirados de fontes como: IBGE, Dissertação de mestrado-GOMES, Neide Rodrigues. "Joanópolis - Jóia da Mantiqueira"; Projeto de regulamentação e implantação da APA; Relatório de pesquisa apresentado à FAPESP de Iara C.P. Rolim; Lei Orgânica do Município de Joanópolis; Jornais antigos da região, LECTA; depoimentos da população local e observações do pesquisador.

análise do processo social, do quadro natural e da vida de relações. Além da delimitação dos espaços, foram caracterizados fatores que os explicam, buscando, desta forma, uma compreensão das diferentes realidades sub-regionais, definindo e explicando o papel de cada subespaço no conjunto da organização espacial do estado. ²

Na mesorregião Vale do Paraíba Paulista encontra-se a microrregião São José dos Campos, da qual faz parte o Município de Joanópolis. Além dela encontra-se o Distrito de São Francisco Xavier.

Joanópolis é distante da capital do Estado por volta de 100 km pela Rodovia Fernão Dias até Atibaia, entrando pela Rodovia D. Pedro I até início da SP-36, que liga Piracaia a Joanópolis.

Este município, pertencente à Comarca de Piracaia, está vinculado à administração da cidade de São José dos Campos-SP. Localizado a nordeste do Estado de São Paulo, entre as Serras da Mantiqueira, que antigamente tinha o nome de Jaguamimbaba, nome este dado pelos índios que habitavam a região, e Serra do Guirra, faz divisa com municípios paulistas de São José dos Campos, Piracaia e Bragança

² Definições de vocabulários feito pelo IBGE: 'Situação urbana' consideram-se as áreas urbanizadas ou não, correspondentes às cidades (Sede Municipais), as Vilas (Sedes Distritais) ou às Áreas Urbanas Isoladas. A 'Situação Rural' abrange toda a área situada fora desses limites, inclusive os aglomerados rurais de extensão urbana, os povoados e os núcleos". (Sinopse preliminar do censo demográfico 1991-São Paulo - IBGE - No.19 - Secretaria do Planejamento Orçamento - Fundação Inst. B.G. e E. V.1).

Paulista e do lado mineiro com os municípios de Extrema, Camanducaia e Monte Verde.

Sua superfície é de 377km². A altitude máxima na zona urbana é de 2070m, sendo que a mínima é de 850 m.

São Francisco Xavier localiza-se na região Norte do Estado, município de São José dos Campos, próximo à Serra da Mantiqueira, distante da capital por volta de 150km; limita-se ao Norte com Camanducaia(MG) e Sapucaí-Mirim(MG), a leste com Joanópolis (SP), a oeste com Monteiro Lobato (SP) e ao Sul com o distrito de São José dos Campos. Com acesso via asfalto pela Via Dutra, passando pelo município de Monteiro Lobato.

Por sua vez Monte Verde³ está localizada na divisa do município de São José dos Campos, pertencendo a mesorregião Sul/Sudoeste de Minas Gerais onde encontra-se a Microrregião Geográfica de Pouso Alegre, da qual faz parte o Município de Camanducaia. é administrada por uma subprefeitura vinculada à Administração Pública de Camnducaia.

Assim como Joanópolis e São Francisco Xavier, Monte Verde, com 1600m de altitude, encontra-se na encosta da Serra da Mantiqueira, mas do lado mineiro, ocupando uma área de 18 km².

³ a maioria dos dados aqui expostos são de depoimentos, entrevistas e observações do pesquisador, uma vez que a prefeitura e subprefeitura não possuem dados estatísticos e/ou outras informações oficiais e nem mesmo o IBGE publicou o último censo.

2 - CRUZANDO AS HISTÓRIAS

Joanópolis fundada no ano de 1878, época próspera do café, recebeu o nome de Bairro de São João do Curralinho. O bairro era rodeado de serras, o que possivelmente tenha dado surgimento a esse nome. Teve sua origem num cruzeiro, onde um grupo de habitantes desse bairro, hoje pertencente a Piracaia, costumava se reunir para festejar São João Batista, todo dia 24 de junho. O grupo teve a idéia de construir uma capela nesse local e, para tanto, os Srs. João José Batista Nogueira e Luiz Antonio Fogueiredo ofereceram 4,5 alqueires de terra.

São Francisco Xavier criado como vila em 16.08.1892, tornou-se Distrito através da Lei Estadual. Apesar de perfazer uma área de 322km², correspondente a 28,88% da área total do Município de São José dos Campos, por ter sido "...marginalizado do processo de desenvolvimento industrial da cidade, permaneceu distrito..." ⁴

Monte Verde foi fundada em 1936 e seu nome originou-se de Green Berg, sobrenome do seu fundador. Sr. Werner Berg, o fundador, nasceu na Letônia, país dominado pelos russos, localizado no Mar Báltico. Veio para o Brasil⁵

⁴ argumentos do Plano diretor da cidade.

⁵ Quando ele fala da escolha do Brasil: "...paz, paz, pura paz, então quando o meu pai viajou para os EUA e para outros lugares, quando ele voltou disse: - olha pra saber amar direito o Brasil é preciso viajar bastante pelo mundo a fora, porque aí a gente ama mais o Brasil. É Terra de paz

com seus pais antes da Primeira Guerra Mundial. Morou em Campos do Jordão e precisaria residir num lugar com clima propício à sua saúde e um lugar com características geográfico-climáticas próximas às da sua terra de origem.

O café foi a mola propulsora para o desenvolvimento do Bairro de São João do Curralinho e, conseqüentemente, para sua transformação em município (Joanópolis).

No final do século XVIII, acompanhando o "caminho novo" aberto da Vila de Nossa Senhora da Piedade de Lorena até a cidade do Rio de Janeiro, o café chegava ao município de Sant'Anna dos Azeais transformando a paisagem geográfica, econômica e humana do Vale do Paraíba Paulista. Em alguns municípios o café substituiu rapidamente o cultivo da cana-de-açúcar, enquanto em outros encontrou maior resistência por parte dos "senhores de engenho".

Em 1836 o café dominava a economia vale-paraibana, sendo exportado pelos portos de Parati, Mambucaba, Ubatuba, São Sebastião, Ariró e Jurumirim. Esse período áureo da produção cafeeira no Vale ocorreu na década de 1850 a 1860. Em 1854 já se espalhava pela área, com pontos de concentração maior além de Campinas, Bragança Paulista, Itu e Jundiaí. A decadência ocorre por volta de 1929.

Enquanto isso a região de São Francisco era passagem das tropas que vinham de Minas Gerais para os portos de Parati e Santos, por volta de 1904. Muitas mesma(...) e assim isso é um fato..."

famílias vieram de mudança, com os burros e mulas carregados de cargas pela Serra de Santa Bárbara que era um dos caminhos. O caminho era uma trilha de difícil transposição, rota do comércio que prosseguia pelo Bairro Roncador e Água Soca. As cargas de comércio eram: queijo, farinha e produtos da terra.⁶ Sr. João, um dos moradores mais antigos da região, conta que havia tropeiro "... no mato, há 40 anos (...) os tropeiros eram dono da tropa, (ele mesmo era tropeiro). Pegava o serviço, empreita de puxada de lenha, carvão pra ganhar dinheiro. A tropa era de mula, burro, e cavalo. Saía um na frente da tropa para o resto acompanhar, era a madrinha. O cavaleiro ia nela".

A rota de tropeiro era: Minas, Monte Verde, Pedra Azul, Pedra do Selado, Guaxindiba, São Francisco Xavier, São José dos Campos; foi a primeira ligação com o Vale do Paraíba. O segundo caminho foi até Pedra do Selado o mesmo depois desviava e descia por Lavras-SJC.⁷ Em Joanópolis, as terras já cansadas para a produção de café começaram a ser utilizadas para as plantações de milho, feijão, arroz, batatas e algumas hortaliças.

Ao redor da igreja, ergueram-se as primeiras casas e assim formou-se o povoado. A 17 de agosto de 1895, tal povoado chega à categoria de município e a 18 de dezembro de 1917, tendo seu nome alterado para Joanópolis, ou seja,

⁶ Plano Diretor

⁷ Mais tarde em 1932, a região serviu para a manifestação da revolução no mesmo ano, onde encontra-se no Morro da Guaxindiba trincheira da época desta revolução.

"Terra de João", o padroeiro da cidade.

Na época de fundação da cidade de Joanópolis, as casas eram construídas de madeira e de taipa, de barro amassado com o pé, colocado sobre estrutura de madeira. O tombador de posse autorizava a construção, evitando que esta ocorresse de qualquer jeito, garantindo ruas largas e estruturadas.

Em São Francisco Xavier a maioria das casas segundo o depoimento de dois moradores (D.Viridiana e Sr.Alfredo), "... era de sapé, não era muito perto uma da outra, tinha que andar um pouquinho. Primeiro era tudo salteado as casas. Aqui poucos tinham sítio. Morava na roça e tinha um sitinho desses, agora nós nunca tivemos sítio. Onde nós moramos hoje, é de uma mulher de São Paulo. Nós cuidamos daqui, plantamo mandioca, trata de criação, vivem de aposentadoria. Não ganhamos nada; não pagamos nada e não ganhamos nada da patroa." Moram nesta casa há 18 anos; a respeito de quando precisam de comida, dizem: "...compramo na praça, na cidade". Antigamente plantavam: milho,, arroz, feijão, mandioca, cana, tinha horta e, sobre a criação, relatam: "... era galinha, porco, agora só galinha. Quando morava em Santa Bárbara tinha vaca, fazia queijo. (Atualmente)...a maioria das pessoas da cidade vive "... criador de gado, nada pra plantar, não tem terreno".

Sr.Werner chegando em Monte Verde por volta de 1950, com sua esposa D.Emília e familiares, num total de cinco pessoas, teve moradia fixa. Embora com matas nativas e

capoeiras, gostou do local ainda virgem e resolveu formar uma vila. Reconheceu que para atingir o seu objetivo de "fazer uma cidade", precisaria de pessoas para trabalhar a terra e formar uma vida social. Foi convidando e atraindo pessoas das redondezas para desmatamentos, plantios e colheita de alimentos e criação de gado.

Construíram uma cabana de encerado para poder "fazer alguma coisa". A idéia era montar uma fazenda. Depois, "serraram tábua, madeira" e fizeram camas de pau roliço e forrada de capim. Após algum tempo fizeram um rancho maior. Criavam um pouco de gado, porco, cavalo ao seu redor. A cozinha era debaixo de um grande pinheiro; penduravam as panelas nas árvores e o fogão era de pedra.

Naquela época, a região era de mata e de trilha, conhecida como "Terra do Salado". Sr. Werner e seu grupo, logo abriram a estrada de acesso a Camanducaia, onde, a princípio, dava para entrar a cavalo e depois com jipe.

Por aí, toda semana iam buscar mantimentos básicos em Camanducaia, inclusive o pão.

Havia muita vaca de fazendeiros da redondeza. Produziam manteiga, queijo, ricota e creme, que bem atendiam ao "costume do modo letão". Os mineiros que trabalhavam ali "tinham medo" deles. Aos poucos foram se aproximando e fizeram o rancho junto com os letões e construíram fogão de tijolinho. Não fizeram lavoura, "só gado, mas leiteiro".

A vegetação local, segundo o fundador já existia: "...Os pinheiros e araucárias existem antes mesmo do Brasil

ser descoberto, mais de 500 anos". Sua contribuição se deu somente com a plantação de eucaliptos.

Sr. Werner conta que quando os amigos paulistas vinham visitá-lo, não tinham onde dormir; espalhavam-se pelo rancho de uma forma desconfortável. Mas, por sua vez, os filhos desses amigos que tinham dificuldade em se alimentar na vida urbana, chegavam ali e "comiam bem". Os pais ficavam contentes pela forma saudável e queriam ficar por ali também. "Quem fez a propaganda de Monte Verde foi as crianças". Após a construção da ferrovia o acesso ficou mais fácil e, além disso, "...depois da ferrovia foi fácil lotear...o pessoal de São Paulo rapidinho invadiu isto aqui. Agora tá bom". Os amigos visitantes lhes diziam que não podiam "segurar isso prá vocês, é um pecado. Por que vocês não faz loteamento aí?". Começou então a lotear e a vender lotes, isto por volta de 1956, "...sabe aí vem as consequências das muitas necessidades...".

Comprou vacas holandesas para a produção de leite, queijo etc., que os veranistas das redondezas vinham buscar. Era ele mesmo quem dispensava os cuidados com o gado (vacinar, orientar ajudantes etc).

Monte Verde tinha o nome de Selado e foi formada para e por trabalhadores, subdividida em lotes pequenos, baratos e pagos a longo prazo ao fundador, isto é relatado por ele próprio, Sr. Werner: "...pra nós ter empregados... e agora temos abundância por causa disso...". Nesta, encontram-se os estabelecimentos de primeira necessidade

como: supermercado, padaria, farmácia, leiterias, e outros.

Segundo Sr. José, antigamente as divisas das terras dos moradores da Vila Operária eram feitas por grandes buracos, valas bem largas, compridas e profundas "do tamanho de um homem", contornando os terrenos dos proprietários com a finalidade do gado não passar do outro lado. É possível encontrar esses buracos ainda hoje. Naquele tempo não existia por lá, arame ou cerca.

O que se observa então, historicamente é que Joanópolis foi fundada pela necessidade de um ponto de convergência social; São Francisco Xavier se originou por necessidade de passagem de tropas de muares e Monte Verde foi formada mais por uma questão individual.

3 - A PRESENÇA DO VERDE: por entre montanhas e rios.

Joanópolis é uma região constituída por escarpas e serras alongadas de altas declividades; seu relevo montanhoso é muito expressivo em toda área. A vegetação de mata fechada vem sendo substituída por pastagens e plantios temporários, apresentando um quadro de degradação ambiental com aceleração de processos erosivos (LECTA). Contém muitos mananciais, constituindo vários rios, cachoeiras e reservatório. Seu território é ocupado por matas e pastos.

O clima é temperado para frio seco, com temperatura média de 19 graus C. No inverno é menos seco e o índice pluviométrico anual é de 1.600mm ¹, com topografia montanhosa.

Há diversos pontos atrativos naturais como: cachoeiras e montanhas, onde se localizam pedras imensas permitindo uma bela visão panorâmica.

Tanto em Joanópolis, como em São Francisco Xavier e Monte Verde, as montanhas estão localizadas no pé da Serra da Mantiqueira. Os 377 km² de Joanópolis são quase na totalidade de pequenas e médias elevações, porém há também, grandes montanhas, como o Pico do Selado que tem 2070m de altitude, sendo um dos mais altos de Estado de São Paulo. Na zona urbana sua altitude é de 2070m.

Das inúmeras montanhas existentes no município, várias podem ser exploradas para "turismo selvagem" ² como:

¹ GOMES, 1993.

² GOMES, 1993 que fez um inventário da região, define turismo selvagem como sendo uma "atividade turística caracterizada

"Pedra das Flores", "Pedra do Carmo", "Pico do Selado"; e o "Pico Lopo", que é um dos referenciais da população local, com 1725m (segundo a Lei Orgânica) e 1920m (segundo GOMES, 1993), que forma a imagem de um gigante deitado. É regularmente explorado pela juventude local, que para chegar ao seu pico utiliza trilhas de aproximadamente 2m de largura por entre a vegetação nativa. Também conhecido como morro do "Gigante Adormecido". Quando chega-se perto da represa de Piracaia estrada para Joanópolis, já se pode notar na crista e ponta da Serra um conjunto de morros, cujo contorno parece um homem deitado em decúbito dorsal, embora a população diga parecer o corpo de um símio, cuja cabeça nada mais é que a Pedra do Lopo, um ponto turístico muito procurado, donde avista-se Minas Gerais.

Outro acesso ao Pico do Lopo dá-se pela cidade de Extrema (MG), a 35 km de distância de Joanópolis, dos quais 18 km são da Estrada Bandeirantes, 09 km da Rodovia Fernão Dias e o restante da própria Estrada do Gigante que já está pavimentada, com paralelepípedo.

Quanto as cachoeiras em Joanópolis temos: "cachoeira do Niquito", "cachoeira do Lopes", "cachoeira das Bruxas", "cachoeira Mosquito", "cachoeira dos Pires", "cachoeira Iponina"; "cachoeira do Zoinho" conhecida também como da Tapera, da Usina, Represa do Can-Can ³.

pela busca de lugares não trabalhados pelo turismo convencional, privilegiando recursos naturais de difícil acesso e desprovidos de conforto de hotéis, restaurantes e semelhantes".

3 Do "Zoinho", segundo moradores, recebeu este nome, porque

A "cachoeira dos Pretos" é um dos maiores atrativos de Joanópolis, localizada a 18 km do centro. É uma espetacular queda d'água formada por uma falha geológica, que faz o Rio Cachoeira despencar de uma altura, dita pelos moradores, de 154m. Esse nome deve-se ao fato desta cachoeira estar localizada em terras que pertenciam a família Preto de Oliveira. Hoje a área é de domínio público e de acordo com a Prefeitura, são aproximadamente 4000m².

Junto à corredeira do "Rio Cachoeira", há um bar, instalado em barraca de madeira. As condições são precárias, porém é aí que visitantes se reúnem para tomar alguma bebida ou saborear peixes e petiscos.

Regularmente, nos finais de semana, há fluxo de turistas praticantes de umbanda ou candomblé que vão até a cachoeira para realizarem cultos aos orixás da natureza. Além disto, este ponto é o de maior atração turística, procurado pelos frequentadores dos três municípios estudados.

Estima-se que, no século XVI, a Mata Atlântica ocupava área de cerca de 350.000km², estendendo-se desde o Rio Grande do Norte até o Rio Grande do Sul, na faixa que acompanhava o litoral, adentrando o sertão. No final do séc. XX, após tantas ações de desmatamento para implantação de cidades, abertura de estradas, alargamento das fronteiras

ficava perto da casa de um homem chamado Zoinho; perguntado a ele o porquê deste apelido, ele respondeu que não sabia "foi desde pequeno". Mas reparando-o entende-se o porquê: ele tem uma deformação física em um dos olhos.

agrícolas, industrialização da madeira, calcula-se restarem apenas 5% dessa rica cobertura vegetal, concentrados em áreas de terreno acidentado da Serra do Mar (NEIMAN, 1989). Mesmo essas pequenas "ilhas" de vegetação da Mata Atlântica são alvos de madeireiros, palmiteiros, grilheiros e a sempre presente especulação imobiliária.

Joanópolis, felizmente, conserva importante relação entre solo ocupado e mata primária: nada menos de 13% de seu território é ocupado pela Mata Atlântica. A média em outros municípios do Estado de São Paulo é de 3 e 5%. (GOMES, 1993)

São Francisco Xavier fica muito próximo, ou melhor, ao pé de uma das encostas paulistas da mesma Serra da Mantiqueira, onde se encontram diversos acidentes naturais⁴ como: córregos de Santo Antonio, das Couves, do Martins, Fartura, Santa Cruz, do Sabão, Chico, São Pedro, do Ferreira, do Machado, Candico, Guaxindiba, São Sebastião, Cafundó, Cateto, Laranjal e Santa Bárbara.

Há ribeirões como: do Guirra, do Alegre, das Couves, Rios do Feixe, Manso, das Cobras⁵. Há também pedras como: do Queixo Dante (Quechedante) no Bairro do Remédio,

⁴ Os termos morro, monte, serra foram utilizados de acordo com a população local e de uma carta geográfica disponível na prefeitura local. Segundo informação de um geólogo, no Brasil não existe montanhas, mas morros, morretes, montes e colinas. Serra é escarpa do planalto. O que chamamos de Serra da Mantiqueira é um planalto. Então seria mais correto dizer "os povos do planalto" e não "os povos das montanhas".
⁵ a diferença entre córrego, ribeirão e rio, entre outros fatores, depende de onde está localizado e do canal de drenagem.

onde caiu um avião, conhecida também como Queixo da Anta, pelos turistas; do Mirante de onde se vê o Vale do Paraíba; do Onça onde tem vôo de asa deltas; Redonda, com 1920m de altura; Chapéu do Bispo, com 1923m de altura; Vermelha, com 1816m de altura, e Pouso do Rochedo, com 1300m de altura.

Outros atrativos são os dos Picos do Selado, com 2082m, e Focinho Dante, com 1712m de altura; Morros do Jacuí (890m), dos Lavras (1000m), São Pedro (1225m) e do Púlpito (1299m); Monte do Búzio, com 1160m de altura e a Serra do Guirra.

São inúmeras as cachoeiras: do Roncador, em propriedade com áreas de lazer; do Sabão; das Couves; de Santa Bárbara, no bairro do mesmo nome, onde existe uma área de camping; do Pedro David, no Bairro de Santa Cruz, a qual era de proprietário particular, mas agora está sob a responsabilidade da prefeitura local, que fiscaliza o lugar com guardas ambientais, por ser a mais próxima e, por isso, a mais frequentada pelo turismo de excursões e realização de piqueniques por pessoas de outras regiões.

A população mais jovem costuma fazer caminhadas para algum ponto de sua referência. Há os que vão inclusive para a "cachoeira dos Pretos" que fica em Joanópolis.

Além destes, há os pontos de referência dos próprios moradores que costumam fazer caminhadas: Pedra do Convento (porque venta); Grota do Mono (porque tem mono-macacão-gorila); Buracão Gamelão (porque tem grota que parece uma gamela grande); Pedra Vermelha (tem cor

avermelhada); Curva da Manda Saia (Manda saia é uma abelha); Curva do Esse (S); Pedra Toca da Onça (havia muita onça); Pedra Porco do Mato (grande pedra onde os porcos do mato costumavam dormir); Pedra da Plataforma (onde turistas costumam pular de asa delta - divisa de Monte Verde).

Assim como Joanópolis e São Francisco Xavier, Monte Verde é formada de morros e montanhas, com picos e grandes pedras, onde os turistas podem ter vistas panorâmicas. As principais são: Pedra "Partida", com 2000m de altitude; "Redonda", com 2054m de altitude; Pedra do Selado, com 2054m de altitude; Pedra "Chapéu do Bispo", com 1900m de altitude; Platô, próximo à Pedra do Bispo.

Enquanto em Joanópolis e São Francisco há inúmeras cachoeiras, em Monte Verde há córregos e um ribeirão que percorrem a região, onde é possível encontrar pequenas quedas d'água. Não há cachoeiras em abundância na região. As conhecidas são: do Portal, nas terras da Melhoramentos sem permissão à entrada; do "Poncilhano" ou "Ponciano"; dos Pretos, que, embora não pertença ao Município, é sempre procurada pelos turistas e indicada pela população, estando distante quase 50 km em Joanópolis.

Os acessos para estes pontos atrativos são por trilhas.

Na Vila Operária (bairro de Monte Verde) não há vegetação em abundância. É uma área desmatada. O que se observa são árvores de reflorestamento e pouca mata nativa em seu redor. A divisão das terras entre os proprietários da

Melhoramentos e de Monte Verde é observada pelo tipo de vegetação. A do primeiro proprietário é de pinheiro (pinus) e do segundo é de eucalipto.

Joanópolis e Monte Verde são áreas de preservação ambiental. São Francisco Xavier encontra-se em processo de integração à APA ⁶. Monte Verde é fiscalizada pelo Instituto Florestal, que proíbe o loteamento e desmatamento acima de uma cota⁷, de aproximadamente 1800m. O Sr. Werner considera essa medida tomada pelo Instituto, como boa porque tem a Serra, as Pedras "...a turma sobe lá, grupos de mocidade... dá pra ver, do outro lado, Jacareí... então aquilo é, como nós dizemos, a praia, né?... porque aqui não temos praia, então tem outros lugares bonitos para turista subir, prá andar pela floresta nativa...".

Os três municípios têm em comum a Serra da Mantiqueira e, portanto, suas características naturais se assemelham e muito, a não ser pela ausência de cachoeiras em Monte Verde.

6 As APASs - Area de Proteção Ambiental, existem para a proteção das regiões onde encontram-se elementos biológicos, ecológicos e paisagísticos, dos quais recomenda-se a preservação, e a convivência conjunta com a população humana e utilização dos espaços, sem restringir-se a um desses aspectos isoladamente.

7 cota - unidade de medida. Exprime, em metros ou noutra medida de comprimento, a distância vertical de um ponto a uma superfície horizontal de referência (altura, diferença de nível). Comumente citada para definir curvas de níveis em morros.

4 - CONFIGURAÇÃO RURAL/URBANA: semelhanças e diferenças.

As estradas que interligam os três municípios eram inicialmente, em sua grande maioria, caminhos de gado e de tropeiros, abertos precariamente pelos próprios habitantes dos lugares, que deles se serviam, recebendo melhorias de forma gradativa, até assumirem a conformação atual.

Estas estradas foram construídas com a enxada pelos moradores, existindo o fiscal de quarteirão que comandava os reparos e aberturas de estradas para passagem de carroças, carros de bois e, mais tarde, automóveis.

Na fase da expansão e construção de estradas de rodagens, temos a construção da rodovia D. Pedro I contornando parte da represa do Sistema Cantareira, construída por volta de 1970, facilitando o contato dos municípios e centros de maior recurso, possibilitando um aumento de fluxo no tráfego de mercadorias e de pessoas.

O Sistema Cantareira¹ faz parte da Serra da Mantiqueira e Serraria de São Roque, que são elementos estruturadores naturais, condicionantes do processo de ocupação. No entanto, a construção das represas do Sistema Cantareira causou um grande impacto na área, pois implicou na inundação de terras férteis voltadas à produção agrícola e atividade pecuária, o que vem contribuindo para a

¹ O Sistema Cantareira, com reservatórios responsáveis pelo abastecimento de água da conurbação Campineira e parte da Região Metropolitana de São Paulo, compreende, dentre outros, os municípios de Bragança Paulista e Joanópolis.

desestruturação dessas atividades e conseqüentemente, para o decréscimo da população rural. Por outro lado, valorizou os aspectos paisagísticos e climáticos da região, desencadeando um processo de ocupação por chácaras e sítios de lazer, bem como a valorização da terra.(LECTA)

Para chegar a Joanópolis passa-se por trechos da Serra da Mantiqueira e do Lopo, fazendo divisa com o sul de Minas Gerais, por onde se chega a Monte Verde por estrada de terra.

Um dos acessos a São Francisco Xavier dá-se pela cidade de São José dos Campos (pela via Dutra), por estrada de asfalto (cerca de 52 km), por onde também é possível chegar a Joanópolis e Monte Verde por estrada de terra (cerca de 50 km).

Pela rodovia Fernão Dias, chega-se à cidade de Camanducaia, dando acesso a Monte Verde (10 km de estrada de asfalto e mais alguns em estrada de terra), passando pelas áreas de reflorestamento da "Empresa Melhoramentos", que estendem-se até ao alto da Serra da Mantiqueira, onde encontra-se outra via de acesso por trilhas e estrada de terra, interligando Joanópolis e São Francisco Xavier.

Em relação ao acesso, o informante fundador de Monte Verde, enaltece a chegada da Rodovia Fernão Dias, que considera: "...mais ou menos boa(...)esperamos que este ano vai ser continuação o asfalto até Monte Verde (...) e quando duplicar a rodovia será melhor ainda, né?, porque agora leva 3 horas para ir à São Paulo, né?, aí vamos com 2 horas e

meia, é 2 horas daré prá fazer São Paulo...".

Empolgado em sua explanação, o fundador declara não ter receio de uma superpovoação: "...porque nós temos muito espaço aqui...acontece que os vizinhos aí, as fazendinhas, também já tá começando a lotear, então isso vai se expandir por aí afora...". Nem tão pouco tem receio da destruição ambiental com a expansão do asfaltamento da estrada que liga Camanducaia a Vila Monte Verde, pois diz que "...é alguns que falam aquilo..." Esse "aquilo", refere-se a argumentos de moradores e ambientalistas a respeito do desejo do não asfaltamento da estrada, pois o asfaltamento facilitaria a devastação e criminalidade.

O asfalto foi interrompido próximo às terras da Melhoramentos e o Sr. Werner ainda espera que "...este ano vai ter continuação o asfalto...pois falta somente 13 km..." até Monte Verde, além da duplicação da rodovia Fernão Dias que "... será melhor ainda né?...". Para ele a necessidade do asfalto se justifica, dizendo: "...porque nós não podemos esperar o turista chegar com o carro quebrado aqui, nos buracos. Tem que ter asfalto todo lugar agora, Brasil está asfaltado...".

Nesta região há vários caminhos (trilhas e picadas) de comunicação com bairros, roças, moradias, locais turísticos e de lazer, cidades religiosas e municípios.

Atualmente o trânsito de transportes se dá por esses caminhos largos o suficiente para transitar caminhões, tratores, carros, carroças e pessoas. Há uma linha de ônibus

circulando pela região atendendo moradores de Joanópolis a São José dos Campos, passando por São Francisco Xavier e Monteiro Lobato.

Em São Francisco Xavier a linha de ônibus para São José dos Campos atende a população local e a de Monte Verde, com alguns horários por dias. Há também o "bondon"², uma outra linha diária que vai a Joanópolis. Estas partem da praça principal, ponto de encontro, de aglutinação de maior importância, onde iniciam-se também as estradas de terra que dão acesso aos bairros.

É possível também encontrar por estas estradas alguns turistas caminhando ou pedindo carona numa situação considerada difícil, como por exemplo, num momento de chuva inesperada. As distâncias são percorridas na sua grande maioria a pé, às vezes a cavalo.

Há uma placa de sinalização nesta estrada que marca a divisa de Joanópolis e São José dos Campos. Quando fazemos uma observação ambiental reparamos que ao longo do caminho há diferença no tipo de vegetação. Enquanto em Joanópolis a região é tipicamente formada de sítios, saindo dela, há uma área de reflorestamento e extração de madeira já pertencendo aos proprietários da Melhoramentos. Durante os dias da semana é possível deparar com trabalhadores de motosserras e com caminhões que transportam troncos desta área, utilizando as estradas de acesso entre os municípios.

² bondon- é o ônibus. Este termo é antigo e é usado até hoje.

Perto de São Francisco Xavier há uma grande parte de mata nativa, observando-se ao longe uma cadeia de montanhas formando a Serra da Mantiqueira. Há presença de sítios, dos quais parte dos proprietários não residem na região.

Os principais caminhos, vias de escoamento de produção leiteira e agrícola, estão encascalhadas, recebendo manutenção periódica por parte dos funcionários da subprefeitura, que tem a função de conserveiros. Os caminhos secundários, de acesso às propriedades, quase em sua totalidade sem qualquer revestimento, têm manutenção esporádica.

As trilhas referendadas em São Francisco Xavier são: de Bento do Sapucaí Mirim, que vai até São José dos Campos, passando por bairros de São Francisco Xavier; têm trilha de Tropeiros, próximo da qual fica a Caverna Assombrada; Picada do Canelazinho - Serra do Joel Martin (proprietário), era fazenda de carvão, agora fazenda da "Almoa"; Estrada do Tropeiro - para cima do Joel Martin; foi o primeiro caminho para Monte Verde; Estrada do Guirra - vai para São José dos Campos; Estrada do "Defunto" - do Ezequiel Alves Graciano (ou Alves Gracielo), vai até a Pedra Asa Delta, divisa de Monte Verde (tem que ir de carro depois 40 minutos a pé) e no Bairro dos Operários, em Monte Verde.

Além dessas, há ainda as trilhas que levam a todos os Picos, Morros, Montes, Cachoeiras, rios, ribeirões e

Pedras, e outras que somente alguns moradores locais conhecem, conduzindo à alguma toca de bicho ou pontos de referência ambiental conhecidos somente por eles.

Em Monte Verde, as trilhas regionais muitas delas pelo meio do mato, entre morros, são usadas pela população local principalmente em visita a parentes e amigos residentes em outros bairros e para o trabalho em fazendas próximas; pelas pessoas de fora para terem acesso às Pedras no alto dos morros; por ambas as populações para ir a São Francisco Xavier apanhar ônibus para São José dos Campos. As trilhas mais usadas pelos moradores da Vila Operária são as que dão acesso a São Francisco Xavier, em função do ônibus para São José dos Campos.

Próximo à Pedra Redonda que faz parte da divisa do Estado de Minas Gerais com o de São Paulo, saindo do Bairro de Santa Cruz, há uma trilha que chega na beira da Estrada de São Francisco Xavier, após um percurso de mais ou menos 4 horas.

Os hotéis da Vila de Monte Verde, que têm uma ótima estrutura para recepcionar os turistas, oferecem serviços de fornecimento de cavalos para os que procuram chegar a alguma Pedra dessa forma. Cavalgam até uma certo ponto e depois caminham a pé até o local escolhido, por entre trilhas nas matas, que não lhes permitem outro meio de acesso. Com a mesma finalidade, motocicletas também são oferecidas.

As pessoas que utilizam as trilhas próximas a

Monte Verde também são tropeiros que levam turistas a passeios. Estes tropeiros residem na Vila Operária e oferecem seus serviços aos turistas da "Vila de baixo".

Pelos caminhos é possível notar áreas de lazer utilizadas pela população local como também por pessoas de fora da região, como: represa e camping. É ainda possível encontrar pelos caminhos, pessoas indo participar de algum eventos como: bailes, festa do Peão de Boiadeiro, festas religiosas promovidas pela população.

Numa região como esta, não poderia deixar de haver um caminhão leiteiro, o qual vem de Joanópolis. O motorista desempenha papel de comunicação entre os três municípios, fazendas, sítios e famílias, pois leva e traz correspondências, pagamento de salários, encomendas, remédios, recados. O leiteiro tem tudo anotado, às vezes ganha "agrado" por esses serviços (frango, ovos, pão e outras coisas). Dá carona para moradores, embora esta não seja bem vista, pois quase no mesmo horário há ônibus disponíveis para vários lugares. A Empresa "...acha ruim, mas assim que saio da vila eu dou carona pra quem quiser..."(leiteiro)

A população de Monte Verde serve-se do ônibus, e o fluxo maior de automóveis é dos turistas. O ônibus atende diariamente a população acessando Monte Verde através da Rodovia Fernão Dias, ligando as cidades de Camanducaia e Bragança Paulista.

Há ainda em Monte Verde um aeroporto atendendo a

demanda turística, além de prestar serviços de socorro à população.

A região é bastante montanhosa, as ruas não são asfaltadas e há muitos buracos que se acentuam na época de chuvas. Nos locais de comércio, o movimento das pessoas a pé e de automóvel é grande.

Por esses caminhos formam-se os bairros dos municípios.

Devido à própria dinâmica do processo de urbanização, em São Francisco Xavier ocorreram fatos nos últimos anos que alteraram o quadro sócio físico e social. Por volta de 1988 a estrada de acesso principal ao distrito foi pavimentada; isto constituiu-se num importante indutor de crescimento urbano, gerando uma grande expectativa na população, pelas possibilidades de transformações no núcleo urbano. Porém, tais mudanças ainda não ocorreram, talvez, segundo PLANO DIRETOR do Município, devido à infra-estrutura turística deficitária e falta de atração peculiar. Outro fato é a ocorrência de fenômeno de migração há alguns anos, de famílias com características sociais diferentes das já existentes na comunidade do distrito. Estas famílias constituídas por jovens casais com formação universitária têm escolhido São Francisco Xavier para morar e, à medida que os novos habitantes interagem com a comunidade local, vem alterando o quadro sociocultural do núcleo urbano. Em consequência há introdução de novos valores na comunidade urbana, aumentando o grau de exigência quanto aos serviços

urbanos e criando novas necessidades.³

O processo de ocupação vem se caracterizando por chácaras de recreio, reflorestamento, pastagens de pequena e média extensão com baixa lotação, pequenas áreas de agricultura de subsistência e áreas de matas naturais e capoeira.

A propriedade das terras locais de Joanópolis está dividida entre a população local, nativa, originárias de locais próximos, ou ainda muito antigas, e de pessoas estranhas à região. Esta proporção de 50%, vem se desequilibrando a favor dos turistas, que a cada dia vêm adquirindo mais terras para fins de recreio e veraneio. Este fato vem alterando consideravelmente a relação do roceiro com seu modo de vida, este tornando-se caseiro, empregado dos próprios compradores de suas terras.

Joanópolis apresenta-se com um núcleo urbano (que é a cidade propriamente dita) e vários bairros rurais afastados da cidade com distâncias que variam em torno de 10km, onde a grande maioria se não todos estes, são formada de sítios, chácaras e fazendas, sendo possível observar o distanciamento de uma moradia para outra.

A unidade de agrupamento se caracteriza pela

³ Somente por volta de 1985, foi elaborado um Plano Diretor para o distrito de São Francisco Xavier que resultou num minucioso diagnóstico contendo levantamento histórico, caracterização socioeconômica, levantamento físico com a confecção de mapas e plantas de uso do solo e infraestrutura com recomendações para sanar os problemas emergenciais da comunidade urbana.

vizinhança, o bairro. "Este é a estrutura fundamental da sociabilidade caipira, consistindo no agrupamento de algumas ou muitas famílias, mais ou menos vinculadas pelo sentimento de localidade, pela convivência, pelas práticas de auxílio mútuo e pelas atividades lúdico-religiosas. As habitações podem estar próximas umas das outras, sugerindo por vezes um esboço de povoado ralo; e podem estar de tal modo afastadas ..."(CANDIDO,1971,p.62).

Isto é possível ser observado nos municípios estudados. Como exemplo podemos citar o Bairro Can-Can, encontrando-se "espremido" entre morros e montanhas, formado por sítios e chácaras de diversos tamanhos. Em cada sítio há alguma pequena plantação de milho, mandioca, café, feijão ou batata e criação de animais como: porco, galinha e gado bovino.

As casas se dispõem distantes umas das outras. Algumas como a dos informantes roceiros são de pau à pique com reboque na parte interna, quase todas pintadas de branco. As paredes divisórias não chegam até o teto, chão de terra batido, algumas com cimento queimado. Cobertura com telhas francesas sobre estruturas de madeira parelhada em caibros, transpassada com troncos roliços e estreitos de eucalipto. Em todas há um forno à lenha recoberto de cimento pintado de vermelhão e em muitas também se vê o fogão a gás; as pessoas da casa costumam sentar-se à beira do fogão de lenha. Há outros cômodos além da cozinha, formando mais de um ambiente que parece funcionar como quarto; nem todos

cômodos têm janelas. Porta só da entrada da cozinha. Nela há uma mesa e poucas cadeiras, um armário ou panelas penduradas em ganchos. Não há pia interna. O uso da água vem de bicas próximas através de canos, sendo que nem sempre tem torneira, chegando a bacias grandes, ou pias e tanques, do lado externo. O banheiro ou fossa, localiza-se fora e distante da casa, feito de madeira. Toda higiene, como lavar pratos, alimentos, corporais, entre outras, é feita também do lado de fora.

Os apêndices da casa são os chiqueiros, chocadeira, moenda manual, pilão, horta e árvores frutíferas e ornamentais.

O roceiro da região conserva a habitação primitiva, quando da época nômade, onde as habitações eram provisórias, para pouca duração, servindo só de abrigo, na época do bandeirantismo, donde advêm suas origens.

Embora chamada de Vila, Monte Verde é claramente subdividido em dois tipos de modos de vida, os quais formaram-se ao mesmo tempo. Um, revela-se logo na entrada, com casas grandes e vistosas, que pertencem a pessoas de fora, dando-lhe uma característica turística; é a VILA DE BAIXO OU VILA DE MONTE VERDE. O outro, na VILA OPERARIA, distante de 1 a 2 km da entrada e mais ao alto⁴, cujo acesso se dá por uma ladeira, chamada pela população de "Morro da Baiana".

4 é a primeira vez que vejo trabalhadores na "posição a cima".

Todas as famílias de alguma forma dependem dos centros urbanos, para compras, médicos, farmácias, negócios, bancos e outras necessidades. A grande maioria da população faz este deslocamento a pé, ora pelos trilhos e picadas, ora pela estrada de terra, inclusive trabalhadores rurais com seus tratores, gados, cavalos. Muitas pessoas da população local pedem carona na estrada, observando-se uma maioria de adultos, mesmo idosos, inclusive mulheres.

A Vila Operária é composta por pequenos aglomerados de casas mais populares. As casas antigas são típicas casas de colonos de fazenda com chaminé, e as novas são caracterizadas por chalés de alvenaria e madeira, com chaminé, telhados compridos até próximo ao solo. Além disso é possível observar a formação de hotéis com vários chalés no terreno das casas mais novas.

Toda região é Monte Verde, incluindo Vila Operária e Vila Monte Verde. Para Sr.Werner o nome não é V.Operária, mas Bairro da Fonte, pois, "...tem uma Fonte muito bonita...".⁵

Em relação às construções, já é possível notar um prédio com aspecto de edifício com três andares, quase que suspenso no morro, destoando de toda a paisagem local, mas para o Sr.Werner o proprietário "...fez um prédio tão bonito...nossos lotes são grandes...mais de 1500m...tem jardim...não tem vizinho perto, então tem essa vantagem, né,

⁵ De pouco tempo para cá, estão tentando introduzir o nome de Bairro da Fonte, pois como Vila Operária, quem reconhece são os moradores e, por sua influência, os visitantes.

fica bonito, muito bonito, né, e o pessoal faz casas muito boas...tem casas de mais de 1 milhão de dólares...".

Quase todas as casas da Vila de Monte Verde têm lareira e Sr.Werner serve os moradores com suas lenhas, dizendo:"...tem muita lenheira especial...", para isso planta bastante eucalipto. O resto das madeiras que as pessoas colocam nas casas vem de fora, "...porque nós não podem derrubar os pinheiros, araucárias, prá serra a madeira porque isso é a beleza... tem pinheiros atrás do aeroporto de 500 anos de idade... tem mata virgem, natural, nativa, pinheiros muito bonitos, grandes e grossos e pequeno e tudo... então lá tem trilhas para o povo passear..."

A caça fez parte da dieta do roceiro sendo atualmente pratica esporádica, e os que ainda a praticam o fazem escondido devido a proibição pelos agentes fiscais da região.

Em Joanópolis, a maioria dos moradores vive de salário, atuando como caseiros, pedreiros, carpinteiros nas casas dos turistas veranistas.

As pessoas que moram em sítios em São Francisco Xavier vivem da criação de gado e da lavoura; outras, do comércio da vila, e há também muitos moradores que são funcionários da prefeitura local. A lavoura é longe do centro da cidade. Muitos moradores da vila costumam plantar milho, feijão, arroz e mandioca, pois é o que melhor produz, seja em terra arrendada ou terreno próprio.

Em Monte Verde para atender a demanda turística é

necessário mão-de-obra seja para o comércio, como para a manutenção de estradas/trilhas, quanto para serviços domésticos, nos jardins das casas para lazer.

Os moradores sobrevivem desses serviços.

A maioria dos comerciantes é constituída por pessoas de fora que também tem sua propriedade de lazer, quer dizer, não residem em Monte Verde. Por isso, é comum que os proprietários não se encontrem nas lojas, mas apenas os comerciários, na sua maioria jovens, administrando o funcionamento deste.

O Sr.Werner argumenta a esse respeito "...o comércio que nós temos aqui, vive de turistas, então temos que incentivar...".

É possível observar um novo tipo de dependência econômica, por uma demanda criada pela necessidade de bens não supridos nas localidades. Isto ocorre tanto em São Francisco Xavier como em Joanópolis. Em Monte Verde a população depende dos mercadinhos locais para consumo de artigos de primeira necessidade.

Através do relato do Sr.Adílio, em Joanópolis, notamos o que vem ocorrendo em relação a lavoura: "Por causa dos juros altos não dá mais, as lavouras dão prejuízo, as plantas agora não sai bem. O preço chega na hora que a turma colhe, não dá. Quando colhe não dá nada. A lavoura não cobre a outra lavoura feita. Tem que ganhar pra fazer aquela lavoura".(Sr.Adílio) Sem a lavoura a maioria das pessoas está buscando emprego na cidade."... do jeito que está indo,

está acabando com a lavoura, os sítios. Cada lugar tem chácara e vai ganhando seu salário nas chácaras. O salário de chácara é muito ruim. Não tem o que fazer, aqui no lugar nosso não sente, está acabando, está virando tudo chácara. Só fica os ricos. Está ficando alguns batateiros, os bois, vaca os que tem pasto tem, quem não tem os florestal não deixa cortar mais. Não se abre mais, aqui pro nosso lado, com o tempo, se não melhorar mais vai acabar. Não dá a lavoura. Quando tem tempo bom, enche de feijão. As vezes junta um saco, dois. Mas a seca não está deixando dar mais". (Sr. Adílio)

O ritmo de trabalho e de vida da população dos bairros, em Joanópolis é pautado pelos ciclos das chuvas; mesmo a prática de romaria para Aparecida do Norte, e antigamente os reparos e conservação das estradas se pautavam pelo ciclo germinativo. Organizado entre atividades no seu próprio terreno, ou na sua própria rocinha; cuidar de cavalos de outros sítios, construir casinhas de Santa Cruz ou igrejinhas no seu sítio ou de outros companheiros; plantar e preservar espaços dos sítios de pessoas de fora, afazeres domésticos (caseiros) para outros, calendário escolar, promessas alcançadas para a promoção de festa, festas com datas pré estabelecidas. Parece que o calendário oficial/social não significa muito para eles.

Em Joanópolis, a partir da decadência e do virtual desaparecimento do café, foi desenvolvida a cultura agropecuária, dentro do quadro de produção de subsistência.

Segue o comércio, indústria de costura, rosquinha, biscoitos e pequeno turismo. Plantação: batata, feijão, milho; em menor quantidade o arroz, cana e café; pimentão, abobrinha, mandioca; fruta e horta muito pouco; madeira, basicamente eucalipto; além de área de reflorestamento.

Nos bairros a criação de galinha, pato, peru, porco e gado leiteiro é feita livremente pelo terreno, e os cavalos pastam próximos às casas. Quem cria porcos, o faz em locais restritos aos animais.

Em São Francisco Xavier, por volta das 7h da manhã o movimento é bem grande na Praça. Percebem-se muitas pessoas, na maioria idosos, sentados nos bancos, aguardando o carro leiteiro. Observa-se um movimento de pessoas subindo e descendo uma das ruas principais da cidade, "rua da pedra cortada"⁴, para buscar leite no portão da casa de uma moradora, a qual possui um galão de leite tirado de sua própria vaca, o qual vende para a população local. A população compradora carrega o leite em garrafas plásticas de refrigerante, em leiteiras de alumínio e/ou baldinhos, outros compram em saquinhos plásticos na padaria.

Em São Francisco Xavier o núcleo urbano-rural é formado em sua maioria, por pessoas provenientes da zona rural, onde parcela da população economicamente ativa, dedica-se à agropecuária, morando no núcleo e trabalhando

⁴ há uma imensa pedra no meio da rua. Há um tempo atrás a prefeitura local dinamitou uma parte da pedra com o intuito de tirá-la dali para calçar a rua. A população reagiu e não deixou tirar. Então ela ficou sem uma parte, onde nasceu plantas. Foi calçada ao seu redor.

nas propriedades rurais do distrito. As casas deste centro, não têm aspecto muito antigo e a maioria delas têm antena parabólica; muitas têm quintal, porém nem todos são cultivados com roça ou hortas, mas observam-se algumas árvores frutíferas.

A população também realiza ainda o transporte de gado, a construção civil, o comércio e prestação de serviços. Há predominância de trabalhadores no Poder Público Municipal.

Já Monte Verde é uma região que tem como principal matéria prima a madeira pinho. A cidade localiza-se onde houve desmatamento quando da sua fundação, e hoje formada por araucárias, eucaliptos, pinheiros e cercas vivas. Trata-se de uma área de reflorestamento feito pelo fundador da Vila e pela Empresa Melhoramentos.

Sua produção agrícola é de maçã, batata, couve-flor, frutas silvestres. A produção animal é de equinos, abelhas, criação de trutas. Algumas indústrias como serraria, chocolate, malharia e móveis. Há relativa produção de peças artesanais em madeira, lã e tecidos.

Na Vila Operária, alguns moradores alugam quartos ou pequenos chalés; cavalos para os turistas. Vivem em função do turismo local. Não produzem nada em termos de agropecuária. Há pouquíssimas hortas nos quintais, tudo vem de fora, Bragança Paulista e Camanducaia.

Pelo fato de São Francisco Xavier possuir uma belíssima paisagem e clima excelente, com certa frequência,

mas sem se caracterizar num turismo de massa, mesmo porque a cidade não comportaria tal circulação, aparecem grupos de pessoas que vêm principalmente para conhecer e fazer caminhadas pela região, devido a característica da cidade. Quem mais procura a cidade são jovens, que ocupam do seu tempo livre, com a prática da caminhada em regiões com características naturais preservadas.⁷

O SEBRAE⁸, coloca como oportunidades de investimentos no setor terciário, em Joanópolis: "...A excelente localização aliada ao potencial turístico...". Desse modo aponta como pontos a favor, os 18% das matas nativas, considerável número de aves, o clima, localização e estrutura viária de acesso. E coloca como modalidades de investimentos: o Turismo Aventura (caminhadas, trilhas, montanhismo etc); o Turismo Rural (fazendas), aproveitamento das propriedades rurais; o Turismo Cultural: artesanatos e criação de feira permanente. "Acreditamos que é no turismo que reside a mola propulsora do desenvolvimento econômico de Joanópolis".

Em relação a ação ambiental, Joanópolis apresenta um potencial turístico expressivo, apresentando vários programas tais como a implantação do Polo Eco Tecnológico,

⁷ A prefeitura local promoveu uma "Caminhada Ecológica", contando com aproximadamente duzentos participantes, de várias partes do Estado. Durante a caminhada o proprietário das terras não permitiu a passagem do grupo e o mesmo teve que retornar.

⁸ SEBRAE - Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas de São Paulo. Diagnóstico de potenciais econômicos - Joanópolis

com o programa piloto de extensão ambiental e programa de turismo biológico.

Em São Francisco Xavier, é realizada arborização pública, existindo uma preocupação em relação ao Meio Ambiente, por parte da atual Administração, ordenando e regulamentando o uso e ocupação do solo, bem como a organização popular, desenvolvendo o esclarecimento e a convicção de que estes têm também responsabilidades sobre os problemas ambientais correlacionados às condições de vida.

Alguns projetos criados e desenvolvidos pela Prefeitura Municipal de São José dos Campos, que visam desenvolver a Educação Ambiental no Distrito de São Francisco Xavier, têm como preocupação e objetivo: desenvolver na sociedade, a percepção e a compreensão crítica dos problemas ambientais, a formação de uma postura individual e coletiva de conservação e recuperação do meio ambiente, bem como da utilização racional dos recursos naturais, tendo em vista a sobrevivência e a melhoria da qualidade de vida.

Há pelo menos duas instâncias de ação ambiental: a polícia florestal e um grupo ecológico atuante no distrito.

Existe a problemática da ação entre Prefeitura, Estado e Governo Federal quanto a inclusão do homem e do seu trabalho no meio ambiente em relação ao plantio de roça nos sítios, causando transtornos e conflitos entre população e

ação pública.⁹ Cada instância governamental tem uma legislação, as quais são conflituosas entre si quanto as suas ações e a ação da população, que se sente desconsiderada em relação às questões de sobrevivência.¹⁰

Dentre os grupos ecológicos existentes na cidade, o mais atuante é o "Filhos da Terra", formado em sua grande maioria por jovens nativos e ainda moradores do local.

Há um outro grupo, a Associação Ecológica de São Francisco Xavier, formado na sua grande maioria, por pessoas não nascidas na região, promovendo atividades, tais como plantio de mudas, palestras com a população que recebe o nome de TRECO.¹¹

A festa da cidade, em São Francisco Xavier, é comemorada no mês de dezembro. Vem muita gente, de todas as partes do município. A cidade fica lotada. "Antes tinha dança, agora acabou, porque o povo foi distanciando. Tem leilão de rosca, assado, frango. Os festeiros é que fazem o leilão, arrumam tudo. Na festa de um ano tira para o próximo. Arrecadam rosca, gado, bezerro, cabrito, leitão, frango, carneiro, o que der. De primeiro, tinha festa de São

⁹ Isto, parece acontecer em toda as áreas preservadas dos Estados brasileiros.

¹⁰ Um militar atua junto com a polícia florestal na região, atendendo a chamados de quaisquer naturezas, desde criminalidade até desmatamento, não podendo autuar as pessoas que infringem a legislação. A polícia florestal realiza fiscalização ou mesmo atende a chamados referentes a problemas ligados ao ambiente natural, como: desmatamento, queimadas, caça a animais, entre outros.

¹¹ O grupo TRECO, já no final da pesquisa de campo estava pouco atuante.

Gonçalo, acabou também".(Sr. Claudio).

Atualmente os Feões de Boiadeiro participam da festa da cidade. Isto substituiu a Dança de Moçambique. As vezes acontece a festa de São Gonçalo¹², uma das mais significativas da região, promovida pelo morador que alcançou a graça. Esta é desvinculada da Igreja e da festa da cidade.

Cada bairro promove uma festa respeitando o calendário pré-estabelecido pela Igreja Católica local. A comemoração se dá em torno do Santo do Bairro, o padroeiro, que não necessariamente dá o nome ao bairro.

As pessoas de um bairro se deslocam para o outro, a fim de participarem das festas. Esta participação é bem grande, segundo os moradores.

A não ser estas festas "...não há diversão nenhuma...", segundo Carmo.

A prefeitura de São José dos Campos tem promovido "colônias de férias" para as crianças, em época de férias e feriados escolares. Envia para São Francisco Xavier, professores e monitores treinados para promover atividades de lazer por uma semana, onde desenvolvem teatro nas ruas,

¹² Festa que começa ao entardecer e que acaba além do amanhecer. É promovida pelo festeiro onde é rezado um terço ou uma missa; com distribuição de comida para todos os participantes e visitantes; onde acontece a "função" de São Gonçalo, que consiste no ritual frente ao altar, onde o mais importante acontecimento é a dança seja dos promesseiros ou de quem quer dançar. Esta é realizada com batidas de pés no chão e palmas ritmadas, ao som de uma viola. (vide anexo neste trabalho).

jogos, atividades esportivas e recreativas em chácaras, sítios, fazendas com piscina cedidas pelos proprietários, gratuitamente.

Em Monte Verde as práticas de lazer são muito distintas em seu uso pelos dois grupos sociais: os turistas e os moradores locais.

A população local pouco utiliza os locais nos quais os turistas embrenham-se, como as trilhas e as montanhas, pois estes locais são parte de seu trabalho. Há um bar com jogo de boliche, barzinhos e salão de baile, cuja frequência, neste último, constitui-se tipicamente dos moradores.

No geral as populações dos três municípios têm estreito contato entre si. Utilizam-se da mesma forma de locomoção, acessos e meios de transportes: ônibus e leiteiro, pois os caminhos e trilhas interligam os municípios.

Os três municípios tem em comum a situação na Serra da Mantiqueira que como característica natural se assemelham e muito, a não ser pela ausência de cachoeiras em Monte Verde.

De suas origens podemos hoje observar Joanópolis com um modo de vida roceiro centrado em pequenas roças; enquanto São Francisco Xavier é tipicamente produtor de leite e Monte Verde se mantém basicamente do turismo.

CAPITULO V

OS CAMINHOS PERCORRIDOS: as trilhas do trabalho,
da devoção e do lazer.

1 - PREPARAÇÃO E EXECUÇÃO

A relação com a vida na roça se apresenta de formas diferentes nas três cidades observadas.

Em Monte Verde não existe modo de vida roceira, pois sua população vive do turismo e da extração de madeira. Já Joanópolis apresenta uma descaracterização da vida na roça, devido às rápidas mudanças sociais e culturais que vêm transformando a cidade com a frequência e a permanência de turistas, e com a chegada de pessoas de fora que estão comprando terras e se instalando por ali. Portanto, São Francisco Xavier foi eleita para observação do estudo por apresentar um cotidiano bem mais caracterizado pela vida roceira. O trabalho observado dos roceiros foi o de "quebra milho" e de "arrancar feijão".

Na grande maioria são os homens que vão para a roça. É possível observar a mulher auxiliando o marido ou familiares no trabalho da roça. As que não vão à roça podem estar trabalhando em diversas funções como cuidando dos afazeres da casa e dos filhos, nas prefeituras ou em algum comércio do centro urbano. Algumas lidam com pequenas rocinhas em seus quintais e com alguma criação.

A maneira do aprendizado dos roceiros ocorre no convívio, no cotidiano entre seus membros. A transmissão é

realizada no contato, na experiência e na vivência. Isto pode ser entre amigos, pais e filhos. Um dos informantes, Sr. José coloca dessa maneira: "...com meu pai (ele) é da roça também, a gente desde pequeno começa ansim, na roça ansim, né... meu pai ensinô... mostrava prá gente, maderá de lei, maderá boa, maderá ruim, todo tipo de maderá(...) Eu conheço um bocado de mato".

O aprendizado na maioria das vezes começa com o pai, depois envolve os amigos e conhecidos "os camaradas, os companheiros". Os mais velhos passam seu conhecimento aos mais novos. Há uma atitude de respeito, baseada mais na experiência do que no papel familiar, embora a experiência e o papel familiar estejam sempre interligados.¹

Cada "objeto" tem seu significado. Sua maneira de uso tem uma função e uma explicação dada pelos membros deste grupo social. Isto pode ser observado no próprio vocabulário/expressão das pessoas moradoras.

Entre os membros do grupo, há os que percebem a diferença de expressão para o mesmo "objeto" usado em diferentes locais ou culturas. Como observou Sr. José: "...as veiz lá na Bahia nós conhece ansim, as veiz porque muitas coisa tem no nome... porque nós conhece de um jeito, né? e aqui eles conhece de otro..."

¹ Este aprendizado é bem amplo na variedade que esse modo de ser sugere e não obstante no processo, pois a variedade de atividade traz em si a variedade de processo. Para cada atividade há uma maneira de gestos a ser utilizados, é muito específico no sentido do detalhamento que tem cada coisa, situação, objeto, observação e gesto.

Os roceiros conversam pelo caminho "só assunto bom", assunto relacionado a dinheiro, término do serviço e outros. Andam num mesmo ritmo grupal, mesmo em subidas. Quase não realizam paradas. Brincam uns com os outros colocando e verbalizando elementos do seu convívio como ocorreu numa situação: uma pedra encrustou na borracha do solado do calçado de um dos romeiros. Com o porrete bateu para desprendê-la. Um deles indagou "...vai trocar o casco?".

As pessoas que têm como prática pagar promessa organizando-se em grupo, deslocando-se a algum lugar religioso são denominadas de romeiros. No caso estudado a romaria foi à Aparecida do Norte deslocando-se a pé desde a cidade de Joanópolis.

Excursão ou romaria pode ser a pé ou de ônibus e sempre para Aparecida do Norte. Para Santos é excursão somente. Podemos observar na fala dos romeiros Sr.Miro e Sr.João (do bar) a explicação do significado de romaria e excursão: "... Aparecida visitá a Santa, ninguém vai a pé, só de ônibus. Excursão a pé daí nós faz é Romaria Aparecida, excursão Aparecida (...) Aparecida excursão a pé pode ser uma excursão nossa, nós a pé. Se nós for de ônibus, então, pode sê uma Romaria de ônibus(...) fazemo duas, Romaria, que seja, uma Romaria a pé, uma Romaria de ônibus...".

Para Sr.José (romeiro), excursão é: "...a excursão a gente vai a pé..."; já o Sr.Miro define assim:

"...excursão é quando a turma fala assim - Vamô pra praia?".

E o termo romaria, na explicação de Sr. José (romeiro) é: "...que Romaria, eles vai de ônibus..."; o romeiro Sr. Miro define da seguinte maneira: "...Romaria pra nós, prá Aparecida do Norte...é quando nós vai prá Aparecida ...o mais certo é Romaria...porque a Romaria é mais o jeito, né. O nome dela Romaria Aparecida, não é Excursão Aparecida. Não tem jeito de sê..."

A prática da romaria pode ser encontrada de algum modo nas três cidades por mim visitadas.

A cidade de São Francisco Xavier é passagem de romarias à Aparecida do Norte.

Em Monte Verde a maior parte das romarias ocorre com perua e caminhão, menor incidência a cavalo e pouquíssima a pé. Um dado importantíssimo a ser citado é a época em que ocorrem estas romarias nesta cidade: nos períodos contrários às férias escolares, pois os moradores locais vivem do turismo, da presença de pessoas de fora em épocas escolares, em agosto. Assim comenta o Senhor Oribe "...é que é fim de temporada, aí a gente pega e é um tempo bom de sair também pra longe, que não pega muita chuva...".

Detive-me em Joanópolis pois foi onde o estudo da pesquisa iniciou-se e onde foi possível observar a maior incidência de tal manifestação, a qual foi eleita para acompanhar romeiros para Aparecida do Norte.

Na romaria a questão do *gênero* não recebeu um tratamento aprofundado, porém percebe-se que as mulheres são

bem aceitas. Quando elas comentam que irão participar de romaria, existe comentário por parte dos homens, indagando se irão aguentar ou não o percurso. Este comentário também é feito a outros homens, que na comunidade são vistos como "frouxos". No relato do Sr Oribé (elemento de uma romaria), pode-se perceber a participação feminina e masculina: "...vai dez, doze cavaleiros... homens e mulheres, no meio, tudo bem misturado". São poucas as mulheres que participam atualmente desse modo de romaria.

Na romaria o aprendizado também ocorre com os pais, os familiares e os amigos do bairro, pois é com eles que os jovens costumam participar. No passado as crianças participavam. Davam continuidade na fé, e aprendiam o percurso.

Os motivos da romaria são diversos. Pode ser para cumprir promessa, "...algum que foram a pé, que fazia promessa e precisava ir a pé"(Sr.Antonio), mas existe aqueles que vão para acompanhar o promesseiro, "...quem não faiz promessa, qué acompanhá um poco, qué ajudá o outro, faiz companhia"(D.Vicentina); "...vai prá fazer oração, fazer religião" (Sr.Antonio); visitar a Santa, "...antes dava, quando dá a gente vai, quando não pede perdão prá Santa"(Sr.José); até para curar o cavalo que quebrou a costela; mas há os que vão por diversão, para se divertir e outros para divertir os companheiros, "...fui pra conhecer o lugar e visitar a Santa. Mais fui pra diverti e cantá de viola e comprá as coisas...eu ia pra alegrá o

povo..."(Sr.Antonio).

A caminhada para Aparecida do Norte iniciou-se numa terça-feira às 13 horas, com rajadas de rojão, partindo do "bar do Caria", ponto de encontro no bairro onde os participantes residem.

Antes da partida para a romaria, as bagagens foram pesadas no bar, ficando o peso de cada mochila em torno de 4 a 5 quilos.

Comentários foram emitidos sobre aguentar ou não chegar no destino. "Aguentar" - suportar o cansaço físico em relação ao tempo-espaco. TEMPO dito de "três dias"; ESPAÇO - mais ou menos 150 quilômetros. O "duro" mesmo é quando chega "no asfalto, na rodovia... um calorão... fumaça dos carros".

A cada chegada no topo dos morros mais próximos, rojões eram lançados, como espécie de comunicação com os que ficaram.

Prosseguiram os nove integrantes, respeitando o percurso previamente combinado até Aparecida do Norte, realizando paradas para descanso e alimentação.

Nem todos os participantes da romaria a pé, na região, costumam sair nos mesmos horários. O Sr.João(do bar) costuma andar à noite e de madrugada, pois é mais fresco, fica mais descansado. Descansa em pousadas nas cidades durante o dia. Almoça ou janta. Na romaria observada, ele não considerou os aspectos da temperatura, pois iniciou a caminhada às 13horas, parando para descanso à noite. "...Mas o sor!!! Vai pegá o sor o dia inteiro, daí também... se pegá

o sor um poco a tarde, vai pegá a noite prá andá uma parte da noite também, certo?"(Sr.João e Luis).

Durante o trajeto, indagados sobre sensações referentes ao corpo, disseram não observar o que ocorre. Porém, não raro estão conversando ou balbuciando algo correlato a esta questão. Responderam sobre ser mais fácil ou mais difícil, subir ou descer e por que. "Descer (é mais difícil), porque as pernas esforça mais, né? Faz mais peso no corpo. Pra subir é mais fácil"(Sr.Miro). "Subir é melhor, mais firme, né? Agora pra descer, as pernas se força mais...(a parte que mais força)...é o joelho. (prá subir) esforça o joelho, mas é poco, pra descer esforça o joelho e o tornozelo prá conseguir virar"(Luis). "O canso maior é nas pernas"(Sr.Miro) "Canseira mesmo dá quando, é da Serra de Montero prá Pinda. Daí que a pista é muito quente. Até São Francisco vai bem" (Sr.Miro).

Quanto a questão formulada, na exaustão o que você pensa?, veio a resposta: "nas pernas, canseira, né? Pedia força prá Nossa Senhora, força pra nós chegá lá..."(Sr.Miro)

Outra questão: Poderia alguém levar os pertences no ônibus, sem esse fato interferir na promessa? "...pode. Precisa vê c'oa turma, né? Se tudo mundo mandá, pode. Daí pode mas, se um fala que não, daí o certo é todo mundo com a mochila nas costas. Saiu (cada) um com a mochila de lá, qui nem, saiu nós tudo c'oa mochila... agora chega aqui, um só dá, e os otro fala: Ah, não, sai com a mochila nas costas,

tem que chegá com a mochila. Ai vai tudo mundo com a mochila. A mochila não é tão pesada! A canseira é mais nas pernas."(Sr.Miro)

Permaneceram sem banho até Aparecida do Norte. Dormiram mais duas vezes no mato, nos trevos das entradas das cidades de passagem.

Costumam dormir quando não aguentam mais andar, sem local determinado. Não cumpriram o roteiro de descanso. Dormem em praça, trevo de entrada de cidades, asfalto, barranco etc. No primeiro dia foi cedido para abrigá-los, um salão de um clube desativado, em São Francisco Xavier, por funcionários da prefeitura. Dormiram no chão frio, sobre cadeiras e mesas. Havia um banheiro, mas não puderam tomar banho por falta de instalações. "Nóis dorme em qualquer lugar, no barranco, debaixo de uma árvore. (estar aqui) Nossa! prá nós é bom demais (se tivesse alojamento em todas as paradas, acham bom). Nossa mãe do céu! Nem se fala... mesmo que fosse um rancho, só prá gente durmir, só pra descansá. é preferível aqui dentro, não tem perigo né? Agora a gente fica parado pelo caminho aí pode passar um... a gente tá durmindo, tudo cansado... nós tá levando dinheiro, né?"(Sr.Miro).

O descanso tem como função a reposição da força para prosseguir no caminho. Não tem caráter de descanso descompromissado, no sentido de lazer. é realizado em função da obrigação que deve ser cumprida.

Após a segunda parada um dos participantes, Sr.

Miro, não conseguiu ir adiante, retornando para sua casa e causando certa indisposição no grupo, tanto para quem prosseguiu quanto para quem retornou, como para os moradores que não foram.

Não caminham rezando orações tradicionais cristãs, porém pedem forças para vencer o cansaço. Balbuciam: "...dificuldade da vida... prá mai o que a gente tem que pedi? é só aquela Santa mesmo, prá nos ajudá..."(Sr.Adilson)

Não oram, mas agradecem a Nossa Senhora: "...nóis agradece à Nossa Senhora a ajuda, o esforço... se ela não ajudá, nóis num chega lá. Enquanto nóis for aguentando, nóis vamô indo... duas, trei veiz por ano prá Aparecida, do que fazê uma romaria prá praia ensin...isso aí tudo é besteira. Diverti muito pelo meio da estrada, né? é gostoso quando chega lá..."(24).

Na romaria, a camaradagem entre os companheiros de peregrinação esteve ausente em alguns momentos. O grupo de nove pessoas manteve-se dividido em dois grupos: os mais novos (entre 14 e 20 anos) e o outro (entre 21 e 30 anos).

No tocante à camaradagem, algumas coisas devem serem consideradas, como a maturidade. Os mais jovens parecem não possuir a maturidade, o companheirismo, demonstrando isso através dos seus atos. Como os mais velhos dizem: "...essa garotada não tem juízo, ainda não sabe...". Possuem um vigor físico já perdido pelos mais idosos e não acompanham a limitação física desses últimos acelerando os ritmos e distanciando-se do grupo. Nota-se que, para alguns,

o CHEGAR, o COMPLETAR A CAMINHADA é mais importante do que permanecer juntos na caminhada. O organizador da Romaria, Sr.Miro, de mais idade sabia quem estava levando: seus familiares e amigos do seu convívio, entre os quais um participava pela primeira vez, sendo que para os demais não era novidade. O Sr.Miro colocou-se à disposição para cobrir gastos financeiros imprevistos: "Acho que levaram pouco dinheiro... ficaram com medo do dinheiro acabá no caminho... eu ainda avisei prá eles. No caminho se o dinheiro acabá eu arrumo prá vocês, não tem problema, porque se é por dinheiro não vamo pará, certo?". Porém este romeiro não conseguiu completar a Romaria.

Entre os três de mais idades, o Sr.Ivan, embora estando cumprindo promessa e tendo que suportar seu cansaço e o peso da sua bagagem, auxiliava, permanecendo junto com os que ficavam para trás. Foi quem auxiliou o Sr.Miro a carregar a bagagem quando não suportava mais caminhar até Monteiro Lobato. "... o Ivan, até pá chegá em Montero Lobato foi difícil, saiu o coro prá trás... ainda levou a mala prá mim...", contou o Sr.Miro.

Os mais jovens conversavam sobre músicas, amigos e casos amorosos, enquanto os de mais idade cantavam e conversavam entre si, numa interação expressa na fala: "... a turminha brinca, caçoa com o otro, pra aliviá de andá..." (Sr.Miro).

Os lanches são individuais, ocorrendo em algumas paradas.

Algo aconteceu após o retorno do Sr.Miro. Entre os que permaneceram o cansaço veio chegando, e decidiram permanecer juntos, lado a lado o resto da viagem. Gilmar conta o que aconteceu: "...pediram depois que saíram de Montero para parar, que eles estavam muito cansados, eles achavam que não iam aguentar...(com o fato do Sr.Miro ter voltado) ... ficamos muito triste, mas ninguém vortou com ele, não. Todo mundo disposto a caminhar, então deixou ele ir".

O Sr.Miro lamentou sua volta sem cumprir a promessa. "Eu fiquei magoado comigo, de tê que vortá". Demonstrou sua opinião a respeito do grupo: "Eu achei... a turma era prá eles i mais devagá, cooperá, né? mais com agente, não é verdade? Eles podia i mais devagá. Não tem problema nenhum, chegasse o dia que chegasse lá. Agora, sae na estrada só querendo chegá, chegá, chegá; sae fazendo barulho pelo caminho, meio correria atrapaia um poco, né? Eles vão dando risada, um correndo atrái do otro pela estrada... é o que judia dos otros atrái, que vai na frente. Quando nós chegamo em Montero Lobato né, se eles falasse vamô durmi aqui, e amanhã nós acaba de chegá... podia tê aguentado, certo? O jeito que eles ia indo...".

Um morador (Sr.João, proprietário do bar) vem expressar sua opinião sobre aqueles que não conseguem vencer a travessia, no sentido de não ser bom, "... porque os dois vão tristes, ninguém vai contente... tinha tantos dias pela frente, dava para a turma ir mais devagá , esperá o cansaço

do que tá pa trais...eu não deixo ninguém prá trais...é como eu falo, é uma espécie de molecada que foi, nun tá nem aí, não entende nada de companheirismo de solidariedade".

O Sr.Miro teve um consolo: "Eles tavam esperando lá em Aparecida, batemo fotografia junto". No sábado seguinte foi com a Romaria de ônibus para Aparecida do Norte, e se encontraram lá. Os que foram a pé retornaram junto com o ônibus.

O Sr.Miro pretende retornar em outubro próximo. "Se for de carro vai dando apoio... pode levá as malas da turma. No ano retrasado, eu levei tudo as malas, o cobertô, as comidas prá eles. é vai guiando um pouco o carro, prá esperá um pouco a turma... e assim vai indo... em dois dias. Outra coisa se for duas ou trei pessoas a pé, porque daí, vai só pouquinho, quando nós for, nós podemos até vortá com o carro, né? Depois de caminhá, pode vortá com o carro".

Os romeiros, de pessoas comuns, tornam-se representantes da fé, daqueles que não foram, realizando por estes a devoção ao Santo, bem como dando a continuidade a essa fé.

O Sr.Miro, nas seguintes palavras expressa sua opinião a respeito daqueles que caçoaram devido ele não ter concluído a romaria: "Não sinto nada deles falá prá mim, não faço conta deles falá, se eles quisé falá, pode falá. Não aguentô, né? é porque eles nunca foram prá experimentá. Acho que nem prá eles tem problema. Eles não tem nada a vê com a minha vida. Acha que a pessoa (que afrouxa) é patife, num

conseguiu chegá. Prá mim isso não resolve nada. Posso sai amanhã e batê em Aparecida. Fiquei magoado comigo. Daqui prá cima (colocou a mão na altura do peito com a cintura) queria í, mas as pernas não aguentava mais. Eu não aguentei porque num ando mais a pé. Só ando de moto prá cima e prá baxo. Prá mim não valeu... eu vô, se Deus quiser e Nossa Senhora em outubro de novo. Vou tentá, num aguentei essa viagem agora porque travô os nervos".

As pessoas que se caracterizam por serem de fora da região pesquisada, isto é, não moradoras no local, têm como prática caminhar em locais com pouca interferência humana e ambientes naturais, geralmente caminhando em grupos. São consideradas neste estudo de turistas trilheiros.

Quanto aos trilheiros os **motivos** que os levam a caminhar em regiões com características totalmente diferentes e fora do seu local de convívio, são principalmente a necessidade de conhecer lugares onde nunca foram, simples prazer de caminhar, levar pessoas para conhecer o local, gostar de coisa diferente, estar em contato com a natureza, manter o condicionamento físico, aventurar-se, relaxamento físico e mental, energizar-se, fazer amigos e fotografar.

Uma informante justifica seu motivo de caminhar por considerar uma "...terapia. Você viaja, esquece de seus problemas, até de seu nome você esquece... sair daquela agitação, se esquecer, ouvir o canto dos pássaros, o barulho da cachoeira... sentindo a energia do lugar... passa a

energia do lugar para nós, recarrega para passar a semana legal. Chega o fim de semana e faz a mesma coisa." (Marisol)

Concentrei-me em São Francisco Xavier e Monte Verde por terem a incidência maior de turistas caminhantes.

A maioria dos turistas encontrada e pesquisada em campo é originária da cidade de São Paulo, local onde eles residem, porém não necessariamente onde nasceram, pois dentre eles foram encontrados mineiros, cearense, além de paulistas e paulistanos.

Têm como principal atividade o trabalho em alguma empresa ou fundação, muitos sendo concomitantemente estudantes. Muitos deles trabalham para a sobrevivência e para cuidar dos seus dependentes, como ainda, alguns auxiliam no orçamento da família.

A maioria é composta por estudantes universitários e alguns com grau superior completo. As áreas de estudo referidas estão entre biologia, arquitetura e administração.

Dentre os trilheiros, todos são maiores de idade, entre 18 e 44 anos. Embora a maioria seja do sexo masculino, quase que proporcionalmente encontram-se mulheres.

Os trilheiros, na sua grande maioria, tomam conhecimento da existência dos locais por meio de amigos, os quais levam uns aos outros. Quando tomam conhecimento da existência de alguma cidadezinha "interessante", vão até lá e por intermédio dos moradores locais obtêm informações das possíveis trilhas, caminhos que levam a algum local pitoresco. Os mais aventureiros, a partir de algumas

orientações se "embrenham" pelas matas, picadas e trilhas, conhecendo novas possibilidades. Há os mais ousados, ou seja, aqueles que adquirem cartas geográficas por meio de instituições de mapeamento de locais, e com estas em mãos, as quais possuem detalhes importantes, se aventuram a caminhar e desvendar os códigos impressos nestas cartas, pelo prazer do desafio.

Algumas pessoas associam reportagem de revistas com "dicas" das pessoas conhecidas, chegando aos locais pela curiosidade ou desejo de conhecimento.

Enquanto os roceiros e os romeiros pertencem ao mesmo grupo social, dentre os turistas foram encontrados dois tipos de agrupamentos. Num presenciou-se o prazer de caminhar, sem desejo de uma organização formal. No outro, uma agregação cujo objetivo é a formação institucional, e para isso fazem reuniões na tentativa de definições de objetivos e princípios.

Embora exista oscilação entre os participantes, há um núcleo que permanece o mesmo.

Dentre os trilheiros, embora alguns grupos desejem se constituir entidades com estatutos, outros denominam-se através de termos relacionados a alguma expressão do mundo natural, como: "Amigos da Floresta", "TXAI", "Caneco Verde" e "Pangea".

Muitos elementos já pertenceram a algum "grupo ecológico" ou de outra natureza, existente ou não, se recompondo após a saída.

As razões apontadas por não desejar pertencer a um grupo específico, referem-se a divergências de pontos de vista sobre determinada condutas de encaminhamento das decisões e ações, e de atitudes que se estabelecem dentro deste grupo.

Estas discordâncias normalmente relacionam-se a comportamento de "conscientização" da preservação e ao relacionamento com os membros do próprio grupo. Isto fica claro em um dos depoimentos: "...por menor que seja o grupo sempre rola aquela coisa meio de política, eu sou melhor que você..."(Alexandre)

Os descontentes tornam-se independentes, e já tendo dominado a prática, permanecem na atividade, porém na condição de guias, de grupos institucionalizados ou não. Alexandre, como guia, coloca o seguinte: "... querendo fazer caminhada me procura, que eu conheço um pouco mais de caminhada e, aí eu levo o pessoal, dou orientação de equipamento, mapa e coisa e tal...". Porém não faz desse conhecimento uma "profissão", "... mas só para os amigos", pela vasta experiência, por ter participado desde adolescente como curioso, interessado e explorador de ambientes naturais, por ter trabalhado numa empresa que promovia caminhada, por ter vivenciado a abertura de trilhas junto com outras pessoas por ter trabalhado como autônomo.

Os agrupamentos ocorrem entre amigos, os quais identificam-se em torno da proposta.

Elementos novos sempre surgem nos grupos, a cada

nova caminhada.

A formação desses grupos surge de desejos e intenções. Denominam objetivos: "vencer as distâncias de forma agradável e divertida"(Paulo), "conscientização ambiental" (Célia), "contribuir para a preservação ambiental e consciência ecológica"(Cesar), "fazer novas amizades", "unir mais o grupo", motivos ecológicos, como coletar lixo. Uma das turmas carregava sacos plásticos em trilhas coletando lixo para reciclagem. Vendem para empresas executantes dessa proposta. Explicam da seguinte maneira sua atitude e objetivo: "... coletar lixo em pequena escala e reciclagem de latas de alumínio na cidade e floresta, pois conseguimos contato somente com uma empresa de reciclagem e de lata" (Artur).

Pautam-se por princípios, denominados de "filosofia do grupo", com caráter preservacionista das matas, vegetações naturais, rios, cachoeiras e espécies animais. Nenhum mencionou sobre a cultura local das comunidades por onde passam. Apresentam como discurso: "princípio básico: contato direto com a natureza, aliado com a melhoria da condição física do corpo"(Paulo), "conhecer mais a natureza e protegê-la na medida do possível"(Célia).

Alguns caminhantes com vasta experiência, atingindo a função de guias, muitas vezes ministram cursos, apresentando alguns outros critérios como: nível de aprendizagem e desafios colocados aos participantes do curso, conhecimento da região e de leitura de cartas

geográficas por parte do orientador da turma.

Questionando alguns membros sobre a possibilidade de optarem por morar no local visitado, já que sentem agradados por estar ali, a resposta foi negativa, sob a alegação de não conseguir se desvincular da cidade, da agitação, ou pela questão da sobrevivência. Essas caminhadas, segundo suas opiniões, representam compensação da rotina diária, reabastecimento e reposição para retornar ao trabalho, dando continuidade ao modo de vida presente.

12 - O TEMPO DE CAMINHAR

Os membros do grupo acompanhado na roça, residem próximo ao núcleo urbano. Em sua rotina diária, eles caminham por volta de 1 hora até chegar na roça onde vão executar seu trabalho, porém esse tempo varia de acordo com a distância de roça pra roça.

Aqueles que se deslocam por grandes distâncias levantam cedo, preparam suas marmitas, ferramentas etc.. Esse levantar cedo depende igualmente da natureza do trabalho. Um serviço como colher milho, demanda mais tempo; já colher o feijão exige movimentos menos complexos e pode ser realizado por dia ou empreitada. De maneira geral, chegam antes do sol se pôr no horizonte. O trabalho na roça depende também de esforço físico, podendo o calor interferir no cansaço e no rendimento do trabalho.

Para o trabalho na roça carregam seu alimento, pois a distância não permite o retorno à casa para almoçar. Levar almoço para os trabalhadores na roça na hora da refeição só acontece se a roça for perto da moradia e se o membro da família estiver desocupado.

Dependendo do tempo do trabalho, e das necessidades exigidas por ele, carregam algumas ferramentas, as quais são trazidas de volta no final do dia (se a duração do trabalho for um dia), ou deixadas no local, em algum esconderijo, se a duração do trabalho se prolongar por mais de um dia. Suas ferramentas de trabalho são: lima (pra amolar a foice), foice (alguns conhecem por penado), enxada,

estrovenga (conhecida também por arfange, alforje). O instrumento da roça, ou seja, suas ferramentas são sempre reconhecidas pelos seus respectivos donos como descreve, o Sr José: "...o que é da gente, a gente conhece, cada um conhece o seu... as veiz tem um aqui tem uma marquinha aqui... a gente olha assim já conhece, pode tá no meio quantos for, pode tirá o cabo, o homem que eu vê ele, eu passo a mão, não quero conversa, esse aqui é meu...".

A oferta de trabalho pode ser por empreitada como por dia. Embora na explicação do Sr.Renato, depende da função executada: "...o serviço de roça, aí é tudo um preço só, né, agora prá pegá de pedreiro, essas coisas é mais caro...", pelo seu desempenho diário. Quando alguém necessita de um determinado tipo de mão-de-obra, vai à procura - "...procura nós, esse serviço nós num tava trabalhando...tava pegando lá prá cima..."(Sr.Renato)

O proprietário das terras onde foram trabalhar era um conserveiro da prefeitura não dispondo de tempo para a colheita, a qual já estava na época de ser realizada. Contratou então um senhor o qual "chamou os companheiros", para realizar as colheitas. Além disso, o proprietário da roça iria contratar serviços de recolher a colheita, outra empreitada, realizada com cargueiros de cavalos onde colocam os balaies para transportarem o que havia sido colhido. No caso do milho, este seria para " dar para criação" e o feijão seria para o consumo familiar.

O trabalho iniciou por volta das 7h20 e se

encerrou as 17 horas. Caminhamos mais uns 50 minutos até chegar no centro urbano.

Já os romeiros não podendo faltar ao trabalho, procuram solucionar a questão como conta o Sr. Miro: "...daí pede licença de uns dois, três dias e vai". Atualmente necessitam de dinheiro para alojamentos, comida no percurso. O grupo acompanhado pôde se ausentar por vários dias, pois não eram empregados de ninguém, eram proprietários de suas roças ou filhos de proprietários. No dia da partida para a romaria somente dois rapazes trabalharam na parte da manhã, o restante permaneceu só descansando para tal empenho.

O percurso de uma romaria de Joanópolis a Aparecida do Norte a pé, dura de três a quatro dias. Eles calculam por volta de 170 quilômetros, e realizam de 40 a 55 quilômetros por dia, caminhando de 11 a 12 horas por dia. Descansam por volta de 12 horas, numa jornada de 24 horas. No total, andam uma média de 31 horas e descansam 25 horas, distribuídas mais ou menos assim: no primeiro dia, a cada 9 horas de caminhada, paradas de 3 a 4 horas para descanso, incluindo a refeição mais substancial. Nos outros dias que se seguem as horas de descanso são mais prolongadas.

Por outro lado, os turistas afirmam caminhar em qualquer época do ano, porém, em suas falas, nota-se uma preferência em relação às estações climáticas. Alguns preferem fazer caminhadas no verão, coincidindo com o período de férias escolares, outros no inverno, por considerar mais fresco e, que sendo assim, a caminhada

produz calor. Quando dizem "em qualquer época", por insistência nossa acabam explicando melhor: "... de janeiro à dezembro, nos finais de semana..."; feriados e feriados prolongados. Há os que, nem a época das chuvas e de calor intenso, os impedem de caminhar "...pra mim não precisa ter data específica, se tiver chovendo coloco capa, se estiver fazendo calor, arregago as mangas", declarou Srta. Edilaine.

O percurso de uma caminhada em trilhas depende do tamanho de sua trajetória.

A questão do tempo nas três situações me parece determinada por dois aspectos: o climático e o social.

3- O ESPAÇO DO CAMINHAR

Boa parte dos moradores rurais já não possuem mais suas roças próprias, não são mais proprietários. Desenvolvem o trabalho em roças de outros. Encontrei um terreno cujo proprietário era desconhecido por aqueles que foram trabalhar ali, os quais o identificavam como "homem da cidade". O proprietário havia arrendado o terreno para outro morador fazer sua roça, que no caso era de milho e feijão.

As pessoas residentes próximas ao núcleo urbano e ainda executando trabalhos na roça de outros, deslocam-se a pé, por estradas de terra, trilhos de gado e caminhos por entre fazendas, sítios e chácaras, pois as poucas roças existentes estão situadas distantes do centro urbano. Os residentes mais afastados do núcleo urbano, proprietários de

terras ou não ou que executam serviços de caseiros, arrendamentos ou até sua própria roça, estão de maneira geral localizadas senão dentro da roça, muito próximo a ela. Embora devam se deslocar para as roças e mesmo movimentar-se dentro delas, não são como os moradores da cidade, indo trabalhar em roças mais distantes.

O grupo acompanhado foi trabalhar numa roça distante aproximadamente 4 quilômetros de suas residências, localizada num morro íngreme, por volta de 45 graus. Chegando no local, os roceiros calcularam por volta de 5000 metros quadrados de plantação. Constataram não haver muito serviço para realizar, pois um tanto do milharal estava quebrado. Disseram que quanto mais seco melhor para quebrar, "...quando o sol tá esquentado, fica uma beleza de cortá...".

A expressão roça está se tornando o espaço físico e não mais um modo de vida.

Na romaria, utilizam-se as trilhas e caminhos como também rodovias.

O percurso realizado pelos romeiros inicia-se por caminhos, trilhas, estradas de terra dentro de fazendas, sítios e chácaras os quais sobem morros pertencentes às escarpas do planalto mais conhecido como Serra da Mantiqueira, tendo como trajetória a divisa do Estado de Minas Gerais e São Paulo. Saem do Bairro Can-Can em Joanópolis por caminho de terra, seguindo em direção a São Francisco Xavier, margeando a Serra da Mantiqueira, tomando

em seguida, a pista de asfalto para Monteiro Lobato. Seguem em direção a Tremembé, depois para Pindamonhangaba, chegando em Aparecida do Norte. Esse trajeto é constituído topograficamente de morros, morretes, algumas matas ao longe e pouca sombra, chão de terra. Em alguns trechos passa-se em áreas de reflorestamento de eucalipto e pinheiro, fazendo divisa com cidades. Próximo a estas regiões, encontra-se a zona carvoeira, local onde se faz carvão de material retirado do resto da poda do reflorestamento.

O caminho percorrido dá-se numa estrada de interligação entre bairros, cidades e Estados. Dele saem trilhas para as moradias, entre sítios e fazendas, como também são observadas trilhas de gado e de trator por entre os pastos ao longe. Cadeias de montanhas podem ser visualizadas nos pontos geográficos mais altos dando uma visão panorâmica do que seja a Serra da Mantiqueira.

Os turistas consideram-se caminhantes quando nas trilhas, porém já realizaram um longo percurso desde sua moradia até a trilha escolhida. Os elementos de um dos grupos acompanhados, por exemplo, apanharam um ônibus circular, em seguida o metrô até a rodoviária, onde tomaram o ônibus intermunicipal São Paulo-São José dos Campos, depois outro ônibus intermunicipal São José dos Campos - São Francisco Xavier, cidade de onde se inicia a trilha.

Os turistas caminhantes percorrem as ruas das cidades onde se localizam as trilhas, caminhos de chão batido, como trilhas de trator e de gado. Dentro da mata

mais fechada usam as picadas e as trilhas que levam a algum lugar como: cachoeiras, rios e pedras.

Esses trilheiros costumam escolher e caminhar em locais montanhosos com possibilidade diversa de aspectos geográficos como: morros, montanhas, riachos, cachoeiras, pedras, picos; locais antigos em desuso de ocupação humana; lugares ainda um tanto quanto preservados. Costumam frequentar ou visitar as seguintes regiões: Serras do Mar, da Mantiqueira, da Cantareira, da Canastra, dos Orgãos, do Japi; Estrada de Mogi-Bertioga, Paranapiacaba; Juréia; Cidade de São Francisco Xavier; Monte Verde; Furnas; Ilha do Mel; Brotas; Pedra Grande (Atibaia) e Cubatão.

4 - SOBRE A OBSERVAÇÃO DOS GRUPOS

No deslocamento para a roça, os roceiros referendam-se por "pontos", "recursos" e acidentes naturais. Vejamos os depoimentos:

O Rio do Peixe, "o que passa atrais da prefeitura"; "subi treis morro", "subi dois só é um pequeno o otro maior vamo passa por ele no mato (vamo corta) é mai perto do que do otro lado são 6, 7 km"; "de casa na cachoeira são 3 km, então de lá prá lá, tem mais uns 2 km. São 5 km fora o morro prá subi" (Sr. Renato e Sr. Paraibano); "plantação de fumo"; "porteira, eles põe criação prá cima, põe prá baixo". (Sr. João e Sr. Renato)

"Morro Quexodante" (Queixo da Anta ou Queixo

Dante).

A água não está boa." porque bate mais sol no meio do mato".(Sr.Renato e Sr.João)

"Forno de carvão" desativado "porque não está cortando madeira mais, agora tem que comprá prá fazê"(Sr.Genival e Sr.João).

"Lago de peixe" beirando a estrada para a roça.

No conhecimento e reconhecimento de tais referências, esse homens valeram-se da experiência cotidiana, como no relato sobre a vaca no pasto, após a indagação de como o animal selecionava o capim e como são construídos os trilhos de gados, dos quais eles se utilizam.

A vaca não sabe selecionar o capim do mato? - "...sabe, isso aí ela sabe. Porque se tem a moitinha de capim, ela vai direto no capim. O mato ela deixa, mas se deixar o mato grande, mata o capim. (O mato) "...é um gramão e uma graminha, pode sê braquiara, pode sê a grama, pode se qualquer outro, mais se num cortá o mato, as ervinha, arvinha pequena que dá no meio, mata. (ela não come). Tem uma delas que intero veneno, tem uma que chama perobinha, que se roça hoje e dexá o gado comê, morre. E tano inteirinha não come e o bicho não come, mas se a gente cortá ela e deixá, aí..."(Sr.José)

Tanto o romeiro quanto o trilheiro aproveitam-se destes conhecimentos roceiros nos seus deslocamentos.

Os roceiros caminham para a roça comentando entre si a respeito do chão por onde passam, observando as

mudanças ocorridas (o trator havia passado no caminho afastando e amassando a terra do lugar).

No retorno do trabalho da roça, teciam seus comentários e observações sobre o ambiente por onde passavam, como por exemplo, quando escutavam o som de passarinhos, paravam para olhar de onde vinha, identificavam-os, imitavam o seu som, demonstrando satisfação na descoberta e tentativa de comunicação. Da mesma forma tentaram identificar um som alto surgido no caminho, o qual poderia ter sido produzido por um animal (vaca ou paca), ou mesmo por algum homem.

Quem faz os trilhos? - "trilho de gado é no pasto, o gado mesmo que faiz, ele vai passando vai ficando trilhado, eles passa tudo dia e fica o trilho...sempre o mesmo trio, eles costuma sempre naquele lugar" (Sr.Machado); "...é de tanto o gado passá...eles passa pastano num canto...vai lá na frente, não sobe(de frente) de lado assim porque subi assim reto, ele não sobe...acho que as perna dele não dexa...é só o costume deles...é aquele jeito lá dele, porque direto ele não sobe, só fazendo zigue-zague."(Sr.José); "...ele faiz no lugar limpo, assim no mato fechado não."(Sr.João e Sr.Renato).

A diferença entre roceiros na sua lida diária com os romeiros em suas caminhadas, quanto ao aspecto da observação ambiental, dá-se no fato dos romeiros não pararem para apreciar o ambiente. Os objetivos e visões das caminhadas são analisados de maneiras diferentes. Por

exemplo, os romeiros programam previamente suas paradas sempre levando em consideração a proximidade de rios, sítios de pessoas conhecidas, curvas, trevos, tipos de árvores, vilarejos etc.. As paradas mais breves são feitas em sombras.

Andar é mais importante do que parar para observar o ambiente, contemplar a natureza ou atitudes introspectivas, pois pertence ao cumprir, ao dever, ao voto, é a oferenda. Como na citação de FERNANDES, (1994): "São as pernas que rezam por nós" (p.23).

Os trilheiros param muitas vezes para observação ambiental. Geralmente são perceptíveis em relação à flora, à temperatura. Quando encontram um riuzinho, uma queda ou uma cachoeira querem beber a água ou mesmo se molhar. Algumas pessoas mostram com grande dificuldade o "estar" num ambiente natural e tudo se torna problemático, como os bichos que voam, o sapato que molhou, a calça que sujou, não aguentam andar muito tempo, parando para descanso; alguns reclamam das condições, indagando se falta muito para chegar no local previamente combinado. Outros tecem comentários irônicos sobre a falta do conforto da vida citadina. Nessas observações e comentários, deve ser considerado o fato de ser ou não a primeira experiência e os motivos que conduziram as pessoas para essa atividade.

5 -O CORPO NO CAMINHAR: transportando as diferenças.

Os trabalhadores da roça costumam levar consigo a marmitta de comer: farinha, carne (de frango, porco, boi), arroz, feijão, mandioca, bolo, café, garrafa para colocar água, (apanhada em bicas encontradas pelo caminho)

A aparência física da maioria dos homens da roça não reflete corpos grandes com musculatura acentuada como os corpos dos praticantes de musculação em aparelhos. Seus corpos apresentam firmeza muscular. São seguros, firmes, ritmados em seu caminhar, sem gingar, com expressão simples e natural. São miúdos com características fortes sem trejeitos, sem estereótipos.

O corpo saúde é o que maior significado possui no contexto da roça. Tendo saúde pode-se trabalhar. Há muita satisfação no trabalho, e no dispêndio reservado para ele, não devido a lucros possíveis, porém pela garantia de sobrevivência.

Pela diversidade das atividades roceiras, ocorre uma diversidade de movimentos, como por exemplo, os movimentos para carpir, roçar, carregar, plantar diversas espécies, espalhar esterco, colher, debulhar, e muitos outros. Cada qual exige o manuseio de instrumentos, com movimentos correspondentes. Talvez disso resulte a apresentação do corpo firme, forte, seguro, com uma massa muscular homogênea, sem apresentar o estereótipo do atleta moderno.

Na romaria os participantes trajavam calça jeans, camisa, uns com tênis outros de botina; somente um usava chinelo de dedo. A mochila continha algumas roupas (meia, cuecas, calça, camisa, blusa de lã), toalha, lanches, frasco de álcool para friccionar nas pernas, tentando evitar o inchamento, garrafa de café e de água (esta vazia), cobertorzinho, farolete, vela, pasta de dente, sabonete, emplasto. A máquina fotográfica como parte de uma romaria, estava entre os pertences, pois registra as proezas das viagens e principalmente a chegada e a tradicional foto em Aparecida do Norte.

Carregam um "porrete" - bastão geralmente de eucalipto, confeccionado segundo os princípios da lógica de seus usuários: "...tem que fazê da artura da mão... o braço fica normal... só apóia um pouquinho o braço...", ensina Sr. João (do bar).

O porrete representa um apoio durante a caminhada, com funções diferenciadas: "...prá apoiá o braço"(Sr. João); "...tem que levá prá ter argumento"(Donizeti); "...prá ir encostando, um pouco prá ajudá as pernas (...) aí é ajuda, tem uma artura trava tudo..."(Sr. Miro); "...esse aqui nós vem fazendo desde o ano passado... leva um ano prá fazê, quando marca a romaria, o porrete já tá feito um dia antes..." (conversa coletiva junto aos que foram na Romaria). Durante a caminhada, era atribuído ao porrete outras funções, como por exemplo, instrumento de brincadeira, tentando se acertarem mutuamente.

As sobras das coisas utilizadas são jogadas no chão, como no caso das etiquetas dos rojões e do papel envolvendo os lanches.

O instrumento de realização da romaria é o corpo.

Os romeiros comem pouco e empreendem muita energia no esforço da longa caminhada. Carregavam pão com carne moída, com queijo ou mortadela e café. Em outras romarias, contaram alguns sobre carregarem linguiça, presunto, frango frito, salaminho, carne assada e latinha de leite em pó. Alguns não levam nada para comer, dependendo exclusivamente dos recursos das paradas.

Bebem pouca água alegando não fazer bem "encher a barriga para andar", pois isto dificultaria. Quando encontram uma bica, enchem a garrafa de água e carregam no restante do trajeto. Não pedem água nas casas por onde passam alegando: "... água da casa assim é muito gelada prá gente tomá e andá"(Ivan). "O corpo tá quente"(Sr.Miro). "Essa água que corre assim é mais morna um pouco, é melhor. Eu tomei café, lá (na parada que fizemos)...pode dar problema na... dor de garganta, o calor, fica ruim o gelado"(Luis).

Quanto aos trilheiros, vão carregados de boa vontade em caminhar, constituindo-se esse fato no impulso que gera a atividade. Podemos encontrar e relacionar uma lista de objetos entre outros: faca, cantil, espelho; walkman e fitas cassetes com músicas gravadas; documentos de identificações. Quando ao uso do espelho na caminhada foi

feita uma observação: "...quando sair da cachoeira, o meu cabelo fica descabelado e carrego um 'fru-fru'..." (Marisol).

Carregam alimentos como: biscoitos e bolachas, sanduíches prontos, frutas, legumes e água industrializada ou em frascos domésticos.

Os "trilheiros" mais experientes carregam entre outros objetos: foice, facão, cartas geográficas, papel vegetal para desenhar novos trechos, bússola, altímetro, justamente com o "conhecimento e malícia", que a própria experiência de tantas caminhadas lhes proporcionaram.

O conhecimento da leitura das cartas geográficas, da bússola e altímetro, constitui-se numa precaução contra a perda no mato.

Quando acampam, carregam: fogareiro e alimentos de fácil cozimento, como macarrão e também cobertor e pijamas. Alguns costumam dormir em pousadas e pensões nas cidades próximas, muitas vezes fazendo suas refeições nestes locais.

Utensílios de higiene não são esquecidos: escova de dente, creme dental, papel higiênico, desodorante e toalha de banho.

Em relação ao vestuário carregam na mochila: calça jeans e moletoms, blusas e camisetas, pijamas, cobertor, tênis e botas.

Para o turista o corpo representa instrumento de prazer e lazer.

Alguns tipos de atividades realizadas na roça

demonstram a condição física adquirida ao longo de sua prática. Cada atividade possui gesto próprio, movimentos específicos, com um significado peculiar.

"Capiná"; "tira terra de planta"; "puxa esterco".
"A terra eu adubo que eu puxo esterco de mangueira (esterco de onde fica as vacas guardadas). O fazendeiro dá e eu vô buscá; arranjo uma carreta, tratorzinho com a carreta, vô lá, loto a carreta, trago e despejo na beira da estrada e vô bardeando nas costas lá na várzea onde trabalho"
(Sr.Machado)

Algumas atividades na roça necessitam ferramentas, ocorrendo uma interação movimento/ ferramenta/ ambiente/ objetivo da ação.

Os movimentos necessários para a colheita do feijão diferem e muito dos movimentos para a colheita do milho. Enquanto na de milho permanece-se em pé, na de feijão, grande parte do tempo, o corpo permanece arcado para frente, quase tocando os chão com as mãos.

"As culturas determinam as posições que devemos adotar para dormir, ficar de pé, sentar e descansar. Da mesma foram dita as maneiras de utilizar ferramentas e de movimentar o corpo durante o trabalho - direta ou indiretamente, pois, as dimensões do cabo de uma enxada podem determinar toda uma disposição do aparelho ósseo e muscular." (RODRIGUES, 1975,p.96)

As pessoas de determinado grupo social, através da vida cotidiana aprendem, reconhecem e codificadam os gestos que são e serão transmitidos para os demais membros deste

grupo.

Na quebra do galho do pé de milho, o corpo acompanha a execução da mão flexionando seu tronco. O punho realiza um meio giro para retirar a espiga presa ao caule. No lançar a espiga ao monte, parece haver um prolongamento do próprio braço, tendo a espiga como extensão.

Assim como a colheita de milho, a de feijão também não necessita de ferramenta. Flexionam a perna, com o objetivo das mãos alcançarem o chão, alterando entre os pés de feijão nessa mesma posição, levantando-se apenas quando as mãos estão suficientemente cheias, dirigindo-se ao monte de pés colhidos, para esvaziá-las.

A romaria é sempre desejada e esperada com vontade, entusiasmo e prazer, apesar dos contratempos que possam acontecer, demonstrado através das falas: "...uma viagem cansada, mas é gostoso. Não acredito chegá o dia que a gente vai, né? Nem dorme de noite... gostoso quando a gente chega lá, quer vortá de novo... é gostoso quando começa a se animar, tando com vontade de i, vamô... eu gosto de i trei a quatro veiz por ano, eu vô, vô de carro, quando é a cavalo, vai. O lugar mais gostoso que a gente tem pra i, é lá", descreve Adilson.

O ritmo da caminhada mostrou menor intensidade embora acelerassem próximo aos locais eleitos para descanso. O descanso por três ou quatro horas seguidas parece repor as forças para prosseguir. Numa das paradas mais prolongada, algumas observações foram manifestadas: "...foi gostoso...

vim no meio, é depois foi mais devagar..."(Vani). "A sensação foi ótima, só que dói muito os pés, deu fome, bastante fome, parava só pra tomar água (aceleraram o ritmo) porque tinha que vir mais depressa. Tô gostando e animado... comemo lanche... nós pára muito pouco demais"(Adilson); "...cansado, tô co'as perna doída de tanto andá. Dói muito as perna, sola do pé ansim...a maior parte nas partes, só. No corpo não tem nada cansado.(Sr.Miro) "...Nossa! nem pode pensá no que tem prá frente (os que estão na frente) Hoje eles anda bem, amanhã tão tudo travado... eles tem experiência, eles 'qué andá! Vamô, vê. Não parando muito é miô do que depressa... pára ali e senta, fica um tempo ali, então vai mais devagá num batidão só, acho que é miô, não esforça muito o corpo"(Sr.Miro).

As atividades executadas pelos trilheiros são caminhar, parar para observar, cantar, tomar banho de rio e cachoeira, cansar e descansar, tomar lanche, e o retorno.

Muitos deles caminham como se passeassem, sem pressa. Porém, no dia da decisão da Copa do Mundo, os componentes do grupo aceleraram o ritmo para retornar (alguns até correram), mostrando naquele momento, uma superposição de interesses, ficando num segundo plano, a relação estabelecida com a natureza.¹

1 Aqui o jogo de futebol foi mais significativo do que contemplar espaço preservado.

6 - RELAÇÃO DOS ELEMENTOS TEMPO/ESPAÇO/CORPO/AMIENTE

A relação ambiente/trabalho dos roceiros, ocorre no seu cotidiano. É o caso do Sr. Machado, que cultiva e vende verduras, iniciando diariamente às 7h30 "...prá água a verdura e depois eu fico trabalhando até dez hora, dez e meia, onze hora e depois que eu venho armoça...o sol bate lá nove hora, oito e meia, quer dizê então que a verdura tem que água antes do sol batê nela onde tá plantada...quando é oito hora prá oito e pouco, tá terminado de água, inda o sol tá longinho prá chegá aqui. A tarde precisa água. Quatro hora tô aguando de novo, tá começando a batê sombra...até ali pelas cinco hora, aí venho embora...".

A roupa igualmente relaciona-se à atividade, ao ambiente, ao clima e à época. Embora algumas características independam do clima, como o caso da calça de tecido grosso, geralmente de brim, visando evitar arranhões, a botina e o cortuno feitos de couro, para se proteger tanto das conformações do solo, pedras, bichos e plantas que porventura possam atrapalhar ou mesmo ferir, chapéu, boné e camisa geralmente de manga comprida para proteger-se do sol e de ferimentos com plantas. O cinto também desempenha uma função de segurança, e dessa forma, privilegiam as calças que possuem passante "...não uso moleton, só em casa, não é boa de trabalhar porque uma que ela não tem presilha prá por a cinta, né? qualquer coisinha ela já desce prá baxo..." (Sr. José).

Estas atividades, realizadas na roça, demonstram a condição física adquirida ao longo de sua prática.

A romaria é realizada em abril, ou entre maio e outubro, sob a alegação de serem épocas mais secas e de clima mais ameno, propício para caminhar.

Há uma coincidência com a época das aberturas das estradas entre as fazendas, bairros e municípios da região. A prefeitura obrigava os fazendeiros a executar tal tarefa e os mesmos aproveitavam-se da mão-de-obra da lavoura após realizada a colheita em suas terras criando o cargo de "fiscal de quarteirão", membros da própria população.

Os critérios dos turistas para a escolha de regiões estão inter-relacionados a tempo disponível, proximidade do local de moradia, trajeto, comprimento e característica geográfica da trilha, bem como condições e características físicas.

Dependendo também da época, (estação de chuvas, por exemplo) podem incluir determinadas roupas, como as de chuva, por exemplo.

Apesar dos trilheiros afirmarem sobre as caminhadas não possuírem relação com seu trabalho diário, colocam que as fazem com os amigos do trabalho e outros conhecidos através desses últimos.

Entendo que a existência dessa relação existe na medida em que o trabalho influencia diretamente no tempo e espaço de execução da atividade. As pessoas que praticam a caminhada em ambientes naturais, estão no seu tempo

disponível, liberado de suas obrigações. Constitue-se numa atividade diferente das habituais. Muitos informantes alegam recompor suas energias após as caminhadas. O que acontece com esse indivíduo que precisa se cansar para descansar?

"O repouso é o instigador e a causa da viagem"(KRIPPENDORF,1989,p.115). O "trilheiro" pode retornar repousado ao seu cotidiano, porém nessa volta está implícito a adaptação ao mesmo ritmo, modo e pressão social. Nada parece se modificar em sua vida após esse aparente descanso.

7 - POR ENTRE SIGNIFICADOS

A roça constitui-se numa maneira de viver daqueles dependentes do solo como meio de produção, seja para subsistência ou negócio.

A roça é o local de trabalho, da sobrevivência e do sustento. Cenário onde acontece a maneira de viver, de relacionamento com a vida e com que o ambiente oferece para explorar, criar, cultivar e transformar, num processo de aprendizagem e construção.

Esse ambiente representa o local e modo de vida do peão, bóia fria, empreiteiro, diarista.

Essas pessoas sentem a invasão de novas culturas, a diminuição dos moradores antigos, que partiram, bem como a subdivisão e venda das terras para pessoas estranhas.

Utilizam-se dos trilhos como meio de acesso à roça, trilhas de trator e de pessoas. Dificilmente são construídos novos acessos. Quando isso ocorre, utilizam-se da foice para "limpar" o caminho.

Essa maneira de viver cria condições, vocabulário, gestos de comunicação entre seus iguais, constituindo a vida social roceira.

E sobre a promessa, "promessa é dívida", diz o ditado popular.

Há os que apontam a diferença entre romaria e excursão, como na fala do Sr. Jurandir "...se acontece algum acidente...a pessoa faz uma promessa para melhorar para ir a pé. Quando sera vai a pé... Quando vai de ônibus não é

promessa...cumprí voto. A promessa tem que tê fé em Nossa Senhora...tem que tê tipo de sacrifício. I de ônibus não é; pega o ônibus e você vai chegá lá, então não é um sacrifício..."

Podemos iniciar uma reflexão pelo lado do pedinte, que é a fé. Este acredita em algo próximo que dialeticamente¹ coloca-se fora e dentro de si. Acreditar é algo pessoal, porém transmitido coletivamente. Acreditar em algo ou alguém, implica na noção de exterioridade.

"As promessas (...) não se dirigem às 'leis' da existência. Ocupam-se antes das incertezas a que estão sujeitos os indivíduos ou os grupos, específicos das situações concretas. Ocupam-se das crises, como as doenças, os acidentes..." (FERNANDES, 1982, p.46).

A pessoa solicita ajuda de uma entidade, uma vez não se sentindo capaz de resolver o problema. Confia que irá ser atendido e sendo atendido cumpre sua parte no contrato. Cumprindo estará dando a outros, a testemunha desse processo. O ATO do contrato, no caso presente, ANDAR A PÉ, é visível e demonstrado, para outros.

Promessa "...é quando a gente faz a promessa e vai cumprí, então, a gente faz a promessa prá Nossa Senhora ajudá a gente...faz a promessa e é resolvido, então pede pro Santo lá, e o Santo ajuda a gente. A gente vai até lá. Se faiz prá í a pé a gente faiz, otro que í a cavalo, tem um negócio lá prá cumprí, otro faiz uma promessa prá tirá

¹ O termo dialéticamente é empregado aqui como "relação dinâmica" onde coexistem dois movimentos e manifestações apostas ao mesmo tempo.

fotografia com a Santa no braço, lá assim, quando ela faiz milagre, otro faiz prá tirá ao lado...(poderia pedir e prometer outra coisa?)...mas não, eu queria í a pé."(Sr.Miro)

Os pedidos giram em torno da melhora das condições de saúde (acidentes, cirurgias), também para conseguir um emprego. "...nóis precisa de saúde, dinheiro nóis ganha. Deus, Nossa Senhora dando saúde, prá nóis, dinheiro nóis ganha um poco hoje um poco amanhã"(Donizeti).

"A promessa (...) implica uma visão de mundo que condiciona a sua prática caracterizando o que é razoável esperar dela, definindo os seus usos e abusos, oportunidades e perigos..." (FERNANDES,1982,p.47).

Quando concluída a promessa a sensação vem à tona: "...nossa! tira fotografia, fica por lá, toma um banho, assisti missa, é gostoso!"(Sr.Miro).

Promessa é um voto de fé e confiança. Realizam o pedido e "largam prá lá". Enquanto não se é atendido, deve-se sempre estar lembrando Nossa Senhora: "...Se Nossa Senhora ajudá, vai dá tudo certo...". Após receber o pedido, deve-se cumprir a promessa. Todas as promessas relatadas estavam relacionadas à ida a Aparecida do Norte. Seja para levar uma foto, tirar uma foto com a Santa ou para andar até lá.

"...não precisa ser difícil, mas não precisa ir a pé. Se a pessoa quer... gostamos de ir a pé... eu gosto de andar a pé. Porque se ele não tiver fé, anda um pedacinho de

caminho... no caminho ele vorta... vorta porque abusa, não pode abusar, tem que cumprir... faz força e vai a pé... porque se ele não vai a pé, fica devendo... é a mesma coisa que uma dívida. é uma promessa. Depois morre e fica devendo"(D.Vicentina)

"Mas romaria é penitência, valorização simbólica do sofrimento (...), valor positivo do sofrimento pedestre". (RODRIGUES,1982,p.20), principalmente se o gesto for *de ir a pé*. Ofereço algo de mim ao Santo, o *consaço de andar*.

A conclusão da romaria reafirma a potência, a força, a capacidade, a coragem, enquanto a não conclusão reafirma o seu oposto.

"No sentido etimológico e no sentido literal, o termo *sacrifício*, implica a idéia de um bem sensível que é oferecido ou destruído em honra de um ser superior, a fim de atestar a sua soberania e, subsidiariamente, para obter proteção, perdão, ou graça. 'O bem que oferecíamos era nós mesmos...'"(MAURICE BLONDEL, citado por FERNANDES,1982).

O voto, *andar a pé*, é a oferenda paga na promessa. Apronta-se a cada construção, a cada passo.

Consagra uma continuidade do ideal, do modelo da *e na fé*. "... até gente que vinha do fim do mundo antigamente, vinha com aquela cruz enorme. Faz erro e pede perdão... essa viagem que a gente faz e acha difícil em vista do que já vimo gente fazê é facinho. E muito deles não vai. Se não acredita nela, não vai"(Sr.João)

"Ao venerar as forças e as divindades, o homem cultua e respeita sua sociedade simbolicamente representada. A função da atitude ritual é a de expressar e manter a solidariedade do grupo, de onde provém toda bênção e toda ameaça. O Sagrado é a fonte de nossa experiência do valor permanente da sociedade; ao cultuar os deuses e as forças, o homem está admitindo e confirmando em si e para os outros experiência dos poderes protetores que formam a sociedade..." (RODRIGUES, 1975, p.27)

A caminhada na romaria representa a profundidade da fé.

Numa tentativa de classificação, os graus de esforço poderiam ser assim apresentados: acender vela; rezar terço; ir a Aparecida do Norte de ônibus; ir a Aparecida do Norte de caminhão; ir a Aparecida do Norte a pé; ir a Aparecida do Norte carregando bagagem e ir a Aparecida do Norte carregando cruz.

Andar a pé não significa se castigar, se punir, é acima de tudo para se oferecer. Apesar da aparência de sofrimento, representa e demonstra o grau da devoção, que neste caso é elevado, pois em troca do favor do santo, poderia realizar outra coisa, como por exemplo, acender velas, ir à missa, ou qualquer outra ação.

O significado atribuído pelos trilheiros pode ser percebido na fala: "Para mim é partir de uma cidade poluída como São Paulo e entrar num mato fechado, como a Mata Atlântica, que entra numa picada como as pessoas conhecem e conhecer uma cachoeira, passar por bicas, lugares assim que na cidade não tem condições de ver... Na semana passada

estivemos no Botânico... fizemos duas trilhas lá..."(Artur)

Poucas pessoas constroem trilhas atualmente, mas existem alguns "trilheiros" que ousam desbravar lugares poucos conhecidos. Vão geralmente sozinhos ou, no máximo com um ou dois colegas, com carta na mão, bússola e outros instrumentos. Vão conhecer lugares de difícil acesso, com pouca interferência humana. Se a carta apresentava a presença de uma trilha, a qual já não mais existe, estes indivíduos refazem-na, ou melhoram as condições de passagem.

"Não que você abra ela inteira, mas você interliga pelas trilhas conhecidas que o povo da região usa...e às vezes uma comunicação que você ache interessante por uma crista, uma coisa que não existe, você abre... com facão, mas o melhor é foice, é mais pesada, ela tem uma eficiência maior pra cortar bambuzinho... uma trilha entre dois Picos eu vou tentar fazer ela, a menos acidentada possível."(Alexandre)

A maioria das pessoas caminha por trilhas já existentes, pela questão de segurança apontada. Os locais das trilhas podem se situar em parques nacionais ou estaduais, nos quais não é permitida a alteração ambiental.

As trilhas eram construídas, constituindo-se num modo de vida. Portanto os moradores de locais onde existem trilhas, pela necessidade de passagem, as preservam "limpas".

A vida urbana, pode sedentarizar ou mecanizar o indivíduo. O modo de vida social urbano, aliado à mídia,

simulam situações para que os indivíduos consumam produtos em nome do seu bem-estar. Este modo de vida tira-lhe o tempo, o espaço, o convívio com seus iguais, podendo conduzir a uma ausência de sentido de suas vidas. Na tentativa da superação de tal quadro, criam-se novas formas de consumo em nome da recuperação do estado de espírito e do corpo. Uma dessas formas pode ser ilustrada na oferta de uma máquina, a esteira rolante, impondo uma movimentação ao homem, simulando o andar. No caso dos trilheiros, essa ação ganha novo significado e sentido, não se constituindo num ato simplesmente mecânico. Há uma bela ilustração a este respeito de um veterano caminhante, o Alexandre:

"É um saco a máquina fazer os movimentos pra gente. Pra mim é muito claro, se vou fazer o exercício eu quero uma coisa que tenha sentido, eu quero aprender alguma coisa com isso... não quero ficar com uma máquina lá marombando pra ficar musculoso... e nem caminho pra isso... Caminhar por caminhar... Chega um certo ponto o seu condicionamento físico pra caminhada fica estável, então você se mantém, consegue manter um certo condicionamento físico marginal... Em vez de eu pegar um elevador, eu subo pela escada; em vez de eu pegar um ônibus num trajeto curto eu vou a pé".

A forma de vida social urbana conduzem-os a determinados usos de seus corpos e, à realização de determinadas atividades, como caminhar fora do seu local de moradia, fora do seu grupo social.

Os indivíduos que buscam caminhadas em ambientes naturais, buscam SENTIDOS diferentes. Deslocam-se em distâncias relativamente grandes, o que não fazem no cotidiano.

Embora com desconforto e cansaço em longas caminhadas, muitos alegam caminhar por puro prazer.

Quando vão procurar uma cachoeira, além da admiração, banham-se em suas águas para a limpeza do "suor e poeira" da caminhada, a purificação. Buscam lugares que proporcionam beleza.

Alegando querer "conhecer lugares diferentes", buscam sair da "monotonia" urbana, alcançando altitudes que proporcionam a longevidade, o infinito, onde se encontra o ar puro.

Também procuram paz, harmonia e equilíbrio, chegando a encontrar o infinito, a incógnita do êxtase, expressando: "Ah! Deus existe".

A sensação de liberdade expressa é um ponto a ser refletido. Livre de quê? A quê se sentem presos?

Querem viver no seu corpo a pureza, a paz, a liberdade, o infinito, a beleza. Desejam estar encarnados em seu "sagrado" ². O corpo se integra ao natural observado,

2 "O Sagrado e o Profano são maneiras de serem as coisas(...) tudo o que é objeto de interdição é Sagrado, ao passo que o Profano é aquilo a que estas interdições se aplicam(...) o Sagrado e o Profano são completamente diferentes e opositivos(...) ser sagrado é o ser proibido que não pode ser violado, do qual não ousamos nos aproximar, porque ele não pode ser tocado. Está permanentemente protegido desse contato pelas interdições que o isolam e protegem do profano(...) A terminologia de Radcliffe-Brown

sentido e vivido. Sagrado devido aos interditos no seu cotidiano. O acesso ao sagrado implica num ritual, o ritual o qual exige locomoção. Preparam-se e motivam-se, buscando o local apropriado, caminhando para realizar o contato com o sagrado. O encontro consigo mesmo.

Há um desejo explícito de compartilhar essas sensações com seus amigos, e a ajuda mútua existente nessa experiência.

Lara: "ele (o corpo) pediu pra eu parar e sentar um poquinho e ganhar fôlego prá continuar".

Hélio: "eu tenho mais resistência que ela (Lara), eu tava com muita vontade de chegar aqui (na Pedra do Chapéu do Bispo), e ela não tava com tanta, porque ela não sabia o que esperava, tinha um pouco de medo de decepcioná-la, ser em vão o esforço... então eu tinha mais força de vontade, inclusive mais preparo... queria compartilhar isso com ela... mostrar prá ela."

Lara: "(a sensação) de beleza, de pureza, fica mais perto do céu; sensação gostosa, de liberdade... olha você senta aqui, senti isso aqui, e olha isso tudo, você não esquece, não dá pra sentir mais alguma coisa."

tem, ademais, o mérito de não permitir que a sacralidade seja centrada no objeto sagrado, mas na ATITUDE, na RELAÇÃO(...) a terminologia permite ainda conceber claramente que as pedras, árvores, etc., que se consideram sagradas são meros significantes, que REPRESENTAM e que MOSTRAM o Sagrado". (RODRIGUES, 1975, p. 25-26)

8 - POR ENTRE OS OLHARES

A questão dos "olhares" tem distinção intra e entre grupos.

Os habitantes das grandes cidades, vêm o homem da roça como o "homem simples" e tudo passa a ser o caipira, no sentido "pejorativo" da expressão. É tratado de "lavrador", "roceiro" e "peão", sendo considerado o menos "culto", "o ignorante", "o não avançado", "o primitivo". O homem da cidade não visualiza possibilidades diversas de modo de vida, complementares da vida citadina.

O termo caipira tem conotações diferentes para quem emite ou recebe a expressão. Para quem a recebe, no caso o homem da roça, assume o ser caipira perante a comparação à cidade, muitas vezes se auto desprezando nesta comparação. Consideram as pessoas de fora como aquelas que trazem progresso, emprego e distração.

Ao longo do caminho é notada a presença dos romeiros, coisa que talvez passasse despercebido por olhares estranhos a eles. Poderiam ser confundidos com "trilheiros" pelo uso das mochilas, porém os moradores dos locais por onde passam, sabem que são ROMEIROS, e perguntam como se confirmando: "Aparecida?". Algo indica que são moradores da roça seguindo para Aparecida do Norte. Indaguei um dos romeiros: "Só de olharem as pessoas que passam, os moradores sabem que vocês estão indo para Aparecida em Romaria? - "Ah! sabe, porque temo mochila, né? Conhece né? um

passa sempre com essa bolsa"(Sr.Miro). Como percebem? Pelo GESTO DE DEVOÇÃO. Estão sem ferramentas de trabalho de roça; vestidos de certa forma com roupas mais novas, não deixando de ser um ato festivo. Carregam pouca bagagem, por causa da grande distância a ser percorrida, andam em pequenos grupos, grupos reunidos por proximidade de faixa etária. Caminham a pé, dispendendo tempo e se ausentando do trabalho.

CAPITULO VI

O OLHAR DO PESQUISADOR

"...Antes, eu olhava para longe, e aquilo estava realmente 'longe' (...) parecia não fazer parte do meu mundo. Porque eu sempre estava olhando para perto, para as coisas à minha volta. (...), me acostumei à olhar a distância. E percebi que, além de mesas, cadeiras, objetos, meu mundo incluía montanhas, nuvens, céu. (...) Minha alma parece ter crescido" (COELHO, 1992, p.56-57)

1 - SOBRE CONCEITOS

Querendo olhar o monte de areia e reciprocamente a planície de onde foi retirada a areia, arrisco-me a realizar uma leitura do caminhar em trilhas, observando os diversos modos e buscando significados do ato de caminhar, que não se esgotam com esta apresentação, muito pelo contrário, somente nos tenta para novos olhares e caminhos.

Todo conceito e atividade humana se reclassificam a cada momento histórico. O prescindível agora, talvez não tenha sido antes, e talvez poderá não ser daqui a pouco. Assim ocorreu com o caminhar, com as trilhas e com tantas outras manifestações humanas.

Iniciei o estudo com a expressão *TRILHA* sem perceber e me importar com a diversa conotação que esta poderia conter. Parti deste termo, comum entre aqueles que caminham por "trilhas" em matas naturais.

Através do trabalho de campo, onde inicialmente

ocorreram confusões nos diálogos entre eu e os moradores da roça, os quais se mostravam confusos, não sabendo responder às indagações feitas, surgiram duas questões: uma de indignação - porque esse interesse por uma coisa tão "à toa", sem importância, corriqueira? A outra deu-se ao longo dos diálogos e processo do estudo, onde descobri que o termo *trilha* não é o mesmo para quem nela vive e faz uso corrente, nem para quem vem *de fora* das regiões onde as trilhas se encontram.

Tendo em vista essas questões, tentei esclarecer as confusões e os diálogos tomaram novo rumo. Não mais partia dos meus termos, mas solicitava esclarecimentos sobre o que os informantes me diziam. Daí começou a construção do conhecimento referente ao tema tratado.

A partir deste momento fui desvendando vários nomes utilizados pela população local, como por exemplo: *caipira* - alguns não acham bom, porque "parece que está gozando da gente", "parece pouco-caso". Muitos deles não se importam de serem referendados com este termo, pois se consideram caipiras dizendo "... nós somos o próprio caipira...".

maloca - mochila.

triio - "trio", trilho de gado.

picada - é feita por pessoas com foice ou facão. É quando pica o mato para passar pessoas. Por exemplo, "a gente tá no limpo aqui...e como eu vó lá bebê água? Abre uma picada, aí a gente toma água e vai...".

estrada -é onde corre o carro pequeno", é de chão batido, de terra. Pode ser também de asfalto.

rodovia -estrada asfaltada, onde passa muito carro grande, caminhão.

trilha - este termo não é reconhecido por eles.¹

Tive uma dúvida na utilização de certos termos que identificassem o universo dessas pessoas como: roceiro, caipira, camponês e/ou sitiante, pois tanto informantes como diversos autores têm explicação diferenciada para cada denominação.

Em algumas pesquisas, o termo caboclo aparece e é questionado:

A opção pelo termo **roceiro** deu-se pelo fato deles próprios se identificarem e se autodenominarem assim, constituindo-se este um modo de vida. "... tendo provavelmente Emilio Willems o primeiro a utilizar de modo coerente a expressão 'cultura cabocla'; e com efeito aquele termo exprime as modalidades étnicas e culturais do referido contato do português com o novo meio. Entretanto, no presente trabalho o termo 'caboclo' é utilizado apenas no primeiro sentido, designando o mestiço próximo ou remoto de branco e índio, que em São Paulo forma talvez a maioria da população tradicional. Para designar os aspectos culturais, usa-se aqui 'caipira', que tem a vantagem de não ser ambíguo (exprimindo desde sempre um modo-de-ser, um tipo de vida, nunca um tipo racial), e a desvantagem de restringir-se quase apenas, pelo uso inveterado, à área de influência histórica paulista. Como neste estudo não saímos dela, o

¹ Quando indagado sobre o que é trilha, ou se conhecem trilha, eles repetem o termo no início da resposta, mas usando no masculino trilha .

inconveniente se atenua". (CANDIDO, 1971,p.22).

Seguindo este raciocínio, o termo roceiro refere-se ao indivíduo sob condições de trabalho da roça. Não poderia empregar o termo sitiante pois eles mesmos consideram este, proprietário de sítio. Embora PEREIRA DE QUEIROZ (1973) coloque que mesmo o sitiante pode ser considerado roceiro, pois roceiro é um modo de vida, do qual o sitiante pode fazer parte.

O mesmo processo foi estabelecido com os turistas na região estudada, sobre os termos utilizados, embora sem uma explicação homogênea. Encontrei várias definições para os termos, como por exemplo:

trilha - (toda passagem em área verde foi considerado trilha). Mas foi possível encontrar explicações próximas a dos moradores locais. "é um caminho que não passa carro", "um caminho estreito no meio da mata".

picada - "mordida de inseto", "no meio do mato, mais estreito, em dificuldade pra passar".

trilho - a grande maioria não utiliza e desconhece este termo nas condições do estudo (local de caminhada). Foi lembrado inclusive como trilho de ferro onde passa o trem. Mas os mais experientes conhecem: "...de boi, que atravessa o pasto, que você pisa um pé na frente do outro".

estrada - "via de uma cidade a outra".

natureza - há uma diversidade de resposta quanto a este termo, "paisagem verde com cachoeira", "tudo isso aqui, nós somos a natureza", "locais não tocados pela cultura humana

ou o menos tocado possível...".

O termo, **trilheiro** poderia ser questionado pelos cientistas sociais, sob a alegação deste não se constituir um grupo social. Daí vem um questionamento sobre o **romeiro** ser um grupo social. Pois neste caso há romeiros fazendo parte da vida na roça, como aqueles da cidade.

Considero nestes casos, como os próprios atores sociais se identificaram, uma vez feita a opção pelo ponto de vista "**emico** - (inside)", do ponto de vista da pessoa ou do grupo social em que se encontra o objeto, sob a lógica desse grupo social.

Há uma correspondência direta entre ação e denotação, pois quem mora na roça é roceiro, quem anda na trilha é trilheiro, quem mora na cidade é citadino. Se porventura houver na cidade alguém cultivando roça (plantando e colhendo) nem por isso é considerado roceiro. O mesmo pode ser dito do trilheiro. Ele não constrói, nem tampouco vive na trilha ou de fazer trilhas; tem por hábito caminhar em trilhas. Igualmente no caso dos romeiros. São considerados (e se consideram) como tais quando estão em romarias, sejam eles da cidade ou da roça.

Quando os dois tipos de caminhantes, romeiros e trilheiros, retornam de suas atividades, às quais carregam tais denotações, para o seu cotidiano, podem deixar de recebê-las.

A cultura estabelece os contrastes e as diferenças, fundando-as em seus membros. Por meio de

artifícios cria contornos, formando a fisionomia do que constitui os "nós" e os "outros". Estabelecida uma identidade própria e a partir disto, realiza também cortes e contrastes internos que farão sentido aos membros de cada cultura. De acordo com esse processo, criam-se nuances e atributos que constituem os diferentes grupos, classes e categorias abrigadas em cada sociedade. (RODRIGUES, 1975).

Concordando com o autor, temos a possibilidade de os **trilheiros** serem considerados como **grupo** que se define, segundo FERREIRA (1975) ou AURÉLIO, por uma pequena associação ou reunião de pessoas unidas para um fim comum, com tendências a se constituírem como **categoria** de um **grupo social**. Categoria no sentido de pessoas com características comuns, praticantes de uma atividade com a mesma natureza, fazendo parte ou vivendo das mesmas condições e modos de vida. Podem também receber o nome de **turma** no momento da atividade em grupo. No grupo social (modo de vida urbano) onde vivem, nem todos praticam caminhadas em trilhas, apenas uma parcela de pessoas, apresentando características próprias.

"A vida cotidiana se afigura, então, para o indivíduo, como um *continuum* de tipificações para cima, para baixo e para os lados, que variam desde as relações contínuas, frequentes, intensas e face a face, que configuram nele uma consciência de "nós" com indivíduos que se reconhecem como pertencendo ao mesmo grupo e como tendo as mesmas coisas em comum, até relações vagas, intermitentes, fracas e indiretas com indivíduos e coisas (...). A estrutura social envolve o conjunto

dessas tipificações polares" (RODRIGUES, 1975, p.31).

No caso da expressão **turista**, o uso entre os dois grupos sociais apresentou o mesmo sentido. é usado para as pessoas que são moradoras de fora da região, os da cidade, embora havendo distinções entre os que vem da grande cidade como São Paulo e Rio de Janeiro, e os que vem das proximidades. As pessoas de fora, as quais adquiriram imóveis na região, destinadas ao tempo de lazer, são consideradas turistas.

No município de São Francisco Xavier, algumas pessoas vieram de fora para residir na cidade, com trabalho no local. Outras possuem trabalho em cidades próximas. Estes dois grupos aproximam-se mais da população local.

Em Monte Verde a relação é bem estabelecida. Os turistas são empregadores, geradores de empregos, ou ainda, para aqueles possuidores de pequeno comércio, os turistas são seus consumidores, promotores do movimento da moeda, da sobrevivência, da circulação de pessoas que vêm animar a vida "monótona".

Em Joandópolis não há grande circulação de turistas, embora a região apresente ambientes naturais (atrações turísticas). Os turistas, são os de fora que possuem um sítio, destinado ao lazer, absorvendo a mão-de-obra local, fazendo dos antigos proprietários seus caseiros. Muitos moradores possuíam propriedade e venderam, indo morar na casa do patrão, ou partindo para outras cidades. Percebe-se um descontentamento por parte dos moradores pela invasão

dos turistas, e expulsão dos moradores para outros lugares ou para outro modo de vida.

2 - ESPAÇO/ESPACIALIDADE

"O homem, pela simples presença, impõe um esquema no espaço(...) Sente sua falta quando está perdido. Marca sua presença nas ocasiões rituais que elevam a vida acima do cotidiano e forçam-no a uma consciência dos valores da vida, incluindo aquelas manifestadas no espaço. As culturas diferem bastante na elaboração dos esquemas espaciais." (TUAN, 1983,p.42)

A cidade, se podemos defini-la, é um aglomerado de população, um ponto central de convergência, resumindo várias atividades, não explorando o solo diretamente, onde ocorrem a troca de mercadorias, especulação de espaços, local de tomada de decisões da vida pública.

A zona rural por sua vez tem outra definição. Ocorre aglomerado de espaços vazios, com pouca população e às vezes cheios de plantações. O solo é explorado diretamente, há troca de produtos entre seus pares de uma forma cooperativa e onde se é tocado de frente pelas tomadas decisões da vida citadina.

A ocupação e a relação do espaço são completamente desproporcionais entre os dois grupos - rural e urbano. Embora o espaço físico rural seja maior que o da cidade, a ocupação humana é mais concentrada na cidade do que no campo.

Os roceiros vivem em ambientes da roça, na zona

rural, como um modo de vida e sobrevivem das condições encontradas, criadas e transformadas por eles.

Muitas trilhas pertencentes a este ambiente, faziam parte da própria vida roceira. Várias já não são usadas da forma original. Muitas tornaram-se estradas não-pavimentadas, mais propícias para circulação de autos não possuídos pelos moradores. A trilha era um local de trânsito de pessoas, de transportes e de bichos, prolongando e encurtando distâncias.

De acordo com os depoimentos dos atores sociais dos três municípios, o modo de construção das trilhas, muitas das quais tornaram-se caminhos e estradas de rodagem de terra ou até rodovias pavimentadas, coincide em todos os casos.

Algumas trilhas são muito antigas, pouco se sabendo sobre elas. Aquelas construídas pelos informantes, tornando-se estradas, foram construídas com enxada, onde cada fazendeiro era responsável por um trecho. Os fazendeiros por sua vez utilizavam da mão-de-obra da fazenda, como já comentado anteriormente.

No início eram estreitas, passando apenas um animal ou uma charrete. Com o trabalho, de homens de enxada na mão, e o sistema de tropa de muares, foram se alargando até se tornarem vias de acesso entre os municípios.

As trilhas existentes na mata são atalhos para encurtar o caminho a pé entre bairros, casas, vilas, fazendas, roças, municípios.

Recentemente as trilhas são usadas em menor frequência por menor número de pessoas e com outras finalidades se comparadas à épocas passadas. Surge agora o homem citadino, sentindo necessidade, ou curiosidade, por modismo ou por estilo, em caminhar em lugares naturais com pouca interferência humana.

Esses atores, surgindo na relação do uso com este espaço, são os trilheiros. Utilizam-se do espaço do OUTRO, enquanto modo de vida, mas NOSSO espaço enquanto território nacional, com motivos bem diversos dos que vivem nele.

Vejamos alguns exemplos da significação dos caminhos.

Os motivos e critérios de construção de estradas pavimentadas podem ser "construir-se economicamente; servir maior área do território; ficar estrategicamente bem-situada para defesa terrestre, (pois corre entre duas estradas de ferro); ter grande beleza panorâmica; admitir facilmente grandes melhoramentos" (SILVA, 1934, p.188).

SILVA (1934) cita o artigo de Plínio Salgado, publicado em 1928, aconselhando:

"... Ir desde já dando às estradas existentes nome de significação nacional mais adequados à sua situação geográfica (...) ligar o nome de um grande feito, de uma batalha, de um homem, a uma estrada é unir a geografia à história (...) uma estrada desperta outras estradas (...) O viandante aprende a História, ama o Herói e familiariza-se com eles; e a estrada, que unifica o território, vai também unificando os corações (...) a estrada é um monumento vivo. É um órgão em

função..." (p.204).

"De fato, a roça pertence agora a uma ordem de atividades e representações diversas da mata. significa um conjunto de atos e interesses mais ligados ao comércio da vila do que à caça; mais ligados ao imposto ou ao pagamento do fôro que às promessas propiciatórias e seus cumprimentos festivos. Em lugar do meio contínuo e íntegro, base da subsistência, da recreação, da magia, da comemoração, da lenda, surgem meios desarticulados e em certa medida autônomos, definindo um dilaceramento na atividade do homem rústico, todo concentrado agora na preservação do mínimo ecológico por meio da agricultura comercializada." (CANDIDO, 1971, p.177) .

Um aspecto curioso em relação ao ambiente é a LIMPEZA. As pessoas residentes na cidade varrem as folhas de árvores de suas calçadas e quintais cimentados alegando sujeira. Muitos trilheiros, na mata, deixam seus resíduos (latas, embalagens, plásticos, sacos de lanches etc.) pelo caminho. Os moradores locais não recolhem esse lixo.

A questão da limpeza ambiental é mais ampla e complexa que um papel de bala atirado ao chão,

Se considerarmos a cidade como um aglomerado de pessoas, a quantidade de resíduos é bem grande e o processamento do lixo urbano é desastroso.

A desproporção demográfica e o modo de vida descartável na vida urbana é onde se produz mais lixo. Se pensarmos na vida da roça, onde há dispersão demográfica, o aproveitamento é relativamente maior. O lixo produzido é

mais facilmente absorvido pelo ambiente, devido ao modo de vida.

Quando as pessoas urbanas invadem o meio roceiro ou os ambientes naturais em nome do contato com a natureza, levando sua cultura, seu modo de vida e não percebendo a diferença, provavelmente ocorrerá e isso vem acontecendo em vários ambientes naturais, "a poluição cultural urbana". Levam e deixam seus resíduos, os das indústrias que exploram e devastam esta mesma natureza.

Há grupos que se autoconsideram ecológicos, caminhando em trilhas, recolhendo lixo. Um dado muito curioso foi-me apresentado por um grupo de pessoas, que recolhem lixo, separando-os: latas, papéis, plásticos e outros restos em sacos diferente. Quando indagados do porquê faziam isso, responderam que tinham contato com uma firma de reciclagem de latas na cidade. Carregam para a cidade somente as latas.

Estes indivíduos responderam não ter este hábito no seu ambiente de origem, pois "não têm como carregar no ônibus ou para casa".

Numa determinada cachoeira, com a presença de muita gente, o grupo caminhante começou a recolher todo o lixo que ali havia. Separou as latas. Indagados do porquê faziam isto, responderam que com essa "atitude", estariam dando exemplo (modelo) para os outros, ao invés de fazer discurso e "dar duras" em quem jogava lixo.

A grande maioria dos trilheiros consultados não

havia reparado nos moradores dos locais onde caminham, nem no modo de vida deles. Não percebem que se o ambiente ainda se encontra natural, foi e em parte é, devido ao modo de vida roceira.

Querem desfrutar da natureza, da "casa dos outros". Não percebem que caminham em outra casa. As trilhas fazem parte do modo de vida roceiro, a moradia do homem da roça.

A paisagem natural atrai os turistas para visitação e até fixação. Esta situação é favorecida pela estrutura da organização, da ocupação desse espaço, bem como pela relação estabelecida com o meio local. Isto pôde ser observado acentuadamente em Monte Verde, de maneira menos acentuada em Joanópolis e em São Francisco Xavier, de forma mais amena.

3 - SOBRE TRILHAS E TRILHAR

"Não marques limites ao teu caminho(...)
A eternidade é muito longa
E dentro dela tu te moves, eterno."

Cecília Meireles

No segundo capítulo desta dissertação constatamos os diversos usos das trilhas em seus momentos históricos específicos.

Constituiu-se num elemento facilitador e

integrador entre povos, lugares, tempo, embora o "produto" transportado sobre a trilha fosse o motivo, a necessidade e a motivação para uso. Trilha, o produto, e o motivo se construíram dialeticamente.

As trilhas já não são utilizadas com os objetivos originais sendo consideradas obsoletas para o homem "moderno". Algumas foram ampliadas em largura e comprimento, muitas delas transformadas em grandes e importantes rodovias na fase contemporânea.

Numa época mais recente como na Revolução de 32 ou Movimento Constitucionalista², elas também foram utilizadas, inclusive na região estudada.

A população pouco soube relatar a respeito. Os moradores dizem que os mineiros queriam entrar em São Paulo, mas os paulistas não deixaram. Não sabem relatar a causa. A população não lutou diretamente, porém tiveram que colaborar com os paulistas.

Sob outro aspecto, temos a comercialização do uso de trilhas por agências de turismo. Trilheiros experientes, nessa relação, exercem a função de guias.

Trilhar em sua origem no latim "tribulare", "debulhar". WILHELM, 1956, no *I Ching - livro das mutações*, mostra uma relação direta entre Lu, que significa "pisar

2 Esta revolução se caracteriza pelas desavenças entre interesses das classes dominantes paulista e a nova política do momento. Foi uma luta armada nas fronteiras do Estado de São Paulo. Esta situação se passou na área de estudo nas divisas de Estados de São Paulo e Minas Gerais. Para melhor esclarecimento ver CAPELATO, 1981.

sobre algo", com *conduta*, significando a maneira correta de se comportar, atribuindo a junção destes dois significados a expressão *trilhar*, dando o significado de "pisar sobre", ao mesmo tempo que indica o caráter de movimento do caminhar, associado à *conduta*.³

O ato de *trilhar* assemelhasse a uma representação mítica. Como um rito de passagem, de uma situação a outra, de um modo de vida a outro, do real, para o não real; numa espécie de absorção. No espaço da mata, num lugar fora do cotidiano, num tempo suspenso da rotina, pratica-se um ato prazeroso. Muitos *trilheiros* retornam a estes lugares para revivenciarem estas práticas.

A região que abrange os três municípios estudados, possui um significado de "lugar especial", "não tocado", "preservado" e "reservado". Lugar de interdito, por forças míticas ou até morais (por medo de entidades folclóricas, *sucupira*, por exemplo, ou por estar longe dos olhos sociais onde poderiam praticar atos delitos ou profanos).

Neste, o *trilheiro* busca o encontro de si, o refazer de si próprio.

O espaço preservado pelo *roceiro*, o qual não fez do espaço, formas de dominação e controle, é uma forma de convívio com esta natureza, na qual ele se inclui.

O homem da roça ainda se organiza relacionando-se com as condições ambientais, seja ela de clima, temperatura,

³ 10 - Lu/A *conduta* (*trilhar*). Acima CH'IEN, O CRIATIVO, CÉU. Abaixo TUI, A ALEGRIA, LAGO.

conformação geográfica, tipo e época de plantio, tipo de atividade, demonstrado na sua vestimenta, no que carregam, no horário, tempo de trabalho, posição do sol e da sombra, no esforço físico e na alimentação, (esta última não foi aprofundada).

O trilheiro sacraliza à distância este espaço preservado, o que pode ser observado na expressão "santuário ecológico".

Políticas de preservação limitam o homem do campo ao isolamento, cercado por áreas de proteção ambiental, onde já não podem mais cultivar seu alimento, necessitando trazê-los da cidade. Neste caso fica uma pergunta. Como surgem estes produtos? Quem os produzem?

A área, antes de trabalho e sobrevivência passa a ser área de lazer e recreio.

Onde havia ajuda mútua, surge o empregado assalariado. Outro tipo de cultura que o roceiro desconhece.

O espaço para o trilheiro funciona como alargamento da alma. A cidade é pequena necessita de ar livre, mais espaço para além fronteiras psíquicas.

O espaço para o roceiro se torna no esmagamento do seu ser manifestado em desânimo, a perda de si, da sua identidade grupal.

A relação com o espaço contrói o Eu, Ele, Nós, Eles, num sentido de proximidade e distanciamento.

"O espaço é um símbolo comum de liberdade no mundo ocidental." (TUAN, 1983, p.61)

4 - TEMPO/TEMPORALIDADE

"O teu começo vem de muito longe(...)
o teu fim termina no teu começo(...)
Faze-te sem limites no tempo(...)
É a passagem que se continua."

Cecília Meireles

O tempo se constitui de várias facetas: o tempo biológico, o tempo social e o tempo mítico. No presente estudo, percebem-se nos dois grupos sociais (roceiros e trilheiros), uma distinção do tempo.

O tempo relacionado ao ritmo do trabalho roceiro,

"... interferia no equilíbrio ecológico, modificando as relações do grupo com o meio... o ajustamento do grupo social caipira se dava pela continuidade a um meio total, enquanto que atualmente não se dá pelo global e imediato, mas a vários imediatos devido a fragmentação das relações, e o estabelecimento do contato externo. A princípio, o meio representava para o grupo uma totalidade, cujos limites coincidiam com os limites da atividade e da mobilidade grupais... assim que o trabalho agrícola, a caça, a coleta, a pesca não eram práticas separadas, e de significado diverso - mas complementares, significando cada uma per si, e todas no conjunto, os diferentes momentos dum mesmo processo de utilização do meio imediato. A roça, as águas, os matos e campos encerravam-se numa continuidade geográfica, delimitando esse complexo de atividades solidárias - de tal forma que as atividades do grupo e o meio em que elas se inseriam formavam por sua vez uma continuidade geossocial, um interajuste ecológico, onde cultura e natureza apareciam, a bem dizer, como

dois pólos de uma só realidade..."
(CANDIDO, 1971, p.173)

Este quadro sofreu muitas transformações como vimos.

O ritmo de vida das pessoas moradoras em grandes cidades é muito acelerado, com um índice muito alto de exigência no ritmo da produção, qualquer que seja. A vida citadina apresenta-se fragmentada, não se unindo numa totalidade. O tempo é formado de períodos interrompidos. Num determinado momento, interrompe-se o que se está fazendo, dirigindo-se para outra atividade. Não interrompe-se pelo cansaço, término ou pelo anoitecer, como na vida roceira.

Era comum ouvirmos das pessoas vindas da roça para a cidade, "cada coisa no seu tempo", representando como significado a manifestação do tempo natural. Este significado se perdeu, cada coisa tendo um tempo finito.

O tempo disponível do roceiro destina-se para a família, permanecer em casa, dar voltas pela cidade, fazer visitas, pescar, ir a festas. Os mais jovens têm necessidade de estar participando de outros eventos ditos "mais movimentados". Desejam sair e morar distante dali por causa da ausência de oportunidade de trabalho. Há uma mistura de sentimentos expressa na identificação com a vida roceira e a chamada para uma nova forma tecnológica.

Os cidadãos têm grandes necessidades de tempo livre talvez porque exerçam atividades sem significado com pouco ou quase nenhum envolvimento. Quando têm esse tempo, saem de seu lugar e vão para outras localidades. Organizam-

se num tempo social, onde o uso é determinado pela sociedade. Esse tempo é atribuído artificialmente colocando numa ordem temporal dois eventos, "antes" e "depois" para o ser humano se situar e se organizar em suas atividades sociais.

Esse tempo disponível muitas vezes é forjado pelo indivíduo no seu cotidiano. É neste tempo que o trilheiro sai para a sua caminhada em trilhas.

Este tempo possui uma relação direta com o espaço. A busca de espaço maior ou menor, num tempo maior ou menor.

Os trilheiros, que ainda não fizeram desta atividade um "esporte" com determinação rígida de distância e tempo, buscam um espaço maior num tempo maior.

Aqueles preocupados em fazer da prática de caminhar, um esporte, determinam distâncias e cronometram o tempo. Há aqui uma contradição, pois buscam espaços naturais, saudáveis para tal prática, e desafiam-se em tempos menores de percurso.¹

1 Este fato foi encontrado na área de pesquisa, só que eram grupo de ciclista participando de competições. Houve uma situação super contraditória. Os organizadores comunicaram a Prefeitura que iria ter o campeonato. Esta por sua vez sentiu-se na obrigação de ajeitar o local para evitar acidentes. Mesmo porque a cidade não comportava assistência hospitalar completa. Dialogando com os participantes, alegaram que quanto mais acidentes geográficos tiver (buracos, pedras, e outros), era melhor, mais desafiante e mais emocionante. Era uma prova de velocidade tanto para subir "up hill" e quanto para descer "down hill". Era testado o menor tempo, o mais veloz. E ainda, buscam lugares bem naturais, com belas paisagens e altos morros (Serra da Mantiqueira). Ora, se a prova é de quem chega primeiro, de quem é mais veloz, e além de ter que se cuidar para não cair, o que é possível desfrutar desse ambiente? Ficou-se o mínimo neste espaço.

As caminhadas realizadas pelos urbanos realizam-se em época estabelecida pelo tempo social, determinado pelo trabalho, atrelado ao feriado/folga, onde se caracteriza a temporada.

Estabelecida também pelo tempo biológico (necessidade biológica), motivada também pelo tempo trabalho (refazer-se para retornar à cidade em melhor estado emocional e físico).

Para o roceiro há tempo de ver o tempo passar. Ele levanta cedo e recebe em seu lar a ajuda necessária. A esposa faz sua marmitta, e os filhos e agregados vão ajudar na roça. Tem tempo para sentar na rede, na cadeira, na beira da rua e ficar conversando com a vizinhança, embora a reclamação da "falta de tempo" tenha sido manifestado.

O tempo do roceiro ainda é determinado pela natureza, ou seja o dia, a semana o ano agrícola, segundo o ciclo germinativo² ajustado às condições metereológicas. É um tempo de esperança, pois na vida germinativa percebe-se desde o nascimento, sua evolução e transformação até sua função final, o alimento gerado. Não é um tempo forjado pelo homem. Na época de chuva, deve-se plantar. Terminado o plantio, outras coisas podem ser realizadas, onde o tempo e o clima os orienta, como participar de romarias.

O tempo "continuação" do roceiro pode ser marcado pela procriação. O nascimento de um representa a passagem do conhecimento de seu grupo social, o qual dará continuidade

com sua nova reprodução. Essa situação aparentemente não ocorre com o citadino em relação as suas atividades, as quais parecem fazer sentido mais para o indivíduo isolado, do que para o grupo social.

Participar de romarias pertence a um tempo votivo, onde dedicam-se muitas horas de caminhadas. Este tempo também pertence ao tempo natureza, ou seja, o tempo germinativo e climático, o qual determina o período da atividade.

O tempo do trilheiro é determinado pelo relógio: hora de apanhar o ônibus, hora de iniciar o trabalho ou ir à escola, hora de comer, e assim por diante.

No tempo dos finais de semana, feriados e férias, onde "nenhum dever" lhe chama, vai caminhar, vai descansar andando.

Muitos caminhantes quando se encontram num local natural, onde sentem prazer, se expressam: "Se eu pudesse eu ficaria aqui pra sempre." Mas quando indagados por que não realizam isso alegam não poder pois a sobrevivência está na cidade, enquanto outros dizem gostar da agitação da cidade.

A permanência nestes locais é temporária. Os trilheiros vão, mas têm a certeza do breve retorno ao local de convívio.

O êxtase durante a caminhada, desenvolve um sentido atemporal, por alguns minutos. Quando o clima do ambiente penetra na pessoa, tem-se um tempo que não se vê passar.

O tempo do trilheiro é fragmentado pelo sentido atribuído às atividades básicas naturais e às construídas socialmente.

O lazer do homem urbano é o tempo dedicado às atividades de não-obrigação, depois do trabalho, das necessidades satisfeitas.

Ele vive numa sucessão de tempos. Horas, dias, semanas. Hora de executar determinadas atividades básicas, como por exemplo, a alimentação. Os dias semanais: sábado e domingo com folga das obrigações. As temporadas, as férias, tempo prolongado da desobrigação trabalhista e/ou escolar.

Nas suspensões das obrigações o cidadão urbano tem que aproveitar, porque a qualquer momento a morte pode chegar, ou "a vida é curta".

A resistência à imposição de novas formas e modos de vida do roceiro deve ser levado em consideração. Talvez corresponda "a um esforço desesperado no sentido de não perder contato com o ser"(ELIADE, 1992,p.81), a perda de si próprio.

O roceiro ainda permanece num tempo natural, cíclico. Está sempre retornando ao tempo anterior. Isto pode ser considerado por meio da repetição dos gestos de outros no manuseio do ambiente. E como diz ELIADE,(1992) "sempre vive num presente atemporal". E ainda cita a lua como um elemento importante dentro de sistemas "primitivos". "Se a lua de fato serve para 'medir' o tempo, se as fases da lua,

muito antes do ano solar e de maneira muito mais concreta - revelam a unidade de tempo (...) ao mesmo tempo, o 'eterno retorno'".(p.78). Além disso, a lua desempenha um papel importante, um arquétipo para duração mais prolongada no sentido de humanidade.

O tempo mítico para o trilheiro está atrelado ao retorno a um espaço sentido, preservado, tornando-se sagrado. Concomitantemente, é um tempo de folga imposto pela vida social, como se estivesse cuidando de si.

O tempo da romaria é o retorno ao tempo cíclico para a repetição do mesmo gesto, a promessa.

O tempo do roceiro é o retorno ao espaço do trabalho a ser executado num tempo cíclico da germinação e colheita.

5 - CORPOREIRDADE

"A relação dos homens com suas necessidades naturais não é simplesmente um relação com a Natureza: sofre a mediação de uma Cultura que imprime nela as suas próprias concepções."
(RODRIGUES,1975, p.125)

5.1 - O CORPO CAMINHANTE TRANSFORMANDO(SE)

ENGELS coloca a respeito do processo da hominização: "Com a posição ereta, o homem adquiriu assim duas mãos livres e hábeis, meio adequado para as mais

delicadas operações e o tentear persistente à procura de idéias novas e claras..."(ENAUDI, 1989, p.307). Os pés deram o suporte, a segurança para a libertação das mãos. Acessaram povos e os locais, por meio de trilhas construídas, por mãos e pés. Deixaram marcados tanto o solo como a vida da humanidade. Como as mãos fabricaram seus utensílios e sua cultura, os pés também o fizeram.³

O ato de caminhar está estabelecido por um diálogo entre o indivíduo e o mundo. Vários motivos conduzem o indivíduo a tal prática. Os motivos se assim posso colocar, seriam, por exemplo, "o esgotamento emocional" produzido pelo seu modo de vida, no caso dos trilheiros.

Dentre o grupo roceiro existem pessoas que participam ou têm como prática a Romaria. Estas romarias acontecem a pé, a cavalo, de caminhão e de ônibus. Alguns para pagar uma promessa, outros para companhia aos promesseiros ou até mesmo como excursão e divertimento.

Quando em caminhão, muitas vezes, mulheres, crianças e a bagagem vão em cima do caminhão. Os homens vão atrás caminhando. O caminhão segue em frente e espera os que estão a pé, recolhendo no caminho, os que cansam. Porém, os promesseiros devem cumprir o trajeto a pé, parando em cidades para pouso.

Os que vão a cavalo, em alguns momentos, descem do

³ "Peão vem do latim 'pedone', que antes de significar 'soldado da infantaria', indicava simplesmente o indivíduo que andava a pé, e por extensão sugeria 'plebeu'".(FERNANDES,1982,p.19)

animal, cobrindo um percurso a pé, para aliviar o animal. Utilizam-se das estradas de terra, cortam caminho por trilhas e por estradas de asfalto.

Caminhando posso adotar, descobrir, criar regras sociais e transmiti-las. Caminhar em busca da terra prometida, para comer, para habitar, para reproduzir, para migrar, nomadear, para construir canoa.

Sobre o caminhar em ambientes naturais, vem o questionamento a respeito do caminhar na cidade. Onde está o prazer e o desprazer?

As grandes distâncias percorridas em épocas passadas, pelo roceiro, atualmente resumem-se a uma média semanal de 10 a 12 quilômetros, incluindo compras e o trajeto diário para o trabalho na roça, onde o movimento corporal é intenso.

O homem citadino parece ter perdido a possibilidade de locomoção, pois o advento da tecnologia substituiu ao longo da história a prática de longas caminhadas. Hoje, ao caminhar por matas e vegetações tenta retornar ao sentido anterior.

Saturado do confinamento, das obrigações sedentárias, do esgotamento advindo do modo de vida urbano, caminha-se horas e quilômetros na tentativa da recomposição. Cansa-se caminhando, cansaço dito por eles "relaxante".

Um dos pontos notados foi o prazer do cansaço enquanto se caminha, pelos dois grupos. No caso do turista, "o cansaço é diferente, é prazeroso, é diferente do cansaço

do esforço da cidade".

Para o camponês, o esforço físico, o suor relacionam-se à **produção da terra**, à criação da vida no campo, mesmo percebendo que seria ótimo ter um carro. Caminham pelo fato do "estar acostumado a andar, a se cansar", a não desistir desse fazer cotidiano.

O ato de caminhar por vários dias pressupõe acampar e/ou buscar locais para alojar-se. Despojar-se do conforto e do aconchego da sua morada. Os usuários dessa prática devem adquirir novos hábitos de higiene, convivência e sobrevivência. O que significa essa busca por novas relações com o ambiente natural e social? Pode ser a necessidade da fuga do cotidiano, a busca de aventuras, a necessidade do retorno à origem natural. Após a experiência, todos desejam retornar ao seu cotidiano. Vêm nutrir-se de natural para aguentar o cotidiano social.

Nas caminhadas de longo duração às vezes é necessário a prática de acampamento utilizando-se de equipamentos, os quais não são considerados de primeira necessidade. Custam muito caro, além de que por mais que se tome cuidado é necessário substituí-los.

Os fabricantes destes equipamentos realizam pesquisa para melhorar a qualidade e aperfeiçoarem seu produto (os equipamentos). Usam da mais alta tecnologia para fabricá-los. Como a tecnologia avança a cada segundo, o que foi utilizado antes com menor "qualidade", agora existe com maior "qualidade". Os produtos são descartáveis e

substituídos. As pessoas exigentes em conforto, influenciadas pelos meios de comunicação, deverão pagar muito caro por uma atividade dita "natural".

As pessoas menos dependentes destas condições tecnológicas, exploram as condições favoráveis e desfavoráveis do ambiente, não substituindo a experiência da descoberta. O que ocorre com as indústrias que se utilizam da tecnologia é que elas descobrem por todos, no laboratório.

Toda manifestação corporal humana tem um significado atribuído pelo grupo social. Essa manifestação abrange a maneira dos indivíduos se expressarem, aparente a qualquer observação mais atenta. MAUSS (1974) coloca que toda atitude corporal responde ao que ele chama de "técnica do corpo", correspondente a cada cultura. Explica que cada sociedade tem uma educação para o aprendizado do movimento humano, tornando-se "habitus", exigido e adquirido, de razões práticas coletivas e individuais. Os atos são imitados, reconhecidos, aceitos, ordenados, autorizados e aprovados pelo imitador, conferindo-lhe um ato social. Dá como exemplo a maneira do andar das mulheres maori (Nova Zelândia):

"... As mulheres indígenas adotam um certo "gait" (a palavra inglesa é deliciosa): ou seja, um balanceamento destacado e, não obstante, articulado das ancas que nos parece desgracioso, mas que é extremamente admirado pelos maori. As mães adestram as filhas nesta maneira de fazer o que se chama de

"onioi"(...) Era uma maneira adquirida, e não uma maneira natural de andar"(p.214 - 216)

5.2 - POR ENTRE SINAIS

A linguagem em comunicação humana é formada de códigos, símbolos, conceitos, sinais, gestos, auxiliando a compreensão da leitura do mundo. Esta relação é complexa, pois os três fatores devem estar em correlação para realmente auxiliar de quem faz uso.

Isto relaciona-se com a questão cultural. Quando os sinais forem criados para serem usados pelos membros do mesmo grupo social, a decodificação parece ser facilitada.

Quando os sinais criados forem usados por membros de outros grupos, terão que usar vários recursos extras ao simples sinal, para decodificar o código (a mensagem).

Podemos citar como exemplo o sistema de código de trânsito brasileiro, utilizado nas cidades. Algumas placas podem ser de difícil entendimento para estranhos não familiarizados com o seu conteúdo, como o da seta indicando seguir em frente. Uma possível interpretação poderia ser "para cima", confundindo o usuário não acostumado com essa convenção. Os pedestres também incorporam tais sinais mesmo não sendo motoristas.

Nos ambientes naturais em épocas passadas, os sinais nas matas eram um sistema de orientação auxiliando os

transeuntes.⁴

"Todas as sociedades se aproveitam dos sentidos para codificar o mundo, não se pode negar. Entretanto, toda sociedade codifica esses próprios sentidos."(RODRIGUES, 1975, p.102)

Respeitar os sinais e códigos existentes em grupos sociais é uma questão de educação cultural. Esse respeito está introjetado na participação da cultura.

O respeito a sinais e códigos alheios ao nosso grupo social, implica numa informação sobre estes, onde está implícito um processo histórico, com o surgimento de significados para sinais e símbolos.

Nesse processo educativo estão presente a "Educação formal" (escola) e informal (cotidiana). O indivíduo no seu grupo vai aprendendo a considerar o diferente, a diversidade, e a respeitar os modos de comunicação.

Os sinais apresentados na cidade e num ambiente rural apresentam diferenças, pois pertencem a grupos sociais distintos.

O indivíduo citadino pode portar-se de diferentes formas quanto a isso. Pode haver uma atitude de compreensão e aceitação, como outra de desrespeito e imposição.

A transgressão aos códigos tem o lado positivo de provocar o avanço e transformação da sociedade, desde que

⁴ Esta passagem está etnografada no Capítulo Corpo e Ambiente.

seja do grupo social onde esses códigos pertencem.

Há dois tipos de aprendizado neste estudo: o do **roceiro** que aprende e constrói seu aprendizado no local onde vive, transmitindo oralmente e pela **tradição**⁵. O do **turista**, que aprende essencialmente pelos **meios de comunicação ou Escola**, através de autores, muitas vezes, estranhos à sua realidade. Transmitem-se conceitos já formados ou "deformados" não aprendidos na experiência cotidiana como no caso dos roceiros. Torna-se difícil a construção do sentido e até mesmo sua compreensão.⁶

A **percepção ambiental** como uma forma de conhecimento, apresenta-se diferentemente nos dois grupos. Para o roceiro é o seu cotidiano, sua vida, seu ser, seu fazer. Para o turista é admiração, indignação, seu lazer, seu esporádico. No caso de trilheiros, percebe-se que o seu caminhar está se constituindo numa forma de conhecimento.

Os trilheiros mais experientes estão correlacionando os aspectos geográficos com os comportamentos corporais. A maioria escolhe o local de caminhada relacionado ao tempo cronológico, devido a

5 O termo **tradição** não tem o significado de estático, tem sua lógica, sua dinâmica e seu significado próprio de onde ela pertence. Ela tem um porquê.

6 Não precisamos irmos tão longe, é só verificarmos os conceitos passados pela escola do que é Folclore. O Folclore sempre é o do **outro**. A Escola não consegue trabalhar o seu próprio conceito de Folclore. Até parece que o cidadão não o tem. Coloco isto, no sentido de tratar o conceito de **trilha** que foi criado pelo cidadão e que é pouco aceito e reconhecido pelo roceiro, onde inclusive se encontra a própria trilha.

proximidade do local de moradia e ao tempo disponível para caminhar, como aos acidentes geográficos e às condições físicas.

No caso do trilheiro, vamos encontrar transmissões pela comunicação oral. Quatro maneiras podem ser evidenciadas:

A primeira, por aqueles que viajaram para realizar uma caminhada, gostaram, e transmitem informações sobre o local: como chegar, o que ver, quem procurar e outros.

A segunda maneira por aqueles trilheiros que retornam, passando as informações para determinadas pessoas reservadamente, por não desejarem "congestionamento" no local.

A terceira refere-se ao discurso do momento ecológico, o qual estamos passando, associado ao culto ao corpo.

Destas podem surgir vários "oportunismos", desde pequenos grupos promovendo atividades relacionadas com o binômio Homem/Natureza até utilização política em grande escala, como prática de denúncias globais.

A quarta maneira, defendida pelos ecologistas e cientistas, é via educação-escola, onde a questão ambiental está sendo evidenciada.

Corpo e ambiente, como nos mostra TAMBOER (1979) encontram-se em estreita relação: "...movimentar-se é, ao lado do pensar, do falar, entre outros, uma das muitas formas nas quais a correlação original (...) entre o homem e

o mundo se manifesta (...). O conhecimento pleno de sentido e adequado do movimentar humano tem de orientar-se pela interdependência, que desde sempre existiu, entre homem e mundo". (xerox, p.9-13).

O ambiente, o corpo e o conhecimento do ambiente ou do próprio corpo estão inter-relacionados.

Assim como as mãos, segundo Engels acrescentava: "A mão, sozinha, não teria nunca construído a máquina a vapor se, correlativamente, o cérebro humano não se tivesse desenvolvido com ela, e em grande parte através dela (...) A especialização da mão significa o instrumento: o instrumento significa a actividade humana específica, a reacção transformadora do homem sobre a natureza, a produção"(ENAUDI, 1989, p.305).

O ato de caminhar constitui-se além do movimento biológico e mecânico de andar. O caminhar se faz, é uma construção social.

Atualmente o corpo do urbano tem o carácter de intimidade, do isolamento, ele busca estes aspectos quando caminha.

O corpo representa para o urbano o que a terra representa para o roceiro.

A consciência corporal mostra-se diferente entre os dois grupos. O roceiro não distingue a consciência corporal do seu esforço, cansaço, do seu instrumento de trabalho. Não necessita dessa definição. Seu corpo é sua vida, não se distanciando dela. Não vai para a cidade descansar.

O turista usa essa expressão (consciência corporal), pois necessita dela, para se expressar e explicar, distanciar-se do seu cotidiano magante e massacrante. Foge do seu cotidiano. Altera sua rotina, seu ritmo, seu ponto de vista, para se perceber.

Esta consciência corporal está relacionada à consciência ambiental, pois embora em ambos os grupos "doa o corpo", a dor é distinta. Ambos os corpos dão no seu cotidiano, cotidiano este, expresso no modo de lidar com o ambiente onde está inserido. A dor no trabalho da subsistência, se recompõe a cada dia, a cada viver. A dor da sobrevivência, se recompõe a cada cansaço, na reposição do desgaste.

Na relação corpo/ trabalho, coloca-se a questão do onde, como e para que se trabalha. A que nível e o quê o trabalho satisfaz e realiza no ser humano?

O roceiro caminha para e no trabalhar, sentando para descansar.

O cidadão trabalha parado/sentado e caminha/anda para descansar.

O andar está relacionado ao "viver" social dos seus pares na relação da roça, e ao "convívio" social ou "entre amigos" na relação urbana.

REFERENCIA BIBLIOGRAFICA

- ABREU, J.Capristano. *Obras de Capristano de Abreu: caminhos antigos e povoamento do Brasil*. 4.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.
- ALMEIDA, Josimar Paes de. *A extinção do Arco-Iris: ecologia e história*. Campinas:Papirus, 1988.
- ANSART, Pierre. *Ideologias, conflitos e poder*. Rio de Janeiro:Zahar, 1978.
- ANTUNIASSI, Maria Helena Rocha e outros. *O movimento ambientalista em São Paulo: análise sociológica de um movimento social urbano*. CERU São Paulo:Ed. Profa. Olga Rodrigues de Moraes von Simson, 1989.(coleção textos-2a série-no.2).
- AKOUN, André(dir). *Dicionário de Antropologia*.França: Verbo, 1972-1983.
- AVILA-PIRES, Fernando de.*Princípios de ecologia humana*: CNPQ, Porto Alegre: Universidade, 1983.
- BACZKO, B..*Imaginação social*,in: Enciclopédia Einaudi (Antropos homem).Casa da Moeda, edição portuguesa, 1985.
- BARANDIARAN, José Miguel de .*Guia para una encuesta etnográfica*: Sociedad de Estudios Vascos.
- BARBUY, Santiago. *O espaço do encontro humano*. São Paulo: Cultura Espiritual, 1980.
- BASTIDE, Roger. *Antropologia aplicada*. São Paulo: Perspectiva, 1979.
- BECK,,Sérgio. *A aventura de caminhar*. São Paulo:Agora, 1989.

BELMONTE (pseud.) *No tempo dos Bandeirantes*, 3.ed.

São Paulo: Melhoramentos, s.d..

BERGER, Peter L. e LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade*. Petrópolis:Vozes, 1973.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Pesquisa Participante*. 7a.ed.

São Paulo:Brasiliense, 1988.

_____ *Repensando a pesquisa participante*. 3.ed.

São Paulo:Brasiliense, 1987.

_____ *Festim dos Bruxos*. Campinas: Unicamp;

São Paulo: Icone, 1987.

_____ *Sacerdotes de Viola: rituais religiosos do catolicismo popular em São Paulo e Minas Gerais*.

Petrópolis:Vozes, 1981.

_____ (por) *Relatório HOSANA -FAPESP/91/0750-9*,

Campinas:Unicamp, 1993.

BRUYNE, Paul de et al. *Dinâmica da pesquisa em*

Ciências Sociais, Rio de Janeiro:Francisco Alves, 1977.

BRUGGER, Walter. *Dicionário de filosofia*. 2.ed. São Paulo:

Herder, 1969.

CANDIDO, Antonio. *Os parceiros do Rio Bonito: estudo sobre o caipira e a transformação dos seus meios de vida*.

2.ed. São Paulo:Duas Cidades, 1971.

CAMPOS, Marcio D'Olne. *Saber mágico, saber empírico e outros saberes na Ilha de Búzios*. In: EULALIO, Alexandre et al.

Caminhos Cruzados. São Paulo:Brasiliense, 1982.

CAPELATO, Maria Helena. *O movimento de 1932 a causa paulista*.

São Paulo: Brasiliense, 1981 (col. Tudo é história).

CAPRA, Fritjof. *O ponto de mutação*. São Paulo: Cultrix, 1982.

COELHO, Paulo. *As Walkírias*. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

COMISSÃO DO REAL INSTITUTO DE ANTROPOLOGIA DA GRÁ

BRETANHA E DA IRLANDA. *Guia prático de antropologia*.

São Paulo: Cultrix, 1971.

CORBIN, Alain. *Território do vazio. A praia e o imaginário ocidental*. São Paulo: Schwarcz, 1989.

CRESPO, Jorge. *A História do Corpo*.

Rio de Janeiro: Berthand; Lisboa: Difel, 1990.

CROSBY, Alfred W.. *Imperialismo ecológico*. Barcelona:

Crítica, s.d..

Distrito de São Francisco Xavier. *Plano de Metas*.

Prefeitura de Planejamento e Meio Ambiente. Departamento de Planejamento Territorial e Urbanismo, 1991.

DONATO, Hernâni. *Achegas para a história de Botucatu*.

3.ed. Botucatu: Banco Sudameris Brasil: Prefeitura

Municipal de Botucatu, 1985.

DUMAZEDIER, Joffre. *Sociologia empírica do lazer*. São Paulo:

Perspectiva, 1979.

DURKHEIM, Emile. *Sociologia e filosofia*, 2. ed. Rio de

Janeiro: Forense-Universitária, s.d..

EMPLASA. *Projeto de regulamentação e implantação do APA*

"*Bacia Hidroelétrica do Rio Piracicaba e Rio Juqueri-*

Mirim"-Secretaria da Habitação e desenvolvimento Urbano,

abril/90.

- ELIADE, Mircea. *Mito do Eterno Retorno*. São Paulo: Mercuryo, 1992.
- ENCICLOPEDIA EINAUDI. *Anthropos-Homem*. vol.5, Imprensa Nacional- Casa da Moeda, 1985.
- _____. *Região*. vol.8, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1986.
- _____. *Homo-Domesticação-Cultura Material*. vol.16, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1989.
- FERNANDES, Rubem César. *Os cavaleiros do Bom Jesus: uma introdução às religiões populares*. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- _____. *Romarias da paixão*. RJ: ROCCO, 1994.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, 1.ed., 14a. impressão, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.
- FERREIRA, Lúcia da Costa Ferreira. *As questões ecológicas e as classes sociais. Textos Nepo*, Campinas: Unicamp, 12, 1987.
- GARAUDY, Roger. *Dançar a Vida*. 4.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*, Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- GOMES, Neide. *Joãoópolis: Jóia da Mantiqueira*. SP: USP Escola de Comunicação e Arte, 1993.
- _____. (Dissertação Mestrado em Turismo).
- GONÇALVES, Carlos Walter Porto. *Os (des)caminhos do meio ambiente*. São Paulo: Contexto, 1989.

- GOULART, José Alípio. *Tropas e tropeiros na formação do Brasil*. Rio de Janeiro: Conquista, 1961 (Temas brasileiros, v.4).
- GUATTARI, Félix. *As três ecologias*. Campinas: Papyrus, 1990.
- GUIMARAES, Alba Zaluar. *Desvendando máscaras sociais*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.
- HOLANDA, Sergio Buarque. *Caminhos e fronteiras*. 2.ed ilus. Rio de Janeiro: J.Olympio, 1975. (doc.brasileiros, v.89).
- _____. *Monções*. 2. ed. São Paulo: Alfa-Omega, 1976.
- IBGE. Secretaria do Planejamento e Orçamento. Sinópse preliminar do censo demográfico 1991 São Paulo No.19. Fundação Instituto B.G.E., v.1.
- JAPIASSU, Hilton-MARCONDES, Danilo. *Dicionário Básico de Filosofia*, 2. ed revista, RJ: Zahar, 1991.
- KRIPPERDORF, Jost. *Sociologia do Turismo: para uma compreensão do lazer e das viagens*. Civilização Brasileira, 1989.
- LAGO, Antonio e PADUA, José Augusto. *O que é ecologia*. São Paulo: Abril Cultural, Brasiliense, 1985. (coleção Primeiros passos).
- LAPLANTINE, François. *Aprender Antropologia*. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- LARA, Elizabeth Rizzato. *O gaúcho a pé*. CESPE. Porto Alegre: Movimento/APESC, 1985.
- LECTA-Universidade São Francisco, Bragança Paulista: EDUSP, 1993. (Vol.11, no.1.

- LEVI-STRAUSS, Claude. *O Pensamento Selvagem*. 3.ed..
São Paulo:Nacional, 1976.
- LIMA, Lourenço Moreira. *A Coluna Prestes: Marchas e Combates*. São Paulo:Alfa-Omega, 1979, (Coleção Política, série 1a., v.8).
- LIMA, Maria José Araujo. *Ecologia humana, realidade e pesquisa*. Petrópolis:Vozes, 1984.
- MAIA, Tom e Maia, Thereza Regina de Camargo. *O folclore das tropas, tropeiros e cargueiros no Vale do Paraíba*.
São Paulo:Funarte, 1980.
- MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia*. Tradução de Mauro W.B. de Almeida. São Paulo:E.P.U.; EDUSP, 1974.
- MEDINA, João Paulo Subira. *O Brasileiro e seu corpo: educação e política do corpo*. Campinas:Papirus, 1987.
- MEGALE, Januário Francisco. *Geografia e Sociologia em Max.Sorre*. São Paulo:PNPE, 1983.
- MEIRELES, Cecília. *Cânticos*. 3 ed., SP: Moderna, 1983.
- MEYER, Marlyse e MONTES, Maria Lucia. *Redescobrimdo o Brasil: A festa na política*. São Paulo:T.A. Queiroz, 1985.
- MORA, José Ferrata. *Dicionário de filosofia*. Buenos Aires: Sudamericana, 1975.
- MORIN, Edgar. *O Método: a Natureza da natureza*.
Europa-América: Biblioteca Universitária, 1977.
- MOSCOVICI, Serge. *A representação social da psicanálise*.
Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- MOTTA SOBRINHO, Alves . *A civilização do café: (1820-1920)*
2.ed. s.l. Brasiliense, s.d..

- MOURA, Margarida Maria. *Camponeses*. São Paulo:Atica, 1986. (série princípios).
- MUSSOLINI, Gioconda. *Ensaio de antropologia indígena e Caiçara*. Rio de Janeiro:Paz e Terra, 1980.
- NEIMAN, Zysman. *Era verde? ecossistemas brasileiros ameaçados*. 5.ed. São Paulo:Atual, 1989.
- NICOLAIDIS, Nicos. *A representação*. São Paulo:Escuta, 1989.
- NUNES, Edson de Oliveira (org). *A Aventura Sociológica*. RJ: Zahar, 1978.
- PARLEBAS, Pierre. *Perspectivas para una Educación Física moderna*. Junta de Andalucia:Unisport Andalucia, 1987.
- PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura. *Bairros rurais paulistas*. SP:Duas Cidades, 1973.
- PESSOA, Fernando. *Ecologia e território-regionalização, desenvolvimento, ordenamento do território numa perspectiva ecológica*. Porto:Afrontamento, 1985. (Viver é preciso, 16).
- PIRSIG, Robert M.. *Zen e a arte da manutenção de motocicletas. Uma investigação sobre valores*. 5.ed, Rio de Janeiro:Paz e Terra, 1984.
- POSEY, Darrell A.. *Etnobiologia: teoria e prática*, In: RIBEIRO, Darci. *Etnobiologia brasileira*, Petrópolis:Vozes, 1986.
- PRITCHARD, E.E.Evans. *Os nuer*. São Paulo:Perspectiva, 1978.
- RODRIGUES, José Carlos. *O tabu do corpo*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1975.

ROLIM, Iara C.P. *Relatório de pesquisa-FAPESP*, Campinas:
Unicamp, 1993.

ROUYER, Jacques. *Pesquisa sobre o significado humano do
desporto e dos tempos livres*. In: Jacques Rouyer, et alli.
Desporto e desenvolvimento humano, Lisboa: Seara nova,
1977.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. *1779-1853: viagem à província de
São Paulo*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1976.
_____. *Segunda viagem do Rio de Janeiro
à Minas Gerais e a São Paulo, 1822*. Belo Horizonte:
Itatiaia ; São Paulo: EDUSP. 1974.

_____. *Segunda Viagem a São Paulo e
Quadro histórico da província de São Paulo*. São Paulo:
Livraria Martins, 1958.

SANTOS, Milton. *Pensando o espaço do homem*. São Paulo:
Hucitec, 2.ed, 1986.

SÃO JOÃO DO CURRALINHO, *Collecção das Leis e Decretos
da Câmara Municipal*, 1897.

SÃO PAULO. Secretaria do Estado da Cultura. *Censo cultural
90. Interior e litoral*, São Paulo, 1990.

SÃO PAULO. Secretaria Economia e Planejamento. Coordenadoria
de Ação Regional. *Atlas regional do Estado de São Paulo*.
SP: 1978.

SÃO PAULO. Secretaria de Estado do Meio Ambiente.
APA-Piracicaba/Juqueri Mirim II - Pólo tecnológico.
EMPLASA: SP, dez 1991.

SÃO PAULO. Secretaria do Meio Ambiente. *Educação Ambiental em unidades de conservação e de produção*. São Paulo: 1991, (série guias).

SÃO PAULO. Secretaria do Meio Ambiente. *Trilha do Picadão da Barra-Núcleo Picinguaba, Parque da Serra do Mar*. São Paulo, s.d., (catálogo).

SEBRAE. *Diagnósticos de Potenciais Econômicos. Joanópolis*.

SILVA, Benedito (coord.). *Dicionário de ciências sociais*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1986.

SILVA, Marcelo J.B.. O gesto justo no jogo ou o jogo de ajustar o gesto. revista *Trino*, (xerox).

SILVA, Moacir. *Kilometro zero: caminhos antigos-Estradas modernas*. Rio de Janeiro: autor, 1934.

SPIX E MARTIUS. *Viagem pelo Brasil 1617-1620*. 3.ed. SP: Melhoramentos, Brasília, 1976. (vol. I).

TAMBOER, Jan. *Movimentar-se : um diálogo entre o homem e o mundo*. Hamburgo, 1979. (xerox)

THOMAS, Keith. *O homem e o mundo natural: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais, 1500-1800*. São Paulo: Cia da Letras, 1988.

TODOROV, Tzvetan. *A conquista da América*. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1982.

TUAN, Yin-Fu. *Espaço e lugar*. São Paulo: Difel, 1983.

TUAN, Yin-Fu. *Topofilia*. São Paulo: Difel, 1980.

TURNER, Vitor W.. *O Processo Ritual: estrutura e antiestrutura*. Petrópolis: Vozes, 1974.

VERA, Armando Asti. *Metodologia da pesquisa científica*.

1.ed., Porto Alegre:Globo, 1974.

VIEIRA, Hermes. *Bandeiras e escravagismo no Brasil*, São Paulo: Secretaria Cultura, Esportes e Turismo, Conselho Estadual de Cultura, 1967. (História, v.5).

VOLPATO, Luiza Rios Ricci. *Entradas e Bandeiras*. São Paulo:Global, 1986. (História Popular, n.2).

WILHELM, Richard. *I Ching: o livro das mutações*.

São Paulo:Pensamento, 1956.

WILLIAMS, Raymond. *O campo e a cidade*. São Paulo:Cia das Letras, 1989.

ARTIGOS

-Um caminho independente. Revista *Ecologia e Desenvolvimento*. Ano 1 - no.9

-Mapas e cartógrafos. *Correio da Unesco*, No.8, agosto, ano 19, 1991.

-Amazônia. A morte das árvores. *Ecologia e desenvolvimento*. ano 2 no.13.

-O caminho de Santiago: uma jornada mística em terras de Espanha: *Claudia*, agosto 92